JOAQUIM MANOEL DE MACEDO

# A NAMORADEIRA

TERCEIRO VOLUME

N. 48 SUPPLEMENTO ROMANTICO DO "JORNAL DO BRASIL"

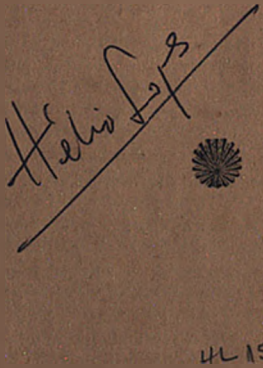
9332

6ª parte 18-

J. M. de Macedo

# A NAMORADEIRA

TERCEIRO VOLUME



HL 1520

RIO DE JANEIRO
Officinas Graphicas do "Jornal do Brasil"
—1892—

HL
869.9332
M141w
v.3

# VII

Rosina ainda esperava... e o dia lhe pareceu moroso.

Ursini tomou uma hora á filha, esforçando-se por convencel-a a prestar-se á ultima combinação de Ernesto, e portanto a fingir-se disposta a casar com Propicio.

Rosina deixou o pae fallar quanto quiz, e no fim disse-lhe friamente:

— Não, senhor.

O italiano coçou a cabeça, e perguntou:

— Porque?... minha filha.

— Porque basta, meu pae.

— Mas se pouco falta para acabar!...

— E' que nunca devia ter principiado... isso, que vossa mercê pretende que ainda continue.

Rosina fallava triste; mas tão calma e segura que Ursini tornou a coçar na cabeça.

A filha proseguiu, dizendo:

— Em primeiro logar não quero que meu tio imagine que eu me sujeitaria...

— Mas se é para illudir a minha soberba comadre! Propicio vae mudar de rumo e de projecto de casamento...

— Nem assim; porque em segundo logar desde hoje deixarei de apparecer ao senhor Ernesto, quando elle aqui vier.

Ursini olhou attentamente para a filha e disse:

— Ahi anda mais do que capricho... anda amor que te desnorteia... é claro: ha um mez que o penso...

Rosina não respondeu; desviou, porém, os olhos, fugindo aos do pae.

— Já não tens bastante confiança em mim... estou vendo porque e te perdôo... mas vê bem que erras... não tenho necessidade da tua confissão para conhecer o teu segredo... é tão

facil!... julgas que eu não sei reflectir sobre as alterações do teu genio, e mudança do teu proceder, e combinal-as com uma data, o certo facto?...

Rosina perturbou-se um pouco.

— Foi ha um mez... não... foi ha mez e meio a exposição da Academia das Bellas Artes, e o caso do quadro da *visão do Tasso*... jubilo então... e poucos dias depois revolução completa!... ora isto já é meio caminho andado para a descoberta...

Rosina interrompeu Ursini, e, embora sem olhal-o, disse abalada, mas positiva:

— Sim, meu pae, amo Angelo.

— Que novidade!... só o meu compadre Ernesto era capaz de não adivinhal-o!...

E mudando de tom, proseguiu:

— Pela Madonna!... Angelo é trigo sem joio: se o apanhares nos laços do teu amor, dar-me-ei por feliz: é pena que elle seja um pouco estroina, e não comprehenda o — *a b c* da vida.

— Ah, meu pae!... foi esse seu *a b c* da vida que me fez mal e me infelicitou!...

Ursini amava a filha a seu modo, contrangeu-se, notando a grande dôr com que ella deixara escapar aquella inculpação ou queixa.

Depois de breve silencio, disse commovido:

— Não me desames... só desejei, só desejo o teu bem...

— Eu o sei; murmurou a filha.

Ursini beijou-a na fronte, e logo continuou a fallar.

— Olha: o mundo dos que amam não é o da realidade: o mundo dos que amam tem delicias e glorias que duram dias, e desilusões, desgostos, privações e amarguras que envenenam a vida toda: o mundo da realidade, que é o dos gozos que a riqueza proporciona, não tem transportes de imaginação, nem poesias; mas assegura aos ricos felicidade suave, commodos, festas, grandezas, luxos e prazeres que só acabam com a morte.

— E a consciencia? e a virtude, meu pae?...

— Ninguem as vê deitadas em esteira pobre, e ninguem delias faz caso empoeiradas no rude trabalho diario, ou enfumaçadas na cozinha por não poder pagar cozinheiro: ninguem as vê; foi por isso que te desejei, que te desejo rica.

Rosina ia responder.

— Não discutamos, disse Ursini: eu estou firme, fico inabalavel nas idéas que bebi em longa e tormentosa experiencia; tu,

porém, amas, e ou sei que diabolica atrapalhação da vida é o amor: amas um homem que é puro e sem figa, reconheço-o...

— Ainda bem!

— Estás por isso incapaz de viver no mundo da realidade; é natural: não briguemos, minha filha! vamos fazer um ajuste, um contracto de mutuas concessões...

—Qual?...

— Eu te dou oito, quinze dias, um mez inteiro de acção livre para que me tragas Angelo a pedir-te em casamento: trabalha, e vence: se precisares do meu concurso em qualquer caso, em todas as hypotheses, conta com elle: durante oito, quinze dias ou um mez eu entreterei o meu compadre millionario, e te libertarei da sua ridicula e grotesca paixão...

— Meu pae!

— Espera: até aqui as minhas concessões ao teu mundo de amor e de poesia; mas no fim de oito, quinze dias ou um mez quero as tuas concessões ao meu mundo da realidade por tempo igual ao que eu te conceder.

Rosina viu um mez deante de si para o amor de Angelo, um mez, quando ella esperava a sua ultima sentença em dous ou tres dias, um mez livre de Ernesto... um mez para a felicidade ou para o desengano...

— Meu pae falla serio?... perguntou.

— Se ou te desejo ver casada com Angelo!...

— Mas Ernesto?...

— Perde-se o dote promettido: mas ficam ao menos as joias e brilhantes que já tens, e o *chalet* que já é teu...

Rosina, que pelo amor honesto se regenerava, corou, ou antes inundou seu rosto com a vermelhidão do sangue que a vergonha abrazava.

No meio dessa vermelhidão passou disfarçada e despercebida uma idéa magnifica, que se escondeu e se abafou sublimemente traiçoeira.

— O *chalet!*... disse ella; oh! Ernesto, desenganado e repellido, m'o tomará por vingança!...

— Impossivel! tenho em meu poder a escriptura de venda...

— A quem?...

— Pois já não te disse?... a ti?... o *chalet* é teu, e ninguem t'o póde arrancar mais...

— Ah! isso é outro caso; mas meu pae não me tinha dado a escriptura de venda...

— Em um momento poderás vel-a... e guardal-a... o *chalet* é teu...

— Vossa mercê me dará a escriptura de venda feita a mim?...

— Querem ver que duvidas!... vou buscal-a, é tua.

— Não duvido; mas naturalmente me será agradavel lel-a e guardal-a.

— Facto consummado daqui a pouco; e o nosso ajuste?...

— Acceito-o, meu pae; o prazo será de um mez.

— E depois do mez de minhas concessões?...

— Serei escrava do seu mundo da realidade.

— Rosina, tu és um anjo!...

— Ah! sou apenas uma mulher, meu pae!...

Ursini deixou a filha; mas pouco depois voltou, trazendo-lhe a escriptura da venda do *chalet*.

Rosina estava então occupada a tocar e estudar musicas de piano; interrompendo-se para receber o papel documental, disse com apparente indifferença:

— Ah! é a escriptura?... que pressa, meu pae?... ou a lerei depois...

— Ursini retirou-se sorrindo e dizendo comsigo:

— Está no mundo da poesia!... deixa a leitura do documento que lhe dá a propriedade do *chalet* que vale alguns contos de reis pelo gozo das notas do piano que se perdem no ar!...

Como a mulher engana facilmente o homem!...

Rosina acabava de enganar a seu pae, apoderando-se de um documento que ella estava arrependida de haver alcançado de Ernesto e que, desde alguns dias, pensava que não devia ficar em poder de Ursini, de quem não o arrancaria, se quizesse rejeital-o, como já ás vezes desejava fazer, quando sonhava a sua terna reconciliação com Angelo.

A misera namoradeira castigada por amor exultou, achando-se senhora dessa escriptura da venda do *chalet*, que suppunha ainda segredo para todos, e acreditava ser-lhe facil annullar, anniquilar, quando lhe aprouvesse, sem que restasse conhecido vestigio da existencia e da origem da doação dissimulada em compra.

O dia tinha de acabar ainda consolador e lisonjeiro para Rosina.

Propicio não se mostrou para vigial-a e disputar-lhe a sahida com sua mãe.

A' noite foram ambas, Joanna e a filha, á casa de Clotilde.

A tia de Angelo e madrinha de Rosina almejava tanto como a comadre o a afilhada o casamento desta com o sobrinho, e approvou com ardor o designio de Joanna.

— Angelo, disse ella, tem o mais generoso e sensivel coração; mas na cabeça excentricidades e idéas, e preconceitos, delicadezas de escrupulos e melindres de pontos de honra, que ás vezes admiro, e ás vezes me enfadam pela exageração: é tão original, como teimoso, coração virgem, e alma exaltada e pura em um mundo de desenganos e de gelo...

— E' assim; observou Joanna.

— Eu trabalho e trabalharei pela tua causa que é tambem minha, Rosina; mas responder pelo bom exito dos meus empenhos, não posso; Angelo tem a cabeça dura, como um rochedo, e é tão simples, e tão timido, como teimoso e pertinaz.

— Eu o sei demais, minha madrinha; murmurou Rosina.

— Mas pelo seu prompto assentimento a ouvir a comadre Joanna, e a conferenciar com ella, não tenho duvida nem em responder, nem em marcar o dia e a hora: seja depois de amanha ás oito horas da noite.

— Nós chegaremos ás sete e meia; disse Rosina.

— Menina! deixa que tua mãe venha só.

— Não, minha madrinha, eu quero ouvir e saber tudo...

— E se o que elle disser a tua mãe te doer muito... te ferir no coração?...

— Paciencia: receberei e ouvirei minha sentença.

— Rosina! Angelo te ama; mas, embora eu nunca lh'as ouvisse, apezar de provocal-o muitas vezes, asseguro que elle tem graves queixas de ti...

— E com razão... em parte...

— Vê bem! eu estou certa de que tua mãe o obrigará a fallar...

— Que falle! que maldiga de mim!...

— Tens animo?...

— Ah, minha madrinha!... tenho amor.

— Pois vem depois d'amanhã.

## VIII

A noite aprazada por Clotilde para a conferencia que Joanna desejára e pedira, tinha emfim chegado.

A's oito horas em ponto Angelo chegou; á sua entrada, porém, Rosina não estava mais na sala.

Encerrada ou occulta na alcova, cuja porta deixara apenas ligeiramente entreaberta, a anciosa donzella ia ouvir a decisão da sua sorte.

Angelo apparentemente calmo, porém trazendo no rosto o cunho da melancolia, tinha depois de saudar ás duas senhoras que se achavam na sala, voltado os olhos talvez sem o pensar, e como se mais alguem procurasse.

— Minha filha não veiu, disse Joanna; e nem convinha que viesse hoje.

Angelo corou, e não respondeu.

Clotilde levantou-se, e disse:

— Quero e devo retirar-me para que fiquem ambos em plena liberdade.

Angelo não se moveu.

Joanna tomou a mão da comadre e amiga e obrigando-a a sentar-se, observou-lhe:

— A tua presença não me acanha, e se o Sr. Angelo permitte...

— Eu, minha senhora?... eu nem sei ainda qual seja o objecto desta entrevista que em todo caso me honra muito.

— Sabe! respondeu Joanna; sabe; e eu começo por dizer-lhe que appello para toda sua generosidade, pedindo-lhe a graça de acreditar que lhe fallarei com a verdade nos labios...

— Ah, minha senhora!...

E o favor ainda não menor de usar commigo da sinceridade mais ampla com a certeza de que poderá assim penalisar-me, mas augmentará a grande estima em que o tenho. Posso contar com o que peço?...

Angelo hesitou.

— Sem a segurança da sua franca e leal expansão, faltar-me-ia o animo... e...

— Prometto-a: disse Angelo, inclinando-se.

Joanna commovida e a principio naturalmente perturbada, fallou, tremendo-lhe a voz.

— Senhor Angelo, sou mãe! ella a desculpa deste passo que ousei dar... e nem assim o daria, se não confiasse tanto na sua honra...

A pobre senhora respirou com angustia e proseguiu, dizendo:

— O senhor... amou minha filha...

— E' verdade!...

— Desejou casar com ella, e recebeu de Romina solemne promessa de amor e de casamento... mas depois...

A mãe estacou refreada pela vergonha.

Angelo vacillava constrangido e amotinado por affectos diversos, pelo amor, pelo brio, pela compaixão que lhe inspirava aquella mãe a soffrer, pelo temor de offendel-a, pela certeza de desagradar e affligir sua tia, pela repugnancia nobre de accusar os erros de Rosina.

Joanna moveu dolorosamente a cabeça e disse:

— Mas depois... sobrevieram... inconsiderações lamentaveis... que...

Angelo interrompeu a pobre mãe, dizendo rapida e irreflectidamente:

— Sim... sim... fui eu! faltei indignamente a minha palavra...

— Senhor!...

— Oh! eu já pedi perdão á sua bella e candida filha... apezar meu fui, tive de ser infiel...

— Ah!... para que isso?... o senhor tinha-me promettido expansão franca e leal...

Angelo retrahiu-se confuso.

— Agradeço-lhe o empenho de poupar minha filha... serei eu a accusadora das suas culpas, sim, culpas; porque ella as tem...

— Minha senhora!...

— O senhor inventou generoso e extremosamente polido uma historia incrivel para explicar a quebra de laços a que sómente o procedimento de Rosina o tinha levado.

Angelo olhou espantado para aquella mãe accusadora da filha, e quasi revoltando-se contra esse crime de lesa-natureza. Elle ainda amava Rosina, e em suas exquisitas contradicções de amante e repulsador da amada não tolerava em nenhum outro, queria só para si e bem occulto o direito de desestimal-a.

Joanna continuou a fallar.

— Senhor Angelo, tomo a Deus por testemunha da verdade do que vou dizer: sou mãe, e impréco a Deus que hoje mesmo faça morrer minha filha, e morrer meu filhinho, se eu mentir, se eu esconder, se eu disfarçar uma só das culpas de Rosina.

A voz de Joanna soára então solemne, firme, e imponente de confiança e de fé.

Ella proseguiu:

— Rosina é culpada de vaidade, de inconsideração, de amor insensato do luxo, de reprehensivel zombaria compromettedora

do seu recato, e até ahi o senhor tem razão; mas se vae além alguma suspeita sua, a suspeita é injusta, é aleivosa; porque, em nome de Deus, eu juro, Rosina é honesta, e guarda zelosa sua pureza de corpo de anjo!

Pureza de corpo de anjo fôra a expressão inspirada pelo delicado amor maternal para claramente indicar o protesto vehemente contra o extremo pensamento calumniador e offensivo da honra da filha.

Angelo recebeu no coração o protesto da mãe de Rosina, recebeu-o com inteira fé depositada no juramento que ouvira, e sentiu-se quasi feliz, bebendo sequioso esse conforto do seu amor enegrecido muitos vezes por conjecturas sombrias e horriveis.

Mas Joanna tinha de ir além; era força que depois de affirmar aquella pureza de corpo de anjo confessasse a impureza da alma da namoradeira; ella quiz fazel-o com a maior verdade, e conforme se impuzera pela mais tremenda imprecação; fallou pois a tremer, a martyrisar-se, accusando a filha; accusou-a porém como mãe que era; attenuando circumstancias que aliás aggravavam-lhe as culpas, e deixando sempre transpirar escusas que apadrinhavam a leviandade.

Joanna ficou bem longe da severa franqueza que jurara ter; em seu coração, porém, julgou que dissera demais, e Deus sem duvida perdoou a deficiencia da confissão.

Ainda assim Angelo conturbou-se intimamente indignado da perversão do pae que ensinara a filha á ser indecorosa por ambição, á negociar com fingimentos de amor, e a deixar-se galantear por um homem casado; e não menos se escandalisou da facil condescendencia da filha, vendo estrago de sensibilidade, e olvido de pudor de donzella na habilidade suspeita com que Rosina tinha conseguido fazer do insolente seductor escravo seduzido e desgraçado.

Angelo sabia por certo já tudo quanto acabava de ouvir, sabia talvez mais, muito mais ainda; mas achava muitas vezes consolação, a negociar com fingimentos de amor, e a deixar-se galantão sahiam confessos da boca de sua propria mãe.

O mancebo escutara em silencio, e quando Joanna terminou, ainda se manteve em sinistra mudez.

A mãe extremosa e infeliz leu na fronte encrespada de Angelo, leu por entre as lagrimas que enchiam seus olhos a condemnação da filha, e acudindo-a depressa, disse:

— Mas agora... desde mais de um mez... olhe.. Rosina amou-o sempre... amou-o!...

— Impossivel!... exclamou Angelo.

— Amou-o, eu sei; mas desde que, indo á exposição da Academia das Bellas Artes, viu o seu quadro da *visão do Tasso*, minha filha tornou-se outra... oh! nem pensa.

Angelo não se commoveu.

— Ella se suppunha desprezada pelo senhor... perguntou-o a sua tia... uma falsa amiga o havia intrigado... Rosina pensava que o senhor amava outra mulher, e que ia casar com ella.

— Eu te provei isso, Angelo! disse Clotilde.

— Ah! murmurou o mancebo.

— Essa idéa, o ciume, a resentimento exasperavam minha filha, que desatinava ainda mais pelo desencanto do amor, e pelo estimulo da vaidade offendida...

Angelo parecia incredulo.

Joanna proseguiu:

— Mas desde que viu aquelle abençoado quadro, Rosina acreditou-se ainda amada pelo senhor, e se consagrou toda ao amor que lhe vota...

— Angelo, é verdade! acudiu Clotilde.

— As inconsiderações, direi, as culpas de minha filha acabaram de uma vez... e, eu posso garantil-o, não mais se repetirão: ella o ama ternamente... meu marido não tornou, nem tornará a conseguir que a filha se prestasse ou se preste a continuar a illudir o velho ridiculo e fatal; este homem indigno apenas resiste aos desenganos e ás desfeitas que recebe de Rosina...

E Angelo ouvia obrigado a ouvir; mas continuava a mostrar-se frio e calculadamente silencioso. Joanna o enregelára, petrificara-o, com a exposição da baixeza ignominiosa de Ursini, e do sacrificio do decóro e da pureza da alma de Rosina.

A pobre mãe repetiu:

— Ella o ama! minha filha ama-o! minha filha deseja ser sua esposa, senhor Angelo!...

—Angelo!... exclamou Clotilde.

Era absolutamente indispensavel responder.

O joven pintor, forte com a defesa do silencio, sentiu que ia ser fraco fallando, e chamou em seu auxilio todo o poder da sua razão.

— Minha senhora, disse elle; ordenou-me que fosse leal e sincero; sel-o-ei. Amei... oh! amo sua filha... e nunca hei de amar outra mulher... nunca! nunca!...

— Oh! seja pois feliz, e faça-a feliz!...

— Não é mais possivel. Eu sou um doido! amei, o imaginei amor que certamente não é deste mundo. O amor que imaginei é de melindres e de exigencias que provavelmente não são de uso na terra. Sou doido, e por doido guardarei com religioso culto o meu primeiro e unico amor, a imagem da minha primeira e unica amada; mas os laços que me ligavam a ella, ella os quebrou e não se podem mais reatar.

— Angelo! tornou Clotilde a exclamar.

O mancebo continuou a fallar.

— Estou sentindo o mal que faço á melhor das mães, á mais amorosa das tias. Sei que sou injusto, que sou estupidamente cégo á mais doce gloria. D. Rosina, eu o reconheço, declaro e sustento, é honesta, é digna do mais nobre e exigente esposo: suas leviandades de moça, seus passatempos, suas zombarias de simples donzella espirituosa, faceira e travessa não deixam mósca no seu credito... bem o vejo...

Angelo queria deveras ser generoso: mas chegou a affigurar-se ironico.

A mão de Rosina doeu-se, e disse:

— Eu lhe pedi sinceridade, senhor; mas ironia não!

Angelo respondeu com o mais doce respeito.

— A ironia fôra brutal insulto á mais veneravel das mães: eu digo o que me sae do coração...

— Então... perdoe-me...

— Já disse que sou doido!... amo... adoro a belleza inexcedivel de D. Rosina; mas por doido!... oh!... é preciso que eu seja sincero e leal... eu... por doido não posso ter a gloria de casar-me com a mais formosa das creaturas, porque, embora tenha a mais plena confiança no seu amor, e na sua virtude, revolta-me a idéa de que sahindo á rua com minha esposa...

Angelo hesitou.

Joanna disse com força:

— Acabe!

— Ah, minha senhora, perdão! mas eu não teria amado tanto sua filha, se o meu coração não fosse tão sensivel, e, direi, tão extremoso na susceptibilidade... oh! eu não a offendo ao dizer que me revolta a idéa de encontrar um homem que durante algumas mezes se tivesse supposto amado por minha noiva... e que...

— Diga tudo!

— E que, tornando a vel-a, olhando-a, pudesse lembrar e me fizesse imaginar... obsequios sem consequencia; mas que tinham

sido prendas significativas de amor... que elle houvesse dado... e que ella houvesse recebido... embora por culpa de seu pae...

Joanna deixou ouvir um gemido de dôr.

— Angelo! eu te desconheço! exclamou Clotilde.

O mancebo convulsou na cadeira em que estava sentado, e ar repentido do que dissera, cahiu de joelhos deante de Joanna, e disse consternado:

— Perdoe-me! perdoe-me!... eu apenas repeti o que ha pouco lhe tinha ouvido!... não quiz ultrajar sua filha... não!... eu amo D. Rosina, e creio, juro que acredito que ella foi sómente leviana...

— Se é assim, relutas?... perguntou Clotilde.

— Minha tia!... murmurou Angelo contrangido.

— Eu não quizera Rosina para esposa de meu sobrinho, se a julgasse menos digna de sel-o.

O mancebo respondeu em voz baixa, triste e cheia de amargura:

— Mas não sei se todos pensam, como minha tia e eu pensamos.

A reprovação da *lourcira* estava lavrada pela razão e pelo escrupulo do homem honesto.

Angelo ergueu-se e disse, dirigindo-se a Joanna:

— Bom o sinto; minhas palavras têm sido punhaes a rasgar o coração da mais terna e extremecida das mães; mas tambem eu... preciso ainda repetil-o?... tambem eu soffro muito! muito, porque amo, e o meu amor será o martyrio inconsolavel da minha vida...

E accrescentou lugubremente:

— A minha vida é uma noite que acabará em outra noite... na noite da morte.

E ainda em tom quasi sumido:

— Deus perdoe a quem me apagou a luz da vida.

Joanna tinha já pedido de mais: continuar a fazel-o seria inutilmente aviltar-se: naturalmente magoada pela repulsa de Angelo: cumprindo-lhe, porém, não mostrar-se offendida, tomou quanto pôde a apparencia de serena dignidade, e olhando Angelo, disse-lhe:

Paciencia; não consegui reconcilial-o com Rosina; mas não vejo nisso motivo para deixarmos de ser amigos. Minha filha ignora o empenho infeliz a que me animei, e confio do seu nobre caracter que ella ignorará não menos a sua recusa que além de

matar-lhe toda a esperança, a humilharia com o conhecimento de que fui eu a procural-o e a expol-a á rejeição que recebi.

— Ah, minha senhora!... não fui eu...

— Desculpe-me: não me queixei: respeito a sua susceptibilidade. Não voltemos mais a um assumpto que é penoso para nós ambos. Demol-o por terminado...

Angelo murmurou com afflicção comprimida:

— Sim... minha senhora...

Elle tinha sentido como o frio da morte naquella intimação do termo definitivo do assumpto que se referia ao seu amor.

Joanna falleu ainda.

— O senhor alludiu ha pouco ao infortunio, á noite da sua vida... foi uma increpação que lhe escapou... não a levo a mal; mas peço-lhe que lembre tambem... ao menos em hypothese... outro infortunio maior que o seu, outra noite mais negra que a sua...

Angelo quiz responder; Joanna, porém, não lhe deu tempo e continuou:

— Não o increpo... não; sómente com os meus direitos de mãe lhe rogo que se limite a afastar-se de nós, o que, persistindo, como julga do seu dever que respeito, na sua esquivança, não faça chegar a Rosina a ostentação do desengano: não é preciso... abandone-a ás illusões, ás falsas esperanças que ella ainda sonha... porque... do contrario... o senhor poderia ser causa involuntaria de grande mal... quem sabe?... talvez da morte de minha filha...

Angelo ficou por momentos a olhar attonito para a mãe de Rosina.

Joanna ignorante e rude, mas illuminada pelo amor maternal, acabava de mentir, indicando a ausencia da filha que aliás de perto os ouvia, e, em extremo recurso disfarçado para commover o mancebo reluctante, ameaçava-o com a morte de Rosina.

— Esta ultima graça pouco lhe custará; accrescentou ella; deixe que as minhas prudentes advertencias... e o tempo... tornem menos fatal o golpe, que a infeliz deve emfim receber.

— Angelo sentiu-se ferido e respondeu reagindo com desculpavel irreflexão:

— Minha senhora, quem me separou de D. Rosina... não foi a minha inconstancia... quem nos separou... foi ella!

E notando que sua voz se alterara magoada, corrigiu-lhe immediatamente o accento menos reverencioso e proseguiu com doçura:

— Sua filha é formosa e candida... quem a vê uma vez, a ama toda a vida...

— Salvo o direito de recusar-lhe a mão de esposa depois de amado! disse Joanna abatida; mas imprudentemente acrimoniosa.

Angelo corou; mas dominando-se, tornou logo:

— Muitos mais dignos, mais ricos do que eu, de posição social mais elevada, menos obscura do que a do pobre artista disputam, o disputarão a gloria de merecer a mão de sua encantadora filha, que facilmente esquecerá o desgraçado que se condemna a fugir-lhe sem deixar de amal-a, e trocará em risos festivos as nuvens de tristeza que lançou em sua alma generosa a simples gratidão por um quadro inspirado por amor, e a doce compaixão pelo triste pintor desse quadro.

— Angelo! tu és cruel!... disse Clotilde que via Joanna confundida pela ironia acerba do mancebo que finalmente não pudéra conter os assomos do seu resentimento excitado pelas recriminações da mãe de Rosina.

Sem attender á advertencia da tia, elle, dirigindo-se a Joanna, accrescentou com voz tremula, amargurada, dolorosissima, mas apparentemente fria e impiedosa:

— Tranquillise-se, minha senhora; sua filha não soffrerá mal algum, e ha de em breve casar e ser feliz!...

Angelo não ouviu um fraco gemido abafado; porque Joanna, perturbada, confrangida, e sem mais pensar no que dizia, exclamou desarrazoadamente:

— Não! não! ella não se casará!... o senhor vae matal-a!... Rosina o ama! e o senhor o sente e comprehende... ella o ama! e não se casará... não poderá casar com outro homem!...

Joanna e Angelo que por tanto tempo tinham conferenciado digna ou pelo menos discretamente, chegavam ao ponto de desvariar: a mãe de Rosina fallara, exclamara sem ponderação, nem consciencia, soltara um brado de dôr que a reflexão não medira: o nobre e susceptivel mancebo que se considerara noivo de Rosina deu ás palavras *"não poderá casar com outro homem"* significação e alcance que ellas não traziam, e tomando-as, como alcivosa insinuação, alvoroçou-se indignado, e, apenas reprimindo a indignação com o peso do dever da cortezia; mas animado e zeloso de duas purezas, respondeu vivamente:

— Perdão pela ultima vez, minha senhora!... juro por minha honra, e pela salvação das almas de minha mãe e de meu

pae que sua filha pode com altiva fronte casar com outro homem que não eu!...

— Sr. Angelo!... quem o ousou duvidar?... gritou o coração da mãe.

— Doido!... doido!... clamou Clotilde.

Angelo não as ouvia mais.

— Nós nos amamos! sim! disse elle exaltadamente; D. Rosina e eu nos amámos! mas em nossos amores tudo foi céu de Deus, e nós dois fomos dois anjos em pureza de amor!... beijei-lhe a mão duas vezes... eis ahi todas as fraquezas de D. Rosina, e todos os abusos do seu noivo de então!...

— Mas quem te accusa?... perguntou Clotilde.

— Quem foi que accusou minha filha, quem foi?... perguntou Joanna estupefacta.

Angelo pareceu socegar; mas sómente concentrou a irritação que o amotinára, e ainda com acerbidade e dureza que mentiam á grandeza e dulcidão de seu caracter, disse grave e concentrado, cruel porque amava muito, exagerado porque a honestidade era o seu thesouro de avareza, impertinente na insistencia, porque zelava duas purezas, e a pureza de Rosina ainda mais que a sua propria.

— D. Rosina foi anjo, repito, foi anjo amado por mim! a Rosina que eu amo, é essa, que foi sempre anjo para mim!...

E accrescentou abaixando a voz:

— De outro modo... ainda hoje... e apezar de tudo... meu nome obscuro seria o nome da donzella... leviana... arrependida emfim!...

— Senhor!...

— Angelo!...

— Minha senhora!... amo... mas não tenho divida a pagar... amei um anjo, e fui, tornei-me para sempre deegraçado...

— Basta!...

— Basta. Foi uma illusão... pois bem: minha senhora!... doe-me dizel-o; mas eu não posso casar-me com sua filha.

Ouviu-se nesse momento o baque de um corpo que cahia no chão.

Joanna soltou um grito, levantou-se, e correu para a alcova, cuja porta abriu.

Rosina estava estendida no assoalho e completamente desmaiada.

Clotilde e Angelo lançaram-se em soccorro da pobre moça que estava sem sentidos.

Passaram alguns minutos, em que tudo foi confusão a principio, e depois anciosa solicitude...

Em breve Rosina respirou, gemeu, annunciando sua volta á vida e ao soffrimento.

Joanna chorava, tendo em seus braços a filha, e não vendo, ou esquecendo o causador do desmaio que suppunha perigoso.

Angelo angustiado e em desespero se puzera de joelhos aos pés de Rosina.

Clotilde, menos incapaz de reflectir naquellas circumstancias dolorosas, apenas viu que a afilhada tornava a si, tomou as mãos de Angelo, obrigou-o a levantar-se, levou-o para fóra da alcova e disse-lhe:

— Sae! vae-te!... o teu amor neste momento pareceria compaixão e a compaixão do amado revolta e assassina a mulher que ama deveras... sae?... vae-te!...

Angelo tinha os olhos voltados para a alcova, resistia a Clotilde, e começara a soluçar, desfazendo-se em lagrimas.

— Oh!... eu não sabia que ella nos estava escutando!... exclamou consternado.

Clotilde o conduziu a força até a porta que abria para a rua.

— Vae-te! deixa-nos!...

— E ella?...

— Tu a feriste no coração! não acabes de matal-a com a imposição affrontosa de tua presença!... vae-te!...

E abrindo a porta, Clotilde empurrou Angelo para a rua, e disse-lhe:

— Rosina torna a si... não morrerá; volta amanhã, e eu te darei noticias della.

E trancando a porta sobre o mancebo, que ficara parado e ainda soluçando, Clotilde voltou apressada para a alcova.

Rosina, tendo no rosto a palidez da morte e respirando apenas, com os olhos mal abertos, com os pés no chão, o corpo nos joelhos e a face no seio de sua mãe, reclinada inertemente, e na desordem dos vestidos, deixando á mostra uma perna quasi até o joelho, parecia menos tornada a seus sentidos do que moribunda.

Joanna chorava ainda, e beijava muitas vezes a fronte, a face, os labios da filha.

— Coragem, menina!... disse Clotilde, curvando-se e abraçando a afilhada; Angelo te ama e será teu esposo! sou eu que t'o asseguro, Rosina!... elle te ama! conta commigo e espera...

Subito e leve rubor acudiu ao rosto de Rosina, que abrindo os olhos, nesse momento luzentes, e fazendo esforço doloroso ou muito superior a seus fracos alentos, quiz bradar, mas sómente exhalou em meio grito:

— Agora... não!...

E desmaiou outra vez.

---

# SEXTA PARTE

## I

Desde que amára Rosina, e, muito mais, desde que com ella trocára compromissos de noivos, Angelo sentira o vacuo do isolamento em que vivia e a necessidade de amigo confidente, de fraternal coração que recebesse suas expansões e seus segredos de amor, e que o acompanhasse nos jubilos de sua felicidade.

O homem que ama, quando já se acha amadurecido pelos annos e ensinado pela experiencia, retrae-se e encobre o sentimento que o senhoreou, talvez porque na edade da reflexão e da prudencia se arrecéie ou da fidelidade dos confidentes inuteis, ou de possiveis contrastes que o deixem na condição de desprezado que sempre deprime. Elle ama ao serio e sem os transportes poeticos da juventude volcanica, e ainda apaixonado raramente perde de todo a razão que acautela futuros.

O mancebo e o velho procedem de diverso modo em seus ardores de amor: o velho que apaixonando-se, torna-se menino, não pretende ostentar, mas atraiçoa e patenteia sua ridicula fraqueza, desordena a compostura que lhe dá dignidade ao parecer e entrega-se risivel á publicidade dos anachronismos dos seus sentimentos amorosos.

O mancebo arrebata-se, ufana-se, expande-se, quando ama: deseja zelar o segredo do coração; mas encanta-se ouvindo alludir a elle: nega-o, porém, confessa-o no proprio tom da negativa: seu amor é sua gloria, e portanto não póde contel-o abafado; a gloria é radiante e ruidosa. Não lhe basta pensar na amada e sonhar com ella, precisa fallar, e que lhe fallem do seu amor,

da belleza, das virtudes do seu anjo; precisa dizer e repetir como ella lhe sorriu, corou, confundiu-se, e todas essas mil nonadas que são as flôres, os meiindres, a poesia dos amores santos da formosa aurora da vida: a mocidade é volcão, e o volcão deve naturalmente arrojar suas lavas.

Angelo era jovem, e se consagrára todo ao enlevo do seu primeiro amor: timido e acanhado por educação e por vida sempre afastada da sociedade, não ousava fazer suas suaves confidencias a Clotilde; obedecendo pois á mais natural impulsão, que aliás já experimentava antes de amar, procurou entre os artistas da sua edade, com quem se encontrava algumas vezes, um amigo, mancebo como elle, a quo com elle fraternizasse pelos laços do coração e pela confiança mutua.

E' tão facil achar amigos, quando se tem vinte ou poucos mais annos de edade!...

Angelo regulou-se pela sympathia na escolha do seu amigo: preferiu a todos Henrique, já seu irmão pela arte, e por esperançoso talento, um bonito jovem, bom, alegre, trabalhador de horas marcadas, cioso de folgas divertidas, e apenas indiscreto e leve por genio precipitado e irreflectido nos fervores da jovialidade, ou nos abandonos da confiança.

Henrique era, pois, o contraste vivo de Angelo; mas talvez por isso mesmo ambos mais facil e promptamente se ligaram: cada qual apreciou no outro as qualidades que não tinha.

Presumido de prudente, Angelo deixou correr o tempo antes de depositar no seio de Henrique as confidencias do seu amor.

Mas a intimidade mais grata prendia já os dous mancebos, e um dia emfim, dia aziago, Angelo fez ao amigo a doce e plena confissão.

Como de costume nessas revelações do terno segredo de jovem pudibundo e generoso, Angelo disse tudo quanto se passára com elle o *ella*, tudo quanto pensava e imaginava em relação a *ella*; mas guardou ainda em venerando arcano o nome *della*.

Henrique se embevecera ouvindo a confidencia desse amor platonico, delicadissimo, e quasi celeste: ás vezes sorrira á ingenuidade, á innocencia e aos enleios do amigo; contivera, porém, o menor gracejo, admirando a angelica pureza e a simplicidade virginal da donzella tão digna de adoração.

Mas, emfim, cansado de ouvir fallar *della* sem ao menos uma vez trocar-se o teimoso pronome pelo nome do baptismo, perguntou:

— E quem é?... como se chama *ella*?...

Angelo esperava e desejava a pergunta.

— Chama-se... Rosina!... disse com doçura de voz, e como se a doçura do nome lhe deixasse mel nos labios.

— Rosina! Rosina!... exclamou Henrique; só conheço uma moça com esse nome... mas a Rosina que eu conheço não é o teu milagre de angelica innocencia; a minha Rosina é uma namoradeira professa, que já fez de mim seu gato e sapato e largou-me a ver navios no alto mar do namoro.

— Não devia chamar-se Rosina! disse Angelo com ardor.

— Pois chama-se; mas ninda bem que o habito não faz o monge, e nem o nome a pessoa: a tua Rosina é um cherubim, e a minha um demonio formoso, mas de ruins tentações, que por castigo de seus peccados está agora apaixonada ou dominada por um velho casado, e portanto beco sem sahida, porém rua com entrada larga, porque é rico...

— Desgraçada!... o essa Rosina avilta-se a ponto...

— Não sei: duvido do aviltamento; porque ella é esperta e matreira como dez diabos juntos; mas infelizmente é filha de um homem capaz de vendel-a...

— O pae!... capaz de vender a filha!... é isso possivel no mundo, Henrique?...

— Tu és um pateta, Angelo!...

— E quem é esse miseravel?...

— Deves conhecel-o; pois que todos o conhecem: é o famoso charlatão chamado mestre Ursini.

— Angelo!... que tens?...

Angelo estava em pé e titubeou...

Henrique o susteve.

O noivo de Rosina tinha no rosto a côr marmorea, e nas mãos, que Henrique lhe tomára, a frialdade de um cadaver.

— Que tens, Angelo?... perguntou de novo o amigo cuidadoso e assustado.

Angelo sentou-se, e respondeu, fazendo grande esforço para dominar a dolorosa e cruel impressão.

— Não sei... não sei que seja isto... mas desde que... ah! sim... desde algum tempo... me sobrevem ás vezes... e inesperadamente desalentos... como este...

Henrique observava inquieto o amigo que lhe disse com voz urgente:

— Deixa-me descansar: quero... preciso ficar só.

Henrique pareceu admirado desse desejo de soledade, mas logo depois, suspeitando a verdade, retirou-se triste e compungido.

Foi na noite desse mesmo dia que Angelo sem poder adivinhar que ia servir ao premeditado expediente proposto por Joanna a Rosina, exigiu desta para pôr-lhe em prova o coração e o amor, a immediata celebração do ajustado casamento, e ufano da condescendencia da noiva, mas compellido pela desconfiança e pelos ciumes em seguida impôz á sua noiva aquelle praso de seis mezes com a obstinação severa, que marcou a primeira quebra de seus ternos e delicados laços.

De então por deante houve dous homens a mentir um ao outro por generosidade e innocentes intenções.

Angelo ardendo sempre por obter informações do procedimento de Rosina, mas não querendo de modo algum accusar a sua amada, louvava sempre a virtude desta, e encarecia o seu amor, fallando a Henrique, e a custa de mil traças, que suppunha subtis, levava depois este a discorrer sobre a filha de Ursini, como se de outra pessoa tratasse.

Henrique de sua parte deixava-se parecer enganado, e ao mesmo tempo desejoso de estorvar um casamento que acreditava menos digno do amigo, e empenhado em poupar seu melindroso, mas indestructivel amor ao quadro fiel e completo dos desvarios de Rosina, e dos graves compromettimentos de seu credito, dizia a Angelo sempre mais, e sempre menos do que convinha; porque solicito denunciava as culpas da desastrada loureira, e apiedado procurava attenual-as.

Angelo viveu nesse inferno mezes de indiziveis torturas: contrariando seus habitos de estudo e de trabalho constante de dia, soube inventar meios, empregar estratagemas para ver e espreitar a sua desleal amada sem ser visto por ella, e cada vez mais se convenceu da sua falsidade, e cada vez mais se abrasou em paixão, queimando-se no fogo de sua lucifera formosura, até que emfim o conhecimento que teve da doação do *chalet* fulminou-o com o raio do escandalo.

Angelo não tornou a pedir novas da filha de Ursini a Henrique, nem a procurar ver, e espreitar a *protegida* do commendador Ernesto. Em seus sentimentos de desgosto e de repulsão

deu por morto o seu amor; mas guardou-o no coração, como um tumulo sagrado.

No dia sinistro, em que recebera com a noticia averiguada e positiva da doação do *chalet* a sancção da vergonha e do degradante aviltamento de Rosina, o jovem apaixonado, infeliz e revolto, teve a idéa e o impeto de um crime de lesa-arte.

Angelo, nas horas mais risonhas do seu amor, havia concebido e começado a executar um painel de suave e mimosa inspiração, representando Torquato Tasso em seu carcere de doudo, e extasiado a contemplar, a adorar Eleonora, que lhe apparecia em poetica visão, subindo e mostrando-lhe o caminho do céo, o eden dos amores puros, e na imagem da princeza elle sem perfeitamente retratar, perfeitamente indicava a imagem de Rosina.

O painel estava quasi prompto... a ternura e a arte apenas aconselhavam ainda alguns retoques...

Foi contra esse painel que no dia sinistro Angelo se arrojou de faca em punho para rasgar a tela; mas, ao desfechar o primeiro golpe, ou o artista, ou o amante recuou horrorisado do crime que ia perpetrar.

Angelo chorou contemplando o seu painel querido, e, chorando, accusou-se de tentativa de filhicidio!... elle ousára meditar a destruição do seu bello e inspirado filho!...

Como naturalmente se observa, o pae amou mil vezes mais o filho condemnado.

Angelo adorava ainda Rosina, adorava-a apezar de tudo, adorava-a com odio... adorava-a insensatamente... contra a sua vontade, contra a sua razão, e a sua consciencia; mas adorava-a...

O amante apadrinhou-se então com o artista, e o artista, apadrinhando o amante, sophismou em nome da arte...

Angelo obrigou sua alma a fazer de conta que Rosina era para elle o typo do bello, imaginou para conforto de seu coração um amor abstracto da formosa Rosina, typo de belleza, e abstraciamente isenta de seus desmandos na vida real; disse a si mesmo, que como artista que era, cumpria-lhe esquecer as leviandades e o escandaloso proceder da mulher culpada, e render-lhe o culto devido á belleza material, e á pureza das fórmas.

O artista seduzido pelo amante fez de conta que separava do coração falsario e da alma muito peccadora o rosto e o corpo beliscimos e encantadores da namoradeira, e fingiu culto de arte para disfarçar o amor inabalavel do apaixonado escravo de Rosina.

Angelo sophista contra a propria razão criou, pois, essa abstracção mentirosa, que artificialmente o tornava transportado amante de Rosina physicamente formosa, e severo reprovador de Rosina moralmente desprezada.

Absurdo querido do coração, devaneio da alma, amor condemnado pela razão, e influindo indomavel, pobre desculpa de um captiveiro mal aventurado, o amante absorve-se no artista que em vez de despedaçar o seu quadro, aperfeiçoou-o com zelo fervoroso, accendendo na figura do Tasso todas as flammas da sua paixão, e na de Eleonora as formas graciosas e o formoso semblante de Rosina.

Angelo fez mais; levou o seu quadro á exposição da academia das bellas artes; tinha-o imaginado e principiado a executar para offerecel-o a Rosina; e perdida depois essa ambição suave, quiz ao menos tentar duvidosa fortuna, e na esperança de que Ursini visitasse com a filha a exposição, entregou ao publico a sua *visão do Tasso* com o unico designio de que Rosina se encontrasse e se reconhecesse na bella Eleonora.

Sempre a sophismar com a consciencia, e a mentir á propria razão, o artista amoroso fizera-se expositor por impulso apaixonado, e defendia-se dessa patente fraqueza, ideando nobre vingança na magnificação ostentosa da mulher infiel e ingrata.

Tudo isto assignala o amor ardente que consumia o sensivel e desgraçado mancebo, e todavia ainda assim escravo, e como tomado de embriaguez de paixão, elle sentia viva affronta no pensamento de desposar a filha de Ursini, e repugnava o casamento como indelevel mancha no seu nome dado a Rosina.

Angelo não tinha o orgulho que é culpa deante de Deus; tinha, porém, a honestidade e o brio que, ainda em seus mais exagerados escrupulos, honram e distinguem os caracteres puros.

E nem eram exagerados os escrupulos de Angelo, rejeitando Rosina — a *namoradeira*.

A donzella namoradeira está longe de ser uma mulher perdida; mas não póde pretender os fóros de senhora recatada.

E Rosina, victima da educação e da vaidade, levára seus namoros e sua inconsideração até ao escandalo provocador de conjecturas nodoadoras...

Como, porém, explicar a ternura mimosa, indizivel e indomita de Angelo por donzella assim tão desestimada?... E' inutil procurar logica nesses mysterios da sensibilidade; aceita-se

o facto sem explical-o; porque muitas vezes a verdade está no absurdo.

Em amor não se governa o coração: a vontade mais forte e absoluta poderá esmagal-o, governal-o não póde.

Angelo amava Rosina; mas a grandeza da sua virtude e o imperio da sua razão, aliás por momentos vacillante, resistiam admiraveis aos impulsos vehementes do seu ardente affecto, e tinham já triumphado em duas provas arriscadas e desorientadoras.

Uma noite elle vira entrar na casa do seu tio a encantadora e deslumbrante Rosina, trazendo os cabellos e os vestidos da Eleonora do *visão do Tasso*, e formosa e branda, e feiticeira a inundal-o de caricias medrosas e de melancolia queixosa...

Outra noite de horrivel tempestade elle a encontrou lá, chorando de medo, tremula, aterrada, quasi a cahir-lhe nos braços ao bramir dos trovões, á luz do raio... viu-a nos assaltos do susto procural-o, e logo recuar, corando, olhal-o terna, soluçar, gemer, quasi desmaiar de pavor, e immediatamente depois, e de subito, acceitando a idéa de morrerem os dous juntos fulminados pelo mesmo raio, viu-a serena fechar os olhos, deixar-se immovel, como livre do medo, e como a esperar... e talvez a desejar o raio...

Em ambas essas noites de magia fascinadora, na noite da Eleonora copiada do seu quadro, na noite da tempestade, que fôra de encantamento, de vertigem, quasi de perdição, Angelo foi tão forte, que póde fugir a Rosina...

Mas depois veiu outra noite, a da conferencia, pedida pela mãe da donzella amada...

Era impossivel recusar o convite...

Joanna estava só e assegurou mais de uma vez a ausencia de Rosina...

Joanna confessou os erros, e eram gravissimos os erros da filha; mas deu sob juramento testemunho de que ella estava isenta de suspeitosa degradação, e de que amava enternecida, e apaixonadamente seu noivo resentido e esquivo...

O dever da franqueza a principio arrancára a Angelo negativa cortez e comedida, era um golpe; mas golpe dado com amor: a idéa de uma increpação injusta provocou protesto mais energico, e nelle a repulsa menos suave.

E o baque de um corpo respondeu á dureza da repulsa.

Era Rosina que ouvira tudo, e que desmaiava, escutando a sentença...

Angelo viu aquelle rosto de anjo que parecia sem vida, e assassinado por elle!...

Angelo amava Rosina!...

Angelo arrastado até a porta da rua por sua tia, teve de cahir empurrado, reprovado, condemnado, deixando Rosina entre a vida e a morte...

E elle amava Rosina!...

Angelo ficou na rua immovel e com ouvido na fechadura da porta que se trancára sobre elle...

Ouviu logo depois o grito doloroso de Joanna annunciador do segundo desmaio de Rosina...

O que soffreu então, foi horrivel...

Quiz bater á porta, e teve medo de *fazer mal*, não bateu, e esperou...

Quando se espera assim, o tormento é desmedido, é dilacerador...

Emfim... ouviu palavras de consolação... de conforto... de esperanças...

Distinguiu a voz de sua tia, que pronunciára o seu nome... Sentiu ruido e passos: as senhoras sahiam da alcova, e entrévam na sala...

Respirou: Rosina sem duvida tornára a si, e podia andar...

Rosina vivia, estava salva!...

Mas Angelo escutou ainda...

Clotilde repetiu o seu nome, deixando entrever doce esperança á afilhada...

Oh!... e elle ouviu!... Rosina exclamou, chorando:

— Desgraçada!... elle me despreza!... está acabado tudo...

Angelo deu um passo para traz e levantou o braço para bater á porta... mas uma vertigem o fez titubear e apoiar-se á parede para não cahir...

Deixando-se nessa posição alguns minutos, como em desalento, quando respirou mais livre e mancebo afastou-se abatido e obumbrado, primeiro andando vagaroso e hesitante, e logo depois com celeridade cada vez mais viva seguiu, correndo as ruas ás tontas e sem designio nem consciencia.

## II

Era mais de meia noite, quando Angelo se recolheu á sua casa, e apezar da fadiga que o prostrou no leito depois de algumas horas de marcha, ora morosa, ora apressada, conforme a natureza dos sentimentos que occupavam successivamente sua alma, não pôde dormir.

Atormentava-o a idéa de haver offendido Rosina, atropelando o seu pudor, e o seu orgulho com a recusa mais positiva da sua mão, e com o desnecessario protesto da pureza de seus amores, humilhando cruelmente a donzella com a negativa honorificadora mais de si do que della, negativa da unica hypothese em que só por dever se sujeitaria a tomal-a por esposa.

Atormentava-o sobre tudo a convicção, a certeza de que era amado pela mulher que adorava, de que a sua justa repulsa dilacerava o coração dessa mulher, e quebrantava-lhe a vida, e todavia não lhe era possivel esquecer a confissão franca, irrecusavel, insuspeita, do procedimento indecoroso e indesculpavel de Rosina, confissão feita a chorar, pela propria mãe de Rosina.

A situação era tanto mais dolorosa, quanto se mostrava mais clara e transparente.

O amante amado desejava duvidar e esbarrava com a evidencia das culpas de Rosina.

O amor queria perdoar, e o brio e a honestidade condemnavam.

O amante acceitava, facil e pressuroso, todas as seguranças de que Rosina não era indigna de ser noiva; mas a maledicencia, ou a simples suspeita maculavam o credito da *namoradeira* desatinada.

Angelo retorcia-se, martyrisado, em seu leito de espinhos.

Joanna tinha marcado em seu coração, com um ferro em braza, o registro das vergonhas de Rosina.

A todo momento elle via a sua bella adorada, a filha de Ursini, adereçada com os brilhantes, com as joias que recebera de Ernesto, o velho casado e rico, e imaginava-a passeando no jardim do *chalet*, que esse homem lhe doára, e contrahia-se terrivel, creando em seu animo excitado scenas de aviltantes condescendencias, de ignominiosas esperanças permittidas, de furtos beijos concedidos, de promessas dadas no proprio silencio ousadoso, procedendo, animando, provocando, quasi pedindo ousa

presentes de valor, que eram paga dos primeiros favores e incentivo tolerado para o ganho do ultimo favor.

E tudo isso era horrivel para Angelo.

Não era certamente detestavel como isso; mas em seu melindre. Angelo não imaginava menos vilipendiosas as confusões da donzella *namoradeira*, quando, já sua esposa, encontrasse, um depois do outro, dez ou vinte antigos apaixonados que guardassem della bilhetes de amor, lembranças de furtivos beijos, prendas e testemunhas de relações ternas, devaneios de moça solteira, envergonhadores de sua condição de senhora casada, insensatas vaidades do passado, facilitando avanços injuriosos no futuro.

Todo esse imaginar devia ser tambem cruel para Rosina, tão amorosa então de Angelo, não ia, porém, na vida humana, nem mesmo leves erros que fiquem impunes; porque cada erro é uma causa, que produzindo suas consequencias, determina por isso mesmo punição.

O grave erro do vicio do namoro dá em resultado para as donzellas o seu castigo ou no celibato involuntario, duplice tormento da natureza e da vaidade, ou no casamento a incompleta confiança do marido, e seu abafado e incommodo constrangimento, quando conhece ou suspeita junto de sua esposa algum de seus namorados do tempo de solteira.

Rosina estava, pois, recebendo a sua justissima pena nos quadres sombrios de suas diversas e mais ou menos aggravadas culpas que a imaginação de Angelo creava sem calumniar, embora ás vezes exagerasse as côres mais escuras e sovoras.

Mas o juiz era tambem extremoso amante, e tão facil sonhava Rosina anubilada pelos turvos desvarios de sua nefasta vida de *namoradeira*, como prompto passava a contemplal-a no horizonte branco e rosa do céo do seu amor.

Foi assim que Angelo passou o resto da noite, e nessa guerra profunda de sentimentos oppostos, guerra ainda mais violenta com as novas chammas que atiçava a segura crença de ser amado, achou-se no dia seguinte em estado de viva e febril agitação.

Longas horas de forte cephalalgia, e abrazante calor, e talvez delirio que passou ignorado no isolamento em que estava o mancebo, foram seguidas de grande prostração e, felizmente tambem, de somno reparador.

Angelo despertou abatido; a febre não voltou; a cabeça estava livre: só o corpo pedia descanso, e só o coração soffria, continuava a soffrer, como antes.

Angelo nem se lembrou de fazer chamar algum medico: houve um momento em que pensou em Henrique; mas immediatamente repugnou-lhe a idéa da presença ou da companhia do amigo.

Henrique tinha sido e era accusador de Rosina, e elle não toleraria mais que essa bella joven que o amava, fosse por alguem accusada em sua presença.

Angelo queria que sómente o seu resentimento ou a sua razão se pronunciasse contra Rosina; porque tinha no coração advogado eloquente para defendel-a. A sentença, elle não sabia bem se já a havia pronunciado; mas em todo caso, se presumia de bastante energico e ajuizado para lavral-a, sem necessidade de accessor. Muitas vezes, nas séries de suas reflexões, maldizia de Rosina; o direito, porém, de maldizer della, de censural-a, não o concedia mais a outrem. Em sua generosidade, tinha-a muito poupado: em sua gratidão de homem amado desejava, e exigiria o respeito de todos, honrando a mulher formosa que o amava.

Angelo reteve-se, encerrado em casa, tres dias, que não foram demais para o restabelecimento de suas forças, que a febre ardente de muitas horas gastára.

Na tarde do terceiro dia, Henrique veiu vêr o amigo, que o recebeu agradecido e affavel, porém melancolico.

Henrique não pôde adivinhar a reacção perigosa que perturbára a saúde e talvez houvesse ameaçado a vida de Angelo: este não julgou preciso informal-o do que se passára.

Henrique era um bom amigo; chegava, porém, em hora inopportuna; cada vez mais convencido de que Rosina não merecia o coração de Angelo, teimava no proposito de trazer ao conhecimento deste, quanto ia sabendo do procedimento equivoco da filha de Ursini, para desvial-o a tempo, de um casamento infortunado: tinha na vespera desse dia, verificado uma noticia que ouvira, sem acreditar de leve, e tão grave era ella que, reconhecida por verdadeira, não suppoz licito á amizade, disfarçal-a ou escondel-a a quem mais convinha conhecel-a.

Mas essa noticia cruel já havia passado em mísera confissão, dos labios da mãe de Rosina, para os ouvidos de Angelo; era a da falsa compra, a da doação do *chalet*, feita por Ernesto, á filha de Ursini.

Henrique chegava, pois, tarde e em má hora; não o podendo, porém, presumir, começou, como era seu costume, por gracejar com o amigo, e depois de muito zombar da sua habitual ventura, disse-lhe:

— Se não fosse essa maldita vocação para anachoreta, e se vivesses mais no seculo, como dizem os frades, estarias hoje escantado como eu...

— Por que?...

— Materia de má lingua... tu esperas ser canonisado e por isso não te animas a morder na vida alheia; mas... se queres saber...

— O que?..

— O que me espanta: ora... eu vou dizendo: é uma cousa... não é uma, são duas cousas assombrosas... a doidice de um velho rico apaixonado e a manha engraçada, o ardil um pouco ou mesmo muito atrevido, mas em todo caso, admiravelmente comico de uma rapariga namoradeira.

— Henrique, disse Angelo turbando-se; acho-me incommodado, triste, irritavel; os teus gracejos me fazem mal...

— Não; pelo contrario, far-te-ão rir, ou faze de conta que o negocio é sério e que me põe a cabeça a ferver... hypothese de ciumes... trata-se da mais descommunal travessura da filha de Ursini...

— Que!... ainda:...

Angelo levantou-se encolerisado; mas curioso, a pezar seu, ancioso por saber que novo escandalo ennegrecia a vida de Rosina, tomou ambas as mãos de Henrique e, sacudindo-as com força, exclamou:

— Dize! dize!

Henrique pareceu não reparar na exacerbação do amigo, e continuou no mesmo tom, dizendo:

— Que rapariga de talento!... pois o demoninho arteiro não obrigou o pastrana do velho a fazer-lhe doação de um *chalet* que vale dez contos de réis?...

Angelo susteve o seu desabrimento sob a influencia da mais mesquinha das consolações: respirou livre do peso do novo escandalo, que chegára a suspeitar.

Henrique proseguiu, fallando:

— Convenho em que o *chalet* seja testemunho feio; mas é falso testemunho: é verdade que não se faz presente de uma casa com jardim et cætera, sem compensações presumiveis, ou pelo menos sem esperança segura, et cætera...

— Henrique!

— Ora! não faças, nem julgues que eu faço máos juizos; olha: a filha de Ursini, sou capaz de jural-o, mettou sómente

a ponta do pésinho no laço, mas aquillo é peixe que come a isca e foge do anzol, isto é, fica-se com o *chalet* e manda o velho bugiar.

Angelo disse com voz tremula e grave:

— Henrique, eu não quero que continues a fallar nesse tom, nem sobre semelhante assumpto... pelo menos deante de mim.

— Ah!... e por que?... perguntou Henrique, como surprehendido, e tornando-se egualmente sério.

Angelo respondeu:

— primeiramente porque, leve e indiscreto, repetes uma calumnia...

— Calumnia!...

— Sim; eu tenho conhecimento do facto a que te referes: esse *chalet* não foi doação de Ernesto... não foi! comprou-o Ursini para a filha, com... pouco importa... com o fructo de suas economias, ou com avultada somma ganha em uma noite de jogo.

Henrique cravou no amigo um olhar cheio de compaixão.

Esse olhar foi como um algoz pondo em torturas Angelo, que acabava de mentir, e que ainda mais impacientado e pungido pelas confusões da mentira, disse, afflictivamente compellido:

— E em segundo logar, Henrique, eu não quero.

E carregou na palavra, repetindo-a:

— Não quero que continues a fallar nesse tom, e sobre esse assumpto... pelo menos em minha presença... porque... basta de fingimentos entre nós... eu sei e tu sabes que não na duas Rosinas... e eu não consinto mais que deante de mim, menoscabes e insultes a senhora que... amei!...

Henrique levantou-se por sua vez da cadeira em que estava assentado e, offerecendo a mão ao amigo, disse-lhe triste, mas sem resentimento:

— Angelo! não tive a idéa de offender-te; se, porém, te offendi, perdoa-me!...

— Angelo abraçou Henrique.

Quando, depois de alguns momentos, os dous amigos tornaram a sentar-se em frente um do outro, Henrique levou a considerar em silencio Angelo por longo tempo, e emfim, perguntou-lhe:

— E tu vás casar-te?... estás resolvido a casar *com ella*?...

A pergunta era imprudente, e a voz que a fizera, levára uma entonação involuntaria, instinctiva, e irreflectida, que indicava exprobação ao homem de brio.

Angelo gemeu ao golpe que recebera, e respondeu com vi. veza e azedume:

— Não! não!... não vou casar *com ella!* mas que te im. porta?... supponhamos!... oh! Henrique!... parece que ós... porque és inimigo jurado de uma pobre mulher?... vês bem... isso não é digno de um homem, não é! não é! digo-te que não me casarei com ella... não!... mas... de uma vez para sem. pre, Henrique, eu quero... eu te peço que não desrespeites a... filha do Ursini... sagrada pelo meu... ah!... e pelo seu amor desgraçado!...

Henrique viu claramente que grande abalo eclipsava a luz da razão de Angelo e que em taes circumstancias era perdido o conselho da amizade.

— Angelo! disse elle; toma o *paletot* e o chapéo; vamos pas. sear... precisas fazel-o... vamos! prometto não tornar a fal. lar-te de D. Rosina...

— Não; tornou-lhe Angelo; melhor do que passear... dei. xa-me só... é quasi noite.. irei vêr minha tia...

— Pois bem; eu te deixo; mas amanhã voltarei para certi. ficar-me de que não estás mal commigo.

Angelo deu a mão a Henrique, sorrindo-lhe tristemente, como quem forçava o sorriso.

## III

No coração do homem, como no da mulher, o amor por qual. quer motivo contrariado, tem caprichos, inconsequencias, e des. concertos de razão, que difficilmente comprehenderá quem não os tiver alguma vez experimentado.

Henrique não tinha sabido fallar á alma apaixonada e con. frangida do amigo, talvez porque ignorasse os affectos diversos que a estavam tumultuando.

Angelo não precisava de quem accusasse Rosina; precisava de quem a defendesse, para provocal-o a accusal-a. Achava-se em situação anomala, molesta, irascivel, desgostosa, que o impellia á contrariedade e á opposição; amava e não queria amar: le. viam dizer-lhe que amasse, que não desprezasse Rosina, deviam bradar-lhe que ella era digna de ser sua esposa para que elle, estimulado e vehemente, se levantasse contra o conselho e désse expansão ás suas queixas, e o levasse a increpar á amada ainda que fosse para desafiar e ouvir sua defesa.

Mas Henrique, accusando Rosina, ulcerou o seu amor, excitou facilmente certa grandiosa piedade, que é ainda em tal caso, subtil disfarce do amor.

Angelo sentiu-se assanhado contra essa hostilidade gratuita e essa guerra cruel de maledicencia e diffamação, de que era victima uma pobre moça, que nem ao menos podia fazer ouvir a sua voz, explicando suas acções e protestando por sua innocencia.

Que empenho era esse de ultrajar com venenosa murmuração, de desacreditar, de infelicitar uma donzella, que, se fazia mal, era sómente a si propria?...

Angelo esqueceu que no proceder de Henrique havia o interesse da amizade que o dirigia a avisal-o prudentemente dos precedentes suspeitos da mulher que elle amava; em sua exacerbação, viu senão maldade, ao menos espirito detractor, mordacidade rude e repugnante nas informações satyricas do amigo, de cuja intimidade se arrependeu em horas de desculpavel ingratidão.

Aborrecido da visita de Henrique, indignado de ouvir tanto maldizer de Rosina, Angelo, apenas anoiteceu, encaminhou-se para casa de sua tia. Não levava a esperança, nem mesmo o receio de encontrar-se com a pobre noiva rejeitada: estava certo de que o pejo, o decoro, e talvez o odio da donzella por elle mesquinhada, negar-lhe-iam por muito tempo todas as occasiões de se achar em sua presença; contava, porém, consolar-se, escutando a Clotilde, juizos mais doces e favoraveis sobre a formosa e infeliz afilhada; contava com o suave ralhar da tia, que muitas vezes já advogara debalde a causa da sua amada repellida.

De caminho, o amoroso mancebo ternamente apiedado de Rosina, pensando sómente nella, sentia-se ás vezes prestes a perdoar-lhe todos os erros; mas de subito, lembrando as joias, os brilhantes, o *chalet*, presentes malvados e ignominiosos do velho Ernesto, considerando que esses infamantes donativos, se não provavam deshonra, provavam ao menos escandaloso ardil de ambição vilipendiosa, apressava phrenetico os passos, ávido de chegar á casa de sua tia, de accusar e de ouvir defender, ainda mesmo sophistica e absurdamente, a tresloucada filha de Ursini.

Mas tudo tinha então de sahir ao avesso do que Angelo almejava.

Clotilde nem ralhou com o sobrinho, nem foi a primeira a fallar-lhe de Rosina.

A viuva de Graciano tinha amado muito, soffrido muito por amar antes de conseguir ser esposa do seu primeiro e unico amo-

do na terra; era, pois, além de mulher, mais experiente do que Henrique.

Clotilde não falou de Rosina ao sobrinho.

Angelo teve de resignar-se no fim de uma hora, a interrogar a tia sobre a saúde... e depois sobre as idéas e as disposições da *senhora, a quem... talvez, offendera.*

Clotilde respondeu friamente:

— E' mais prudente não pensar em minha afilhada... eu a julgava capaz de felicitar a tua vida... ainda a considero honesta embora leviana, como tantas outras moças da sua edade; é honesta, é... eu tenho certeza disso; mas... esqueçamol-a...

Angelo, admirado do que ouvia a Clotilde, disse-lhe, hesitando:

— Mas... por que esquecel-a assim?... minha tia!... ha sensivel mudança nos seus sentimentos por sua afilhada...

— Ha; tornou-lhe a tia; tu a offendeste muito, rejeitando-a... com demasiada rudeza...

— Eu não sabia que ella me escutava...

— Embora... ella te ouviu, e cumpria-lhe mostrar-se mais digna... mais altiva... mais senhora...

— Oh!... Rosina... então...

— Consternou-se... abateu-se... não é bonito... não é bom signal: em taes casos, uma senhora deve ser orgulhosa ou, ao menos, mais nobre... a sua consternação avilta-a no meu entender; eu quizera que ella te detestasse... e ao contrario... é a ultrajada que chora! isso não é de senhora! não te desejo por esposa quem tanto se prostra! foi por isso que mudei de sentimentos. Tratemos de outro assumpto...

Clotilde vibrava a corda mais sensivel do coração do sobrinho.

Angelo exclamou:

— Mas eu não quizera martyrisar sua afilhada!... não!... seus soffrimentos me causam remorsos... ella deve odiar-me!..

— Deve; mas ama-te: é isso que me faz duvidar de sua virtude... creio hoje que procedeste bem, rejeitando-a...

— Não! neste ponto, minha tia é severa demais...

— Ha conveniencias, deveres de decôro, obrigações de brio ou de orgulho, que uma donzella tem de zelar, ou que se amesquinha, se os não zela... senhora que não sabe dominar sua paixão, não póde ser nobre esposa...

Como Henrique, Clotilde accusava Rosina; mas accusava-a de modo que era defesa arrebatadora para Angelo.

E Angelo perdia-se, levado habilmente pela tia, que era mulher e que tinha amado muito, para conhecer bem todos os meandros e todas as fraquezas do amor.

— Esqueçamos de uma vez o que se passou comtigo e minha afilhada; pelo menos devo e quero esquecel-o eu, que mais do uma vez me empenhei em combater a desestima em que a tinhas, chegando a aconselhar-te que com ella te casasses...

— Ah!... é que agora me aconselharia o contrario! disse Angelo com visivel displicencia.

— Eu!... respondeu Clotilde serenamente; eu não te daria mais conselho algum... se mudasses de resolução, eu lavaria as mãos, como Pilatos...

— Minha tia, semelhante indifferença seria inexplicavel, tratando-se do seu sobrinho!...

— Como, se eu já me expliquei bastante!...

— Não me parece verosimil que D. Rosina perdesse a confiança de sua madrinha pelo simples facto de continuar a amar-me, apezar de rejeitada por mim...

— Tens, pois, em tão pouco o pundonor de uma senhora?...

— Oh!... não se vence e se domina o amor tão facilmente; aqui estou eu que soffro muito por amar sua afilhada, e todavia ainda a amo!...

— Sim; mas tu, por escrupulos que aliás julguei excessivos, soubeste suffocar a tua paixão, e negar-te a desposar minha afilhada! eu queria que ella se ostentasse briosa, como tu te mostraste.

— Não, minha tia; disse Angelo, meio confundido pela observação de Clotilde; não! vossa mercê me esconde algum segredo tão desabonador de D. Rosina, que a obrigou a fazer della conceito bem differente do que fazia.

Clotilde pareceu impacientar-se ligeiramente.

— Que segredo!... nada sei que não saibas já: além disso, por que te esconderia o que mais tarde a murmuração dos maldizentes te diria, e quando definitivamente romperes todos os laços que podiam ligar-te a Rosina?

— Minha tia!... então... perdoe-me... a severidade com que está agora julgando sua afilhada é demasiado cruel!...

— E a tua, quando a feriste com o teu desprezo?... é singular!... Angelo! que te importa mais Rosina?... não a quizeste por esposa; é teu dever de honra julgal-a morta, não pronunciar o seu nome... e conceder-lhe extremo tributo de respeito no absoluto olvido do passado, e até da sua pessoa.

— E' impossivel !... exclamou Angelo; eu a amo sempre !...

— Queres casar com Rosina ?...

— Ah !... não devo !... não posso !... o mundo é um algoz inexoravel !...

— Em tal caso, o teu amor é ultrajo flagrante e continuo, porque sómente dá testemunho da indignidade e do descredito da amada.

— Minha tia me increpa, e me desespera !... tornou Angelo a exclamar.

— Não; eu apenas te lamento; hoje é a Rosina que arguo, e não posso esquivar-me a condemnal-a. Depois da noite de tua conferencia com a minha comadre, tu devias honrar a mulher que te amava e que desprezaste, poupando-a á vergonha das confissões do teu amor que ainda mais a degrada, porque amando-a tanto, reputaste aviltamento desposal-a; e ella devia ter em horror o homem que tão franca e decididamente a marcára com o ferrete da reprovação.

O que Clotilde acabava de dizer parecia tão razoavel e justo, que Angelo, repassado de dôr, murmurou a custo :

— Que demonio fui !...

Clotilde proseguiu, dizendo com frieza e naturalidade:

— Pensando assim, Angelo, eu entendi que tudo, absolutamente tudo estava acabado entre vocês dous.. e por mim, digo-to, que semelhante assumpto não me ha de occupar mais... repugna-me tanto esse teu amor por minha afilhada, como a humilhação indecorosa, e a paixão desbriosa que ella não tem pejo de manifestar em pranto vil.

— Ah ! minha tia !... é demais !... disse Angelo, que a largos tragos, bebia veneno nas palavras pungentes de Clotilde.

— Pela minha parte, continuou esta, impassivel, não quero mais saber disto... não quero ! prohibo-te tornar a fallar-me de Rosina... e quanto a esta, amal-a-ei como afilhada; mas hei de fazel-a ouvir o que seus paes não lhe dizem...

— Mas então... todos a perseguem e a martyrisam !... não ha piedade nem consolação para uma pobre e desgraçada moça?... perguntou Angelo com vehemencia.

Clotilde encolheu os hombros com expressão de indifferença e disse :

— Vocês fizeram ponto final; não admitto reticencias que me fazem córar. Angelo ! alli tens a prova do que digo...

E apontou para a mesa, onde se achava um pequeno embrulho fechado e lacrado zelosamente.

— Aquillo... Rosina mandou-me pedir que te remettesse ou que te entregasse: não fiz uma cousa, nem outra... não te remetti, nem te entrego... não sei nem me importa saber o que seja...

Angelo tinha-se levantado e dirigido á mesa.

— Angelo! disse Clotilde; isso é teu... podes levar, se quizeres, o que te mandaram... mas não abras aqui... isso que te mandaram... e que eu não te remetti, nem quero saber o que seja... poupa-me! leva o que veiu para ti, e que porttanto te pertence.. mas não me faças tua confidente... não quero sel-o!... tu e Rosina procedeis mal!...

Angelo, que começára a abrir o embrulho de papel lacrado, conteve-se á voz severa de sua tia; mas, pouco ou antes logo depois, despediu-se e sahiu, devorado pela febre de inflammada curiosidade.

Ao vel-o deixal-a tão pressuroso e fervente, Clotilde suspirou e disse comsigo mesma:

— Coitadinhos! amam-se ambos muito! Deus os approxime, os ligue, e os abençoe!...

## IV

Os primeiros passos na carreira do vicio são morosos, mas pouco e pouco tomam celeridade que se orna em desenfreamento phrenetico.

Nesse correr arrebatado, que lembra o cavallo de Mazeppa, o homem corrompido que se lança precipite para a perversão, vae deixando pelo caminho da sua vida os restos perdidos do que melhor possuia, primeiro as instinctivas noções do bem e do dever, depois o brio e o respeito á sociedade, logo o amor da familia e os principios da religião, emfim, a consciencia calejada; que parece cahir é desfazer-se, como a folha secca de arvore apodrecida. Então o que sómente fica ao miseravel é esse torpe desprezo da reprovação dos seus actos, que é a petulancia, o descaramento do vicio já perverso.

Propicio estava nesse caso. A sua muito adeantada desmoralização, não se tinha manifestado fóra de infimos bilhares, de companhias repugnantes, e de orgias em despreziveis bordeis: mas o mancebo pobre, ocioso, e sem educação, que devia tornar-se féra pela perversão do vicio, sahira por fim daquellos antros obscuros.

Em phrenetico assanho para empolgar as joias e o *chalet* que Rosina já possuia e o dote que Ernesto lhe garantia, Propicio, estimulado pela resistencia e obstaculos invenciveis que encontrava no desdem insultuoso da sobrinha, na desestima de Joanna e no antigo aborrecimento em que o tinha Ursini, apurou todo o poder de suas faculdades malignas para preparar a traição e a sua infame e desprezivel victoria.

Contava com Ernesto, o seductor ludibriado, cujos olhos abrira o que, convencido da irrisão em que o haviam trazido, aspirando vingança, e sempre apaixonado de Rosina, deixava-se guiar pelo seu novo e interessado amigo, o socio, que lhe promettia a vingança com a posse de ardilosa e falsaria namoradeira.

Tolerado por Ursini, em frias relações impostas por Ernesto, que tambem de sua parte já procurava enganar o fementido e vil pae de Rosina, Propicio, humilde e baixo, declarou-se prompto a obedecer em tudo, ao cunhado, e ainda mesmo contra o velho seductor, e affectava não sentir a desconfiança, com que elle o ouvia e lhe fallava sempre conforme os seus ajustes com o compadre.

Obediente ao mesquinho trama urdido por Ernesto, para illudir sua esposa, escrevera a Amelia, espantando-a com a subita mudança de seus sentimentos, sem convencel-a de suas improvisadas ligações com uma pretendida viuva, de quem ia ser noivo, e antes aggravando-lhe as suspeitas da infidelidade do marido.

Finalmente, no seio da propria familia Propicio mostrava-se timidamente amoroso, triste e soffredor deante de Rosina, submisso e apenas de leve agastado com Joanna, que o tratava muito menos carinhosa.

Tanto despender de hypocrisia cansava muito sua naturoza brutal; não o ciume, mas a raiva que lhe accendia o amor de Rosina e do Angelo, amor que contrastava seus projectos de ambição, e tambem destruia toda a esperança de sua flamma lasciva, o obrigava a perder horas em espreita, e combinações de espionagem para inteirar-se dos passos, do vivor da sobrinha, de suas conversações com Joanna, e emfim, de suas relações com o jovem pintor;; Propicio, porém, vingava-se consumindo as noites no debocho com a vertiginosa animação que lhe dava o dinheiro que então, mais do que dantes, abundava em seu bolso.

Todavia, andava preoccupado e sombrio, como quem esconde na mente a enfezada premeditação de algum crime; mas na companhia dos socios do livre o viciosa vida, disfarçava o parecer alterado, ostentava alegria.

Por vezes lhe repetiam aquelles que o admiravam garbosamente endinheirado :

— Propicio descobriu a mina do conde de Monte Christo !

— Acertou com o subterraneo do monte do Castello, onde os Jesuitas deixaram escondidas as suas riquezas !...

— E' isso ou cousa que o valha; respondia elle.

— Ensina-nos o caminho!

— Não caio nessa ! tinha quasi sempre respondido Propicio.

Mas no fim de alguns dias, elle fez jactancia da sua fortuna, e disse com ar sério :

— Rompo o segredo; vou casar-me, palavra de honra !... achei uma viuva rica que morre de amores por mim, e que alenta a minha constancia, deixando-me escorregar o dote ainda antes do casamento...

—E casas-te devéras ?... na igreja ?...

— Palavra de honra! é questão de semanas; a viuvinha tem de seu... é mina inexgottavel... e formosa a matar !

Propicio mentia : o ouro que gastava vinha-lhe de Ernesto, o velho insensato, que em phrenesi de paixão, pagava-lhe as promessas da entrega, ou da traiçoeira venda da sobrinha.

Entre os dous corruptos, entre o velho rico e libidinoso e o mancebo pobre e pervertido, havia um contrato de infamia que deshonrava ambos e que se firmava no violento sacrificio de Rosina.

Propicio calculava com toda a hediondez da perversidade consummada e com toda a abjecção de uma natureza apodrecida: queria a sobrinha, tão maculada, opprobriosa e atirada no abysmo do desprezo publico, que nenhuma esperança lhe ficasse de achar em Angelo a dedicação heroica de compartilhar sua degradação moral, casando-se com ella, e ainda menos de encontrar outro homem de algum merecimento e acceito pela sociedade, que se submettesse pelo casamento ao contagio certo da sua ignominia. Elle a queria reduzir a dissimular sua extrema vergonha com o nome de um marido comprado pelo seu dote.

Propicio sabia que não era difficil a acquisição de um noivo por semelhante preço, desde que o procurassem nas turmas dos depravados e especuladores ignobeis; Ernesto, porém, lhe dera seguranças de sua protecção, e de exigir como condição do dote de Rosina o casamento della com o tio, que em tal hypothese contava ter de seu lado Ursini ambicioso e prompto a negociar com elle.

Mas Rosina?... em seu desespero, a victima fecharia os olhos e, repellida por Angelo, acceitaria qualquer, e ainda mesmo o tio, para marido, vendo no casamento a unica apparencia possivel de reparação.

Pelo menos Propicio pensava assim.

Tudo isto é repugnante e horrivel; mas, tudo isto mostra até que ponto póde descer, degradar-se, empestar-se o homem que entra pela porta da ociosidade nos antros e nos ionteiros dos vicios.

Propicio é mais do que um homem pervertido; é uma lição.

Instigado pela sua idéa então predominante, de *enriquecer* á custa da deshonra de Rosina, frequentava assiduo o escriptorio do Ernesto, para inteiral-o e inteirar-se do que se passava, emquanto preparava o seu plano malvado, e dispunha os meios praticos de executal-o sem perigo.

Como de outras vezes, um dia, e á hora marcada, Propicio entrou no escriptorio de Ernesto, e foi com este encerrar-se na sala interior, onde ambos tinham conferenciado á primeira vez.

Sentaram-se os dous muito perto um do outro e fallaram a meia voz.

— Que ha de novo?... perguntou Ernesto.

— Muito e nada, Sr. Commendador, disse Propicio; minha bella sobrinha continúa a chorar e a segredar-se em longas conversações com a mãe...

— A comadre é uma inimiga implacavel!... creio que se não fosse ella...

— Qual! Joanna é quasi nescia! nasceu com falha na cabeça, e coração do tamanho assim...

E marcando com as mãos as grandes proporções que dizia ter o coração da irmã, Propicio accrescentou:

— V. Ex. bem vê que com esse monstro no peito, a cabeça não governa. Joanna é minha irmã; mas não lhe dou um vintem pelo juizo.

— E por que chora D. Rosina?...

— Sabel-o com certeza, não sei; mas desconfio do *ciumado* e briga com o *pinta-mocos*.

— Como elle pinta, eu sei!... disse Ernesto, suspirando, ao lembrar-se do quadro da *visão do Tasso*.

Propicio continuou:

— Anteontem ella escreveu de manhã, tendo antes trancado a porta do quarto... escreveu sem duvida uma carta...

— Ah!... e a carta?...

— Qu'esperança! aquillo é peixe que caia em anzol?... palavra de honra! é passada por India e Mina o peixão de minha sobrinha! quando sahiu do quarto, entregou á mãe...

— A carta?...

— Mais do que isso; um embrulho de papel muito bem lacrado... o que era?... estou a vêr navios, palavra de honra!...

— E sua irmã?...

— A' noitinha, sahiu com a ama do afilhado de V. Ex., e levou o embrulho á abelha-mestra, madrinha de Rosina, e tia do *pinta-micos*.

— E D. Rosina só em casa... que fez?...

— Não sei; porque fiquei sem olhos.

— Como?...

— Joanna fez-se acompanhar da escrava, ama do pequeno, e portanto, noite escura, como a cara da negra.

— Mas na casa da madrinha de D. Rosina,?...

— Duas velhas a fallarem-se com as bocas nos ouvidos e a negra a escutar sem ouvir! palavra de honra, excellentissimo! a negra come dinheiro; mas desta vez não deu de si.

— E... esse Angelo?...

— Não foi á casa da tia; está doente... passou um dia com febre e delirio... e no delirio, fallou em Rosina, em Ernesto, dando saltos na cama, que parecia endemoninhado...

— Como soube disso?...

— O *pinta-micos* tem um escravo, o seu fiel; o diabo do negro tambem come dinheiro a derrotar-me!...

— Não importa: vá gastando... E que mais sabe?...

— Nada. E vossa excellencia?...

— Ainda não vi D. Rosina; o meu compadre Ursini tem me contado vinte mil historias, e jura que a filha chora doidamente por mim, que me adora e que em delirante luta com os ultimos, sempre os ultimos, assaltos de sua virtude, ora pragueja contra o seu amado, ora me chama ingrato, infiel, esquecido e barbaro...

— Que diabo de italiano!... aquillo sempre é gente que vende santos!...

— Ah!... mas sua sobrinha é ainda mais cruel e fatal!...

E o velho lascivo, apaixonado e estolido, suspirou, como exhalando a alma enternecida e captiva.

Propicio teria, em outras circumstancias, disparado estrepitosa gargalhada em resposta áquelle sentimentalismo de namorado sexagenario; mas, então, no seu interesse, guardou a seria.

dade exigida pelo respeito que devia mostrar ao velho, e ficou olhando para o chão, como quem nada mais tinha a dizer.

Depois de algum tempo de silencio, Ernesto perguntou:

— E o mais?

— Tudo bem pensado, bem disposto, e já arranjado com seguranca e segredo.

— Sabe que sou casado... que devo zelar o meu nome... que...

— Sei tudo, excellentissimo; ha por fim de contas, no meu plano de campanha, sempre uma entrosga para homem casado... é a seducção ou cousa que o valha, da rapariga; mas essa entrosga era o pensamento e a tentação de vossa excellencia... e não se póde prescindir do essencial...

Propicio fallava com inaudito despejo.

Ernesto insistiu, dizendo:

— Mas o escandalo publico?... era disso que me preoccupava...

— Está livre delle: haveria por certo escandalo publico, se o filante de meu cunhado pudesse lucrar com a polvorosa; porém, vossa excellencia tem a escapula do codigo criminal; porque a bicha já conta maioridade legal para se deitar a perder.

— Ainda assim... receio...

— Receio só que a menina chore muito nos seus olhos, e ás escondidas de todos, e que Ursini o persiga pelo dote...

— Todavia, mais alguem terá o meu... o nosso segredo...

— Nem era possivel de outro modo... não se póde jogar o embarque sem parceiros, nem carambolar sem tres bolas...

— Emfim!... é preciso... é inevitavel!... eu quero!...

— Basta vossa excellencia querer, e responder-me pela condescendencia, ou obediencia de meu cunhado...

— Em que?...

— Já o disse a vossa excellencia: é indispensavel que Ursini leve a filha ao baile de mascaras, no domingo de carnaval, e que ambos acceitem a ceia offerecida pelo excellentissimo...

— Com seu cunhado, a questão resolve-se facilmente, a dinheiro dado sob qualquer pretexto; mas Rosina?... ah!... ella nem mais se presta a zombar de mim!...

— Queira o pae que a filha vá ao baile e á ceia, que ha de achar traça para leval-a comsigo. Eu conheço aquelle malasartes, como o meu taco de bilhar.

— Abrirei a bolsa a Ursini; disse Ernesto...

— Favas contadas. Pelo mais, respondo eu.

— Está bem seguro?...

— Segurissimo. Mme. Fortunata, ou como a chamam, Mme. Fortuna, obriga-se a não receber outros hospedes nessa noite, bem entendido, pagos os prejuizos, conforme o preço que ajustei...

— Isso é justo... não ha duvida...

— Estaremos sós... a casa é de sobrado... e a ceia não será certamente na sala da frente... o que, aliás, pouco importava...

— Mas Ursini conhece essa mulher, cuja casa é de má fama...

— Explica-se tudo, ou nada se explicará; porque meu cunhado confia muito em si, para recuar deante da porta de Mme. Fortuna... além disso... conhece-a elle?... o maldito italiano tem todos os vicios, menos o de libertino... para não gastar. Apesto que se tem ouvido fallar em Mme. Fortuna, não lhe sabe a casa.

— E se souber ?...

— E' o mesmo : Mme. Fortuna presta sua casa para jantares e ceias, como os hoteis o fazem, e o excellentissimo dirá que não querendo expôr a bella Rosina ao concurso dos hoteis extraordinario e desordenado, em noites de carnaval, pagou por discrição e decóro...

— Bem... já sei : isso é explicação que fica por minha conta... entretanto, Ursini, se conhece essa mulher, desconfiará...

— Que desconfie! á mesa da ceia, apparecerá uma garrafa de *lacrima-christi* verdadeiro... puro... que diabo!... eu nunca provei esse vinho; mas o lazaroni do meu cunhado encheu tanto a boca com o *lacrima-christi!...* escolhido por isso...

— Ah !... eis o que mais temo !... eis o que me atormenta a consciencia !... Sr. Propicio, eu não quero ser cumplice em... dous envenenamentos !... não... isso não !

Propicio poz-se a rir e disse :

— Não se amofine, excellentissimo; eu sei marcar a dóse e tenho pratica : travessuras de pagodo !... já por vezes fiz folia e triumphei de demonios ariscos, obrigando-os a dormir com vinho de Lisboa, comprado na venda da esquina... agora o somno ha de ser mais doce, porque fechará os olhos, e entorpecerá a consciencia com a fidalguia do *lacrima-christi*. Que diabo !... ainda desta vez não o provarei !... pois tenho vontade !...

— Uma proposição ! disse Ernesto : dar-lhe-ei hoje duas garrafas do melhor *lacrima-christi*, que se póde encontrar no Rio de Janeiro; o senhor beberá uma á sua vontade...

— Acceito... e a outra ?...

— Fará com ella em seus amigos, ou em qualquer das suas camaradas... amantes... a experiencia do narcotico...

— Duas experiencias... com elles, e com alguma dellas... palavra de honra que o farei para pagodear; porque, para experimentar, é velho...

— Prometto-o ?

— Palavra de honra, excellentissimo !...

Nesse momento soaram passos pesados pelo corredor, como alguem que vinha, preannunciando-se com ruido calculado.

Ernesto e Propicio calaram-se.

Um empregado do escriptorio disse antes de apparecer á porta :

— Preciso fallar ao senhor Commendador.

— Entre.

Um jovem escripturario mostrou-se e logo da porta deu o seu recado.

— Um senhor de boas maneiras, cansado de esperar, ineta para ser ouvido em negocio delicado, pelo Sr. Commendador.

— Quem é ?... não disse o seu nome ?...

O escripturario, avançando, apresentou ao amo um bilhete assetinado de visita, ou de indicação pessoal.

Ernesto leu o nome e exclamou surprehendido :

— Angelo !...

Immediatamente dissimulando a surpreza, disse ao seu empregado :

— Conduza-o para esta sala.

O jovem escripturario sahiu.

Ernesto voltou-se para Propicio, e disse, talvez um pouco apprehensivo :

— E' Angelo !... é elle !... que quererá ?...

E apontando para um pequeno quarto que havia no fundo da sala, accrescentou, fallando a Propicio :

— Esconda-se alli... para ouvil-o...

Propicio tomou o chapéo e escondeu-se no quarto, cuja porta cerrou.

Ernesto, não podendo adivinhar o objecto da visita de Angelo, sentiu como receios vagos despertados pela consciencia, e dava graças á sua fortuna, que em caso de necessidade, lhe assegurava prompto auxiliar em Propicio.

Angelo approximava-se, e ia entrar na sala.

Ernesto compoz sua physionomia e esperou com os olhos fitos na porta.

## V

Ao primeiro passo que deu, entrando na sala, Angelo parou, e com simples e grave movimento de cabeça cumprimentou a Ernesto que se levantara para recebel-o, e que inclinando-se politamente, e convidando-o a sentar-se, esperou que elle o fizesse para quasi ao mesmo tempo fazel-o tambem.

— A's ordens de V. S.: disse o velho millionario com agradavel sorriso.

Angelo se apresentara trazendo no brilho dos olhos e no rubor anormal das faces viva animação febril; mas empallideceu immediatamente e ficou com os labios brancos e resicados, como se todo o seu sangue refluisse para o coração, ou porque a presença de Ernesto o abalasse profunda e terrivelmente, ou porque a serena urbanidade com que o seu rico e portanto poderoso rival o acolhia, lhe parecesse cortezia ironica, e menoscabo dissimulado.

Isso e tudo mais era possivel em quem trazia o espirito cheio de prevenções, de ciumes, e de abafada ira; o certo é que o jovem pintor descorára e sem poder fallar manteve comtudo os olhos firmes no rosto de Ernesto.

Havia evidente inconveniencia nesse olhar e nesse silencio impertinentes; mas o velho millionario fingiu não reparar naquella estranha attitude, e repetiu no fim de alguns momentos tão tranquillo e affavel como antes:

— Estou ás ordens de V. S.

Angelo fez um movimento, e corou de novo fortemente, revolto contra si mesmo por indiciar-se abatido ou fraco deante daquelle homem que ousara pretender seduzir a sua amada, chegando a obscurecer sua reputação de donzella honesta.

Este assomo de orgulho desprendeu de prompto a voz peada pela indignação ou por influencia de explicaveis phenomenos nervosos.

Angelo fallou, constrangendo-se, para não mostrar nem exaltação, nem acerbidade.

— Senhor commendador, incommodei-o, vindo tomar-lhe tempo, talvez... affligil-o, porque era força que eu cumprisse uma missão... melindrosa...

— Ah!... traz uma commissão?... e de quem?... e para que?...

— Mais por V. Ex. do que por mim convém que eu a desempenhe em segredo...

Ernesto olhou instinctivamente para a porta do quarto, onde estava Propicio.

Angelo não perdeu esse olhar irreflectido; mas accrescentou logo:

— Tinham-me dito logo que V. Ex. se achava acompanhado...

— Sim; disse Ernesto; fiz, porém, retirar-se para outra sala o amigo com quem conversava... e que ainda me espera lá dentro... póde fallar sem receio...

— Oh!... não tenho receio algum.

— Eu estava certo disso: mas... em todo caso estamos sós... bem sós.

Angelo não hesitou, e disse com voz a principio levemente tremula, não de temor ou confusão, porém de concentrada colera.

— Senhor commendador... será grato á nós ambos... não gastar palavras inuteis... desejamos com egual fervor despedir-nos um do outro.

— Ah!... perdão...

— Não percamos tempo. V. Ex., senhor commendador, amou, e tentou seduzir uma donzella... a filha do italiano Ursini...

— Sr. Angelo!...

— E nesse empenho, que não trago a peito qualificar... V. Ex. explorou a ambição de Ursini e a vaidade da donzella, fazendo multiplicados presentes de joias de valor, e por ultimo a doação de um *chalet* á infeliz joven, cujo nome e credito assim nodoou...

Ernesto, pallido de raiva e de medo, volvia os olhos da porta do quarto para o rosto de Angelo.

— E com que direito, exclamou elle emfim, vem o senhor e em tom semelhante tomar-me contas do que não desço a negar-lhe, nem a confessar-lhe?... Angelo vingou-se dos amaveis sorrisos com que Ernesto o recebera, sorrindo então por sua vez placida, suave, ironicamente, mas com um circulo amarello em torno da boca, que no riso mostrava demais os dentes brancos: a sorrir assim e com insolente doçura de voz, de que ninguem até aquella hora o teria julgado capaz, elle respondeu:

— Senhor commendador, tranquillise-se: precisamos ambos da paciencia... e serenidade para chegar ao fim...

— Mas com que direito?...

— E' o caso da minha commissão...

— Commissão!...

— Sim, senhor commendador, a commissão da mais honrosa e plena confiança, o que é o mesmo que dizer que hei de cumpril-a a todo transe...

— E' uma ameaça?.. perguntou Ernesto com os olhos na porta do quarto.

— E' uma simples e ingenua declaração de quem sabe cumprir o seu dever.

— Tenha a bondade de explicar-se, disse Ernesto, indo sentar-se á sua mesa de escrever, onde lhe ficava á mão a campainha.

Angelo arrastou a sua cadeira para perto da mesa, e sentando-se, proseguiu, dizendo:

— Senhor commendador, a joven senhora demasiado e extraordinariamente presenteada, abriu por fim os olhos, e vendo em tantas joias e na doação do *chalet* testemunhos inequivocos da mais... da mais... eu me contenho em respeito a V. Ex.... da mais patente tentativa de seducção... alvoroçou-se com razão...

— Só agora!... é singular!... observou com sarcastico riso o velho enfurecido.

Angelo mordeu o labio inferior com esforço convulsivo, e disse, tremendo-lhe a voz:

— Eu tenho... a honra... de prevenir a V. Ex. de que... não estou autorisado... a ouvir... a menor allusão... injuriosa... á senhora, por quem venho aqui...

— Ah!... ella o mandou?...

— Exactamente, mandou-me, senhor commendador!... e portanto... é claro que V. Ex. não me offenderá, offendendo-a!...

— Offendel-a!... é uma senhora, e eu sou um cavalheiro que não precisa de lições para saber devidamente respeital-a.

— Ainda bem... disse Angelo.

— Mas... essa senhora tem pae... mãe... e tia...

— O que não é da minha conta; respondeu Angelo.

— O que é pois da conta de V. S.?...

— O cumprimento zeloso da minha commissão. Qualquer que fosse o motivo, essa donzella me honrou de preferencia com a sua confiança e me incumbiu de vir entregar, ou antes restituir a V. Ex. o que ella em seu desprezo e dignissima repulsão não póde e não quer guardar...

E Angelo, indo ao seu chapéu, tirou de dentro delle um embrulho de papel, e veiu lançar sobre a mesa e á face de Ernesto, brincos, braceletes, aneis e um diadema de brilhantes, um relogio de ouro e quantas joias o velho namorado tinha dado a Rosina. Eram todas, tanto as mais modestas como as de maior valor.

Ernesto ficara confundido e desvairado de ciume e de desespero.

Angelo continuou a fallar:

— Eu contava com a contrariedade e desgosto de V. Ex., e calculei não menos com a economia do meu tempo que consagro ao trabalho; preparei por isso uma nota das joias de que faço entrega, e que V. Ex. me fará a graça de assignal-a, declarando-as recebidas; isto é um direito meu, que não póde offender a V. Ex...

E tirando do bolso uma folha de papel, apresentou-a a Ernesto, dizendo-lhe:

— V.Ex. combinando a nota com as joias...

O velho millionario primeira vez em sua vida assim ludibriado e deprimido, murmurou como em rouco gemido:

— Não preciso combinar...

E tomando uma penna escreveu convulsivamente por baixo da nota: "Recebi tudo". E datou e assignou, empurrando depois com a mão a folha de papel, que Angelo recolheu e poz no bolso.

— Creio que acabamos de despedir-nos; disse Ernesto em tom secco ao seu rival.

— Ainda não; respondeu este, apresentando-lhe outro papel.

— Que é isso?...

— V. Ex. devia têl-o adivinhado, é a escriptura da venda do *chalet*...

— E que tenho eu com isso?... *ella* comprou-o autorisada pelo pae, que entregou o dinheiro ao vendedor...

— Mas V. Ex. póde ver e veja que a pobre donzella ignorante da lei, julgou ter destruido a falsa escriptura de venda, o verdadeiro acto de doação do *chalet*, riscando todo elle, e principalmente as assignaturas...

— Mas V. S. sabe que esse documento ficou registrado em livro competente e que...

— Senhor commendador! exclamou Angelo; não ignoro isso; eu tenho, porém, uma carta dessa senhora... que me autoriza a requerer a annullação dessa venda ficticia do *chalet*, que ella rejeita e repugna, porque a confessa e declara feita com a in-

tenção immoral de seduzil-a, e a repelle como compromettedora de seu credito!...

— V. S., porém, não é competente...

— Proval-o-ei que o sou em falta do pae que tão indignamente sacrifica a reputação da filha!...

— Proval-o-á!...

— Ou não! que me importa?... disse Angelo, elevando a voz; acho-me autorizado, não sei, não quero saber, se o estou conforme as leis...

— Rogo-lhe que falle mais baixo...

O tom com que Ernesto pronunciou estas ultimas palavras estava longe de ser ameaçador; o velho mostrava-se ainda mais humilhado e receioso do que colerico.

— Pois bem, tornou Angelo, contendo-se; e abrandando a voz; senhor commendador, a jovem senhora quiz, mandou, que eu a libertasse da vergonha desse *chalet;* hei-de fazel-o. Sou um simples pintor, ignoro absolutamente o que dispõem as leis para este caso, e todavia não procurarei advogado.

— Mas que quer que eu faça?... isto é irremediavel... digo-lhe que o é! a escriptura da venda do *chalet* está registrada... Ursini a assignou... pela filha... e só Ursini...

— Não quero entender-me com elle: é V. Ex. que deve destruir... annullar esse contracto de venda ficticia... veja!...

E Angelo tirou ainda do bolso uma carta, abriu-a, dobrou-a depois de modo que só se pudessem ler tres linhas escriptas, e approximando-a dos olhos de Ernesto, leu convulsivamente: "a compra desse *chalet* é falsa, eu o confesso e declaro, esse *chalet* é doação do miseravel que tenta seduzir-me..."

E abrindo a ultima dobra inferior da carta, Angelo disse:

— Póde ler o nome de quem escreveu...

Ernesto voltou os olhos succumbido: tinha lido *"Rosina Ursini"*.

Que mais diria aquella carta?... o velho apaixonado recebera o golpe mais terrivel e despedaçador: sentia-se estrebuxante nas garras de um rival feliz e atrozmente vingativo, desejava exterminal-o, e que o pudesse fazer, tinha medo do ruido e do escandalo publico.

Ernesto experimentava os tormentos do inferno, e cumpria-lhe ter por sua posição e seu estado social certo decoro apparente, certa frieza altiva em face de Angelo que lhe enterrava punhal envenenado no coração.

— E agora, senhor commendador?... perguntou o commissionado de Rosina.

Ernesto conseguira, aproveitando um minuto passado em silencio, dominar sua afflictiva commoção.

— Estamos, como dantes, respondeu; eu recebi as joias que dei, e que tinham sido graciosamente acceitas... mas... a questão do *chalet* não é commigo... foi comprado pelo pae em nome da filha... não o dei... não posso dizer que o dei... o *chalet* é *della*...

E o velho millionario carregou no pronome, saboreando vingança nesse *chalet* que era vestigio de aviltamento deixado na vida de Rosina.

Angelo comprehendeu esse maligno sentimento; mas deixou-o passar como despercebido, e, insistindo na questão de que tratava, disse com voz firme e cheia de sincera gravidade:

— V. Ex. foi quem com o seu dinheiro pagou esse *chalet*: já lh'o declarei, a doação ou compra ficticia é rejeitada porque houve intenção immoral da parte do doador, e eu asseguro que convém a V. Ex. annullar, aniquillar tudo isso para prevenir lamentaveos consequencias... da sua relutancia.

— Pretende intimidar-me?...

— Pretendo pôr termo a esta penosa commissão que vim desempenhar, e o faço communicando a V. Ex. que, estranho ás leis e, não sabendo se posso, e ainda que pudesse, não querendo recorrer a ellas, vou sem demora nem reservas, dar publicidade a todo este vergonhoso enredo.

Ernesto sorriu-se com ironia franca.

— Não o fará: bem o sei.

— Não o fará?...

— Oh!... disse o velho, lançando o odio em novo riso sarcastico; não o fará! Vossa senhoria ama demasiadamente para atirar nas espumas da imprensa o nome da sua amada!...

Ernesto poz a mão na campainha, vendo a raiva brilhar em flammas ardentes nos olhos de Angelo; este, porém, mostrou-se logo engrandecido pelo imperio com que refreava suas paixões, e pela dignidade fria com que respondeu:

— Senhor commendador, o descredito da infeliz donzella atrozmente calumniada é tão publico que autorisa e exige ampla, completa defesa ainda mais publica!

E accrescentou nobre e galhardamente:

— E eu que amo... essa donzella, farei e publicarei a sua defesa.

Angelo tomou o chapéu, e despedindo-se com ligeira e apenas perceptivel inclinação, ia sahindo.

Ernesto estremeceu, disse:

— Uma palavra ainda!

Angelo voltou-se.

— Com que fim?... perguntou.

— V. S. me violenta na posição social, cujo decôro devo zelar, e na minha condição de marido e pae de familia...

— V. Ex. esqueceu tudo isso, quando...

— Perdão! basta! não discutamos; eu cedo. A escriptura da venda do *chalet* será annullada, como se nunca tivesse havido: sujeito-me a isso; mas preciso de tres dias ao menos para chegar a algum accordo com Ursini.

— V. Ex. poderá, se quizer, empregar ainda mais tempo nesse empenho; eu, porém, hei-de levar daqui neste papel de escriptura riscada já linha por linha, uma declaração escripta e assignada por V. Ex. do que acaba de prometter, ou obrigar-se, e com a menção do motivo da rejeição do *chalet*, embora não confesse a veracidade desse motivo.

— Senhor Angelo, é demais!!!

Angelo cruzou os braços e disse:

— Devo levar uma segurança e uma garantia.

— Eu não escrevêrei, nem assignarei um documento de opprobrio!

Angelo fez um movimento para retirar-se; mas Ernesto exclamou:

— Espere!... pense que me quer arrancar a confissão de uma tentativa criminosa!

— Não; eu admitto na declaração que exijo todas as negativas, todos os protestos de V. Ex. contra a idéa de seducção.

— Ainda assim: combinemos algum outro, expediente que a ambos satisfaça.

— E' inutil; respondeu Angelo.

— Ah, senhor!... isto é insolito!...

— Que o seja: é irrevogavel: peço a V. Ex. que não me retenha infrutiferamente, e com desgosto de ambos.

Ernesto revolveu-se em sua cadeira que era então de espinhos dilacerantes, e pegando com impeto nervoso em uma penna, disse abrazado em colera:

— O papel da escriptura!...

Angelo mostrou-lh'o na mesa.

O velho puxou para si o papel, e sem olhar para o mancebo que estava em pé deante delle, murmurou com voz guttural:

— Dicte!

Angelo dictou quanto exigira que Ernesto declarasse, e no fim disse-lhe:

— Agora póde V. Ex. ajuntar ahi as negativas e os protestos, que lhe aprouverem.

Ernesto escreveu algumas linhas, resalvando-se e firmando a pureza de suas intenções e o horror que lhe causavam as suspeitas injustas de Rosina, e quando acabou de escrever, empurrou o papel para Angelo, e disse:

— Leia, e diga se isso lhe basta.

O terrivel commissario de Rosina leu para si attenta e reflectidamente, e depois entregando o papel, respondeu:

— Convem-me assim.

Ernesto datou e assignou com precipitação, e devolvendo o singular documento ao seu detestado e feliz rival, balbuciou sinistramente:

— Cedi!... leve!... darei aos mendigos... as joias... e o valor... do *chalet*...

Angelo guardara no bolso o documento e dissimulava a ufania da sua victoria, quando ouviu o velho murmurar sinistra e sombriamente de modo a ser percebido, parecendo porém fallar comsigo:

— Mas... as recordações... cá ficam...

Em satanica vingança Ernesto acabava de atirar uma allusão envolta em aleives ás suas relações com Rosina.

Angelo já tinha voltado as costas ao humilhado e cobarde rival; mas escutando aquella injuria intencional arrojada indignamente á donzella, em cujo nome se apresentara, tornou-se de face para Ernesto, e encarando-o em attitude provocadora, disse-lhe:

— O senhor... mente!...

E esperou immovel por alguns momentos as consequencias do insulto que por insultado dirigira; vendo porém, o velho desfigurado e convulso nem mesmo responder-lhe, sahiu, lançando sobre o calumniador de Rosina um olhar de desprezo.

Ernesto, livre de Angelo, ergueu-se, firmando na mesa suas mãos tremulas.

Ao mesmo tempo abriu-se a porta do quarto e Propicio appareceu inflammado de raiva:

— Porque me desterrou alli!... devia ter-me dado um signal!... ou queria ensinar aquelle boneco emproado!... exclamou furioso.

O velho já em pé, e nadando em colera, em infernal incendio de ciumes, e um pouco em vergonhosa vexação pela tristissima figura que lhe coubera, e a que se sujeitara humilde o cobardemente na scena que acabava de passar-se, disse atropelado:

— Foi horrivel! infame! mas eu não podia reagir... nem chamal-o... não! eu sou homem casado... entende? agora... é outro caso... não é na minha casa... quero vingar-me!...

— Vou esbofeteal-o na rua!... tornou Propicio a exclamar, precipitando-se para fóra.

— Não é isso!... disse-lhe.

— Então que é?... pol-o em lençóes de vinho é o que eu entendo!

Ernesto fez uma contorsão medonha no rosto: velho elegante, de fino trato, e ainda homem bonito, como podia ser na sua edade, decompoz os traços do seu semblante em um sorrir feroz, exposição de dentes de tigre embravecido animada com as contracções musculares de furia, e flammejada por dous archotes, olhos de demonio em phrenesi, elle, rindo assim, e tendo as commissuras dos labios submersas em espuma branca de fermento de odio, de paixão, de ciume, e de vingança, disse com voz rouca e rancorosa:

— Agora... Rosina por um milhão!... sou rico!... quero compral-a! quero vingar-me nella!... sómente nella!...

E apertando com força as mãos de Propicio, accrescentou desvairado e em desespero:

— Prepare a casa, e a ceia.

## VI

Chegando á casa naquella noite em que tão açodado deixára sua tia, Angelo correra a fechar-se em seu quarto, e abrindo logo com anciosa curiosidade o mysterioso embrulho de papel lacrado que trouxera, nos primeiros momentos ficara perplexo e attonito, vendo as diversas e ricas joias, que se continham nelle; mas logo depois descobriu por baixo dellas, o que devia esclarecel-o: era uma carta de Rosina, cobrindo a escriptura da venda do *chalet*.

Angelo desprezára as joias que lhe cahiram das mãos sobre a mesa e leu immediata e commovidamente a carta da mulher amada.

"Senhor Angelo: — Posso emfim escrever-lhe. Posso, porque, depois de ter ouvido a sua conferencia com minha mãe e a aspiração de ser sua esposa morreu em mim.

"Amo-o ainda, como o senhor diz, e eu creio que ama-me; mas o sentimento de dignidade que o afastou de mim, agora tambem me afasta, e decididamente para sempre.

"Acredite-o: penso que não consentirei jamais em casar-me; que mude, porém, de resolução nesta triste vida de mulher, ha no mundo um homem com quem jamais me submetteria a casar-me: é aquelle que amo; é o senhor.

"Já vê que posso escrever-lhe, e o faço reflectidamente com dous grandes empenhos, o de reconquistar a sua estima, se isso ainda é possivel, e o de tomal-o por meu ostensivo protector em uma acção embaraçosa e melindrosa, se eu conseguir merecel-o.

"O senhor tem razão: minhas leviandades do louréira e sobretudo a criminosa condescendencia, com que aceitei presentes de joias de valor, e a doação de um *chalet* que ousou fazer-me um homem casado que evidentemente procurava seduzir-me, foram actos indesculpaveis que deviam chamar sobre mim a sua reprovação e o seu desprezo.

"Eu o amei devéras muito tarde para ser feliz; ao menos, porém, o meu amor veiu regenerar-me.

"Senhor Angelo, a *namoradeira* já deixou de sel-o, e disso se ufana: a indecorosa complacencia em aceitação de mimos de preço ou de suspeitosa intenção apenas póde ser castigada no passado, como verá, e absolutamente abrogada hoje e no futuro, como provarei com o meu procedimento.

"Sou outra, e foi o amor que outra me tornou: desde o dia delicioso em que vi, e me revi no seu quadro da "visão do Tasso", mudei, e fiz-me... não, foi o amor, foi o senhor que me fez sensata, e, dil-o-ei, virtuosa.

"E' possivel que assim regenerada, porque o estou, volte eu ao gozo da sua estima, que perdi?... saiba-o: nas amarguras que naturalmente me envenenam a vida, a sua estima será para mim consolação indizivel.

"Já sei que ama-me: não m'o torne a dizer: dora avante prefiro mil vezes saber que me perdoou o passado e que me estima.

"E póde estimar-me... póde: eu lho juro... que póde estimar-me.

"Agora o segundo empenho.

"Custa-me a dizel-o: acho-me só e sem protecção: minha mãe é uma santa, mas de caracter fraco; pensou sempre e coitada, chora e se sujeita; meu pae é bom e pensa, como eu penso hoje, e, ama-me muito; porém erra, e presume que acerta; meu tio é vicioso, e máo; tenho motivos para desconfiar delle.

"O senhor é um cavalheiro digno e honrado, e eu, pobre donzella desprotegida; peço-lhe que seja meu protector, e que falle, e que proceda sem reservas nem limites em meu nome e absolutamente autorizado por mim em uma acção que resolutamente determino.

"De um unico homem aceitei presentes, que sómente agora me repugnam e me pungem com os espinhos do pundonor; foi desse velho maldito que se chama Ernesto; quero restituir-lh'os, rejeitar-lh'os todos: é tarde para minha gloria; mas ainda é tempo para o meu arrependimento.

"Rogo-lhe, senhor Angelo, que se preste a ser meu protector intermediario, e que convença ou obrigue esse homem a tornar a receber quanto me deu, e quanto aceitei desasisada e indignamente.

"Contando com a sua dedicação de nobre e generoso cavalheiro, confiada um pouco... ou muito naquelle amor de noiva que algum dia lhe mereci, e que, eu o sei e creio, dura ainda, confio-lhe todas, todas sem excepção, as joias, com que fui presentada, para que o senhor as devolva a esse velho fatal e as faça receber por elle.

"Ajunto a essas joias e a esta carta a escriptura da compra do um *chalet* realizada em meu nome por meu pae; risquei essa escriptura quanto pude; mas ignoro, se isso basta para inutilizal-a, como desejo e quero. O homem sinistro que me nublou injustamente a reputação parece, mas não é estranho a esse negocio: eu não quero semelhante *chalet*: protesto!... a compra desse *chalet* é falsa: eu o confesso e declaro: esse *chalet* é doação do miseravel que tenta seduzir-me.

"Do senhor Angelo, meu protector autorizado neste caso, espero que me liberte, que me lave dessa vergonha da doação do *chalet;* não sei os meios para conseguil-o, autorizo todos, sem exclusão todos...

"Ficam-me desse homem um piano, que meu pae ha de devolver, ou em que mais nunca tocarão meus dedos, e, ai de mim!... finos tecidos, vestidos e enfeites, que me envergonharia

do rejeitar, pois que já desgraçadamente usei-os, mas que jamais tornarão a aviltar o meu corpo.

"Estas confissões custam-me lagrimas acerbas; mas eu as devia, e fil-as para meu castigo.

"Tenho a certeza de que o senhor Angelo não se negará a servir-me na commissão difficil que lhe dou: por mais que me volte em torno de mim, não vejo, nem descubro quem me possa proteger e defender-me, e que achasse mil defensores, eu preferiria aquelle em quem deposito mais confiança, e de quem espero prova de renovada estima no desempenho desta urida e desagradavel incumbencia.

"O calculo, o interesse, o manejo ardiloso de namoradeira, ou mesmo de amante apaixonada amesquinhariam o testemunho de confiança absoluta, que resplende neste meu pedido de protecção dedicada; eu, porém, mato e sepulto todas as suspeitas, lançando em despedida o brado pungente do meu coração profundamente ferido.

"Amo-o, senhor Angelo!... amo-te, Angelo!... mas.... que o quizesses agora, tua esposa... nunca!...

"Amo-te!... amas-me!... o demonio separou-nos na terra; mas eu creio que se revive no céo!... seremos esposos no céo.

"Agora sómente lá.

*"Rosina"*.

A impressão produzida pela leitura desta carta no animo de Angelo foi extraordinaria e ineffavel.

Havia nessa carta expansão immensa de nobres sentimentos, humildade por assim dizer majestosamente angelica na confissão dos erros, dignidade na rejeição de qualquer idéa de casamento, desinteresse e louvavel acerto na devolução de todas as joias, e ainda mais na repulsa do *chaict* e, emfim, honorifica e grandiosa prova de confiança e de amor não dissimulado na escolha do protector.

Angelo releu vinte vezes aquelle precioso documento de honra e orgulhoso da commissão que lhe era dada, jurou a si mesmo mostrar-se digno della.

Como elle desempenhou tão ardua incumbencia, sabemol-o já.

Mas a carta de Rosina tinha posto em fervento e delciosa alteração os sentimentos de Angelo, que em vivo arrebatamento felicitava o seu amor pelo esplendido triumpho da virtude daquella que tão inconsiderada se expuzera a malignas conjecturas.

Não lembrando então o mundo, não reflectindo que a defesa, e a rehabilitação de Rosina gravadas em uma carta só a elle dirigida, e firmadas como iam ser, em face do Ernesto, mas sem conhecimento publico, não podiam justificar a donzella mal julgada aos olhos de seus detractores, e convencer de calumniosa a diffamação, Angelo fôra procurar o velho millionario com toda a animação da mais alta ufania, e apenas annuviado pelo aborrecimento em que o tinha, e pela colera que lhe accendia a lembrança da sua perversa tentativa de seducção.

Quando, porém, acabava de conseguir quanto levára em mente e impuzera com energica decisão a Ernesto, bastaram quatro palavras deste para que Angelo visse toldada a sua alegria, perturbado o seu enlevamento e de novo acordados os tormentos do seu amor.

O velho tinha murmurado:

— Mas... as recordações.. cá ficam...

Angelo em impeto de colera violenta mentiu a gravidade severa, mas garbosamente decorosa, com que se houvera até então, fallando a Ernesto, e olvidando que deante de sua vigorosa mocidade tinha apenas a fraqueza da velhice, dissera, proferira aquella injuria, que esbofeteia o injuriado:

— O senhor... mente!

E embora-sabindo impune da casa do offendido, Angelo trouxe comsigo as palavras hervadas, e sua memoria algoz lhe repetia:

— As recordações... lá ficam!...

A carta de Rosina tinha aberto o céo no mais puro e extremoso dos amantes; as palavras insidiosas e malvadas do velho vicioso e phreneticamente vingativo o lançaram no inferno.

— As recordações... lá ficam!...

Era torpe, scelerada indicação aleivosa: era vingança atroz, miseravel de rival desprezado, confundido, afogado no ludibrio, era-o! mas os maldizentes, os calumniadores de Rosina haviam de dizer tambem:

— As recordações... lá ficaram!...

Angelo transportado pela leitura e longo e jubiloso estudo da carta de Rosina, de novo prelibára a dita de abraçal-a esposa, e só se assombrara ao temor de não poder vencer-lhe a pundonorosa resistencia positivamente declarada; mas ferido pela dentada da serpente-Ernesto, e presentindo os botes da serpente-maledicencia, adorava Rosina martyr, fraco, porém, para affrontar os falsos juizos dos condemnadores da pobre donzella, envergonhando-se das suspeitas do opprobrio da misera calumniada, susceptivel em extremo ou magnificamente susceptivel pela educação austera que rece-

bera, voltava ás suas horriveis torturas ainda mais aggravadas; porque amava Rosina, acreditava-a perfeitamente rehabilitada, sabia-se muito amado, sabia-a virtuosa pelo arrependimento e castigo de simples leviandades infelizmente compromettedoras de seu credito, e todavia já não ousava dar-lhe o seu nome a medo das zombarias e da reprovação do mundo maligno e inexoravel nas satyras e na fereza da maledicencia.

Angelo soffria mais do que nunca: em sua consciencia Rosina era digna de ser sua esposa; mas, em sua consciencia tambem, o juizo publico que estava e continuaria a estar alheio ao vigoroso e eloquente meio, pelo qual a arrependida donzella se rehabilitára no conceito do seu amado, marcava-a ainda com o signal pungente de suas suspeitas.

Considerando assim, o exaltado mancebo imaginava que o noivo de Rosina expor-se-ia ao rir insolente de uns, e á commiseração affrontosa de outros, e que sua noite de noivado seria para alguns objectos de apodos e de epigrammas sarcasticos.

Angelo tão amoroso de Rosina como escrupuloso da pureza de sua reputação de homem de brio e honra, não tinha aquella fortaleza de animo, com que se assoberba o juizo e ainda a reprovação de todos, quando, embora só, se tem chegado á convicção da verdade.

Esses intimos conflictos do brio com o amor, que mais ou menos acerbos e crueis se passam nos corações dos noivos de donzellas que têm sido loureiras, e que perturbam os jubilos das vesperas do casamento, foram de acerrima e desabrida violencia na alma de Angelo.

Um dia e uma noite de ponderações e de meditação estereis pela constante contrariedade de sentimentos, apenas serviram para aturdir e angustiar o nobre amante de Rosina.

Urgia, porém, dar conta da commissão já desempenhada.

No dia seguinte depois de escrever e de rasgar dez cartas, Angelo escreveu a que se segue.

"Minha Senhora: — A sua carta me glorificou: nunca houve homem que merecesse tanto. Agradeço-a de joelhos, e beijando-lhe os pés.

"A tarefa de que me encarregou, realçando-me com a mais excelsa confiança, está plenamente executada, conforme o dizem os documentos que tenho a honra de remetter. Cumprindo essa missão, desvaneço-me de poder assegurar que nem um só instante esqueci a altura e o brilho do anjo que me mandára, onde fui.

"Anjo, acabo de escrever, e o repito: anjo! oh, sim!... anjo!...

"Se houve nuvens em nosso passado, dissiparam-se de todo:

houve-os!... mas esquoçamol-as para sempre: não as ha, não tornará mais a havel-as; o sol está brilhando com todo o esplendor e toda pureza.

"E porque me pede estima, quando lhe rendo adoração?... estimo-a, adoro-a, amo-a!...

"Ah!... nunca me perdoarei palavras que me escaparam, suppondo-a ausente, e fallando á sua virtuosa mãe: fui brutalmente selvagem! perdoe-me!... eu lho juro: ha brutalidade, selvatiqueza horrores no amor que ferido desatina: eu estava ferido e desatinei: perdão!... perdão!...

"O desatino passou... creia-o! ainda outra vez: porque me pede estima?... estima não se pede, impõe-se; e, mais do que a minha crença, a minha fé na sua virtude é uma segunda religião para a minha alma.

"Eu a estimo, a adoro, a amo como mulher formosissima, e como anjo de virtudes.

"Mas tem razão; o nosso amor não é deste mundo!... é muito puro e muito santo para rebaixar-se ás miserias da terra.

"Tem razão; houve duvidas que foram offensas... houve palavras que moveram lagrimas... e ha lagrimas que deixam sulcos no coração... foram dessas as que chorou martyrisada barbaramente por mim...

"Tem razão; ha lembranças tristes, que não toldam os amores vulgares, os faceis amores da terra: mas que são incompativeis com os amores puros e santos.

"Oh! pois bem!... seja assim: amemo-nos de longe, enternecida e espiritualmente na terra! amemo-nos com o amor angelico de duas almas que devem casar-se na vida que hão de viver no céo!...

"Rosina! oh! Rosina!... deixa que te ame, e, se pódes, ama-me assim!... nunca me casarei, não amarei outra mulher, nunca!... não te casarás tambem, nem amarás outro homem, nunca!...

"Tenhamos fé em Deus: casar-nos-emos no céo.

"A vida é tão curta neste mundo tão máo!... sofframos alguns annos, purificando-nos ao fogo do soffrimento: basta para nós na terra a consoladora certeza da immortalidade do nosso amor, e da presença e do gozo da presença incessante de cada um de nós na alma do outro.

"Hei de amar-te assim, Rosina, ainda que deixes de amar-me!...

"Eu só tenho medo de um peccado; é de amar-te, como amo a Deus!...

"Eu não te peço nada para lembrança, para signal de ti; por-

que tenho tudo de ti, tudo! tenho teus cabellos, tua cabeça e teu roste, tenho teus olhos a fulgir e teus olhos a chorar, tenho tua bocca a sorrir, tenho os teus labios humidos e roseos, tuas espaduas e teu peito soberbo, as ondulações do teu corpo a mover-se a andar, tenho a delicadeza de tuas mãos, e o torneado de teus braços magnificos, e a delgadeza e o mimo de teus pés, tenho a tua graça, tenho tudo, e posso retratar-te mil vezes longe de ti... O que não tenho em mim é a tua alma cheia de amor e para sempre!...

"O que tens de mim, não sei: se uma lembrança do pobre Angelo te póde ser grata, ignoro-o e todavia ouso imaginal-o.

"Ah!... li nessa carta de anjo que o quadro da *visão do Tasso* impressionou Rosina que se reviu nelle. Era justo: ella estava lá, e o meu amor com ella. Para que fingimentos?... O "Tasso era eu; a Eleonora era Rosina.

Esse quadro é um thesouro; porque sua dona reconheceu-a nelle e o distinguiu. Quizera que Rosina o tivesse e o guardasse.

"Poderei merecer esta ufanosa dita?... deixarei o quadro na casa de minha tia para desprezal-o eu tambem, se elle fôr desprezado; para abençoal-o, se sua dona o estimar.

"Basta, o não basta: meu coração fallou, e meu coração fica cheio de mil cousas para dizer!...

"Mas em mil, o mais livros que escrevesse meu coração diria sempre e só em todas as suas expansões variadas, multiplicadas e infinitas o seu exclusivo sentimento, dominador, irresistivel, absoluto, soberano querido, deposta idolatrado, e divinal senhor.

"Mil e mais livros em tres palavras:

"Eu te amo, Rosina!... — Angelo".

A carta de Rosina fôra tão habil ou tão sensata, referindo-se ao seu amor, e apesar delle á absoluta rejeição de toda idéa de casamento com Angelo, como a deste era banal e absurda, fallando do mesmo assumpto.

E' verdade que ambos se consolavam, sonhando egualmente o consorcio de suas almas no céo; mas esse pensamento suave ou de mystica poesia ou de fé catholica não tinha nem podia ter laço algum com a vida passageira da terra, e portanto não compromettia os corações de um e outro.

Ora Rosina escrevera: "a aspiração de ser sua esposa *morreu* em mim." E logo depois: "ha um homem no mundo, com quem jamais me submetteria a casar-me: é aquelle que amo; é o senhor".

E Angelo respondia: "tens razão: o nosso amor não é deste mundo; é muito puro e muito santo para rebaixar-se ás miserias da terra!"

Mas em seguida propunha para conforto da vida transitoria uma correspondencia de amor espiritual e angelico que elle proprio começava logo a tornar material e muito humano, enviando a Rosina o quadro da *visão do Tasso* para lembrança de sua pessoa.

Nos termos e condições em que Angelo iniciava o *seu amor na terra sem ter nada da terra*, apparecia logo o absurdo e a insensatez do programma.

Por pouco que durasse e fosse alimentado esse amor, em que o homem se presumia com a pureza do anjo, era quasi certo que o homem acabaria por succumbir á sua propria fraqueza, pedindo á mulher amada as glorias licitas e religiosamente abençoadas dos *amores triviaes* deste mundo.

Se Rosina tinha escripto a sua carta a Angelo, manobrando com astuciosa intenção de reconquistar o noivo esquivo, naturalmente aceitaria, embora com objecções provocadoras de insistencia, esse plano, essa combinação de amor sujeito a espiritualismo insustentavel, que lhe estava offerecendo victoria mais que provavel na vida real.

Onde, porém, mais fiel e resplendente se ostentava o amor?... na carta reflectida, melancolica, resignada, ás vezes pungente, ás vezes apaixonada, atrevidamente energica em relação a Ernesto, decorosa, nobre, e sabia em relação a Angelo, ou na carta deste, tão exaltada e doida, que ainda humilhava a amada, sacrificando-a aos devaneios do passado, e a decretava anjo para amal-a humana na recordação viva de todos os seus bellos dotes pessoaes, e inventava céo na terra, e imaginava o impossivel na realidade?...

Ninguem poderia dizel-o. O amor ludibria a seu capricho a razão, e se de ordinario assombra pelos desatinos e absurdos a que leva de rastos ou em arrojos o coração, ás vezes imprevistamente faz admirar pela sabedoria da resolução ou por esses milagres de abnegação heroica, e de virtude.

O estudo das duas cartas sómente habilitaria o juiz conhecedor do passado de Rosina a assegurar que na carta de Angelo havia delirio, insensatez de amor verdadeiro e terrivelmente tempestuoso, e que na carta da filha de Ursini havia arrependimento e virtude que poderiam ser arôdosamente fingidos.

Haveria dureza na duvida da sinceridade da donzella; mas não se póde ter sido impunemente embusteiro, e Rosina o tinha sido demais em seus namoros audazes.

Na vida humana é sómente a observação do futuro quem verifica e sanccciona o arrependimento dos erros do passado.

Angelo, descontente de si, descontente de tudo, triste, contra-

rindo, esperançoso e sem esperanças, levou a sua carta e o seu quadro á casa de sua tia.

Clotilde o ouviu fallar, mas não lhe fallou de Rosina.

O quadro ficou a um canto da sala, e a carta sobre a mesa.

Mas dous dias depois Angelo encontrou sobre a mesa, em vez da sua, outra carta de Rosina.

Essa era breve e definitiva: era assim.

"Sr. Angelo: — O que fez por mim, fica-me no coração: viva, nunca o esquecerei, morta, ee a alma leva lembranças deste mundo, minha alma levará a gratidão que lhe devo.

"A segurança da sua estima me engrandece e me consola: com ella serei tão feliz, como ainda no mundo posso sel-o. A sua estima me purifica em minha consciencia.

"Nunca houve com effeito homem que merecesse tanto de uma donzella: eu lhe confesso que o senhor me fez boa e perfeitamente honesta!...

"O senhor é meu pae pela virtude: eu sou sua filha pelo arrependimento...

"Mas por isso mesmo... embora eu o ame, e o senhor ame-me, pois que é impossivel, e o é, nossa união, nosso casamento, suffoquemos este amor, esqueçamol-o na terra, para que possamos ser bons amigos, e encontrar-nos, e fallar-nos sem corar, e sem que nos vexemos...

"O passado passou...

"Eu amo o quadro da *visão do Tasso;* amo-o!... mas não posso guardal-o: saiba-o: dias antes eu tinha jurado a Nossa Senhora Immaculada não receber mais nunca presente de homem algum...

"O senhor sabe porque.

"Seja meu esse quadro que tornei a ver, a admirar, a ufanar-me, revendo-o! seja meu; aceito-o; guarde-m'o, porém, em deposito sagrado.

"Um dia... e espero que não seja tarde, quando eu estiver para morrer, lhe mandarei pedir esse quadro que é meu: tenho a idéa de expirar consolada e ditosa com os olhos fitos nelle...

"Esta idéa é tudo quanto lhe posso dar...

"Oh, Sr. Angelo!... eu sei bem que o matei!... mas estamos quites: o senhor tambem por sua vez matou-me.

"Mortos assim um e outro para aquelle terno amor que, abençoado por Deus, teria feito a nossa felicidade, não podemos mais dizer-nos que nos amamos...

"Se sentimos ainda esse amor, seja como um sonho do passado que não se renova; mas guarde para si cada um de nós o

sonho do passado; porque dizel-o um ao outro fôra lembrar os golpes que nos mataram, e as offensas que nos perdoamos.

"Isso é irrevogavel.

"Foi o senhor que não quiz, e desde então fui e sou eu que não quero chamar-me sua. — Rosina".

## VII

Na vida humana os abalos violentos e profundos, as catastrophes das paixões que dilaceram o coração, determinam crises dolorosas e terriveis, de que ás vezes se arrança e sae a pessoa a quem a desgraça prostrára, levando as marcas das torturas em salientes alterações de caracter e de sentimentos moraes.

Em alguns casos a mudança é lamentavel, porque apaga as crenças, a confiança, e sepulta a alma na noite do septicismo, em outros casos é saudavel e regeneradora, porque inspira a virtude, que enobrece, e ensina o bem que aproveita.

Fulminada na conferencia que sua mãe tivera com Angelo, pela firmeza severa com que este recusára sua mão de esposa; pelo seu menoscabo confessado por Joanna em exposição demasiado franca de suas faltas, e emfim por aquella manifesta e tremenda sentença de desestima, com que o homem que a amava declarou que não lhe estava em divida de honra, hypothese unica que o obrigaria a desposal-a, Rosina derribada pelo golpe horrivel, quando se pôde levantar, levantou-se outra.

Rosina desmaiara, e recobrando os sentidos, não tinha ainda recobrando a voz; mas ao ouvir sua madrinha consolal-a, dizendo-lhe: "elle te ama... conta commigo e espera..." a voz cedera ao esforço supremo da alma, que respondeu vigorosa:

— Agora... não!...

Nessa resposta começára a revelar-se a mais surprehendente metamorphose moral.

A dôr tinha sido extraordinaria, indizivel: fôra dôr de honra e de amor, talvez não menos dôr de vaidade, que Joanna e Angelo haviam lacerado...

A noite foi de martyrio, quasi noite de agonia para Rosina, que a custo conseguiu tornar para casa, onde em accessos de convulsões pavorosas, em febre ardente e teimoso delirio, pagou tributos á fraqueza animal, padecendo até ao romper da aurora.

Ursini voltára do jogo ás duas horas da madrugada, e correu a chamar o seu medico.

A natureza dispensou o soccorro da sciencia.

Quando Ursini chegou trazendo da pharmacia os remedios que receitára o medico, Rosina já dormia benigno somno reparador.

A doente despertou ao meio dia: tinha dormido oito horas; estava pallida, gravemente pensativa, obrigada a ficar no leito por abatimento de força physica explicavel depois da febre e convulsões que soffrera.

O medico veiu vel-a; examinou-a cuidadoso, pareceu satisfeito do estado em que a achava, e perguntou-lhe:

— Que sente agora?...

Rosina respondeu com voz docemente melancolica:

— Ah, senhor doutor!... soffri muito!... mas nem pensa, como estou curada e boa!...

O medico sorriu-se sem ter comprehendido o pensamento occulto da resposta de Rosina; mas Joanna escondeu duas lagrimas que lhe cahiram dos olhos.

Rosina estava duplamente curada. Escapára á morte por excesso de dor, que ás vezes mata, e ia regenerar-se do excesso da vaidade, da paixão, do luxo e do vicio do namoro que a tinham compromettido e infelicitado.

Amando apaixonadamente Angelo, a sua justa condemnação sentenciada pela boca desse mancebo em vez de aguilhoar-lhe o orgulho e o desvanecimento de bella, e de revoltar-lhe o ressentimento de desdenhada, submetteu-a ao estudo serio e reflectido do seu procedimento, á convicção dos erros em que incorrera, ao arrependimento delles, e á estima ainda mais elevada do homem que a adorava por formosa, e que a não queria esposa por suspeita de impura e por irrecusaveis provas de leviana.

Rosina passou o dia abatida, e triste, mas tranquilla e resignada: vendo que sua mãe ainda apprehensiva e temerosa vinha a miudo observal-a sem nunca fallar-lhe dos amargurados transes da ultima noite, disse-lhe serenamente:

— Póde socegar, minha mãe; o que o doutor me ouviu, é verdade: estou curada e boa.

E accrescentou:

— Curada... de tudo que me fazia mal. Vel-o-á...

— Ah, minha filha!... mas aquelle homem é máo!... devemos esquecel-o...

— Porque?... offendeu-me em momentos de exaltação; é, porém, um mancebo honesto e brioso... e por fim... o que elle disse, foi justo.

— Ainda o amas!

— Ainda, e o estimo dobradamente; apenas agora preferiria morrer a casar-me com elle. Devo-lhe porém muito!... Angelo me curou.

Joanna poz-se a olhar estupefacta para a filha, receiando que lhe tivesse voltado o delirio.

Rosina, como se houvesse adivinhado os receios de sua mãe, offereceu-lhe as mãos e disse:

— Veja... não tenho febre, e nunca me achei com a razão tão sã. Vá descansar, minha mãe!... creia que d'ora avante sua filha será muito mais digna do seu amor.

Rosina não pôde ou não quiz levantar-se da cama até a noite, mas sem accusar soffrimento algum, sómente parecia absorvida em graves reflexões.

Joanna acabou por convencer-se de que a vida de sua filha não corria mais perigo, embora duvidasse da perfeita resignação que ella mostrava; mas ainda assim teimou em passar a noite perto della, e deitando-se vestida em um colchão, que estendeu a um canto do quarto, cedendo em breve á fadiga, a pobre mãe dormiu.

Quando Rosina, que debalde havia procurado ficar só, viu Joanna engolphada no somno, ergueu-se de manso e foi sentar-se a escrever.

Escreveu muito e como quem lançava no papel idéas já combinadas: era a Augelo que ella escrevia.

Logo que terminou a carta, Rosina tirou da gaveta de sua mesa a escriptura da compra do *chalet* que já estava toda riscada, e ajuntou-a á carta, foi depois ao seu guarda-joias, e com a fria calma de quem procede em consciencia e sem violentar-se, arranjou com arte sobre a carta, e de modo a não fazer grande volume, um diadema de brilhantes, pulseiras, collares, relogio de ouro, anneis, um solitario, magnifico diamante, todas as joias emfim que recebera de Ernesto, encerrando tudo em duas folhas de papel que dobrou e lacrou por todos os lados, exagerando talvez o emprego do lacre para segurança, e tomando de novo a penna, escreveu sobre a face mais ampla do embrulho: "*Para o Senhor Angelo*".

Isso feito, Rosina tomou em suas mãos o rico embrulho, e depondo-o e fechando-o em seu guarda-vestidos, voltou a seu leito, assegurou-se de que sua mãe dormia, e deitando-se, adormeceu logo depois.

A determinação positiva e inflexivel de restituir o *chalet* e todos os presentes que de Ernesto lhe tinham vindo, já estava desde muitos dias assentada inabalavelmente no animo da namoradeira arrependida, mas então menos arrependida, por amor da virtude, do que pela paixão ardentissima que Angelo por fim lhe inspirára.

A prova de que Rosina já tinha isso resolvido estava patente na escriptura da venda do *chalet* riscada totalmente por ella, que pensava podel-a destruir, e tel-a destruido assim.

Faltára até aquelle dia a Rosina meio seguro, ou intermediario de confiança que realizasse o louvavel e firme proposito, que ella hesitava em executar por si, querendo esquivar-se a toda e qualquer explicação com Ernesto, cuja presença não lhe era mais toleravel, e tambem porque ignorava se para a rejeição do *chalet* bastava-lhe inutilisar a escriptura de compra, como havia feito, riscando-a.

A tremenda noite de desengano, de castigo em torturas do coração, e de triumpho da consciencia sobre o resentimento da offensa, e a cegueira da paixão, mostrou-lhe o intermediario que procurava no proprio homem que a malbaratára.

Escrevendo a Angelo, Rosina levára-se por tres idéas, de que apenas confessára duas: pelo desejo fortissimo de ganhar outra vez a estima do mancebo; pela confiança que depositava no seu caracter; e emfim, por vingança de mulher que justificando-se ou regenerando-se no conceito do amante generoso, deixava-lhe, ainda com a certeza de ser amado, o tormento cruel do amor sem esperança.

No dia seguinte Rosina exigiu de sua mãe que a levasse á casa de sua madrinha, a quem fez entrega do pequeno embrulho destinado a Angelo.

Só então Joanna perguntou:

— Que é isso?...

— E' uma restituição: disse ella simplesmente.

A mãe e a madrinha julgaram que seriam cartas e algumas dessas innocentes prendas que de costume os namorados trocam.

Clotilde tentou fazer a afilhada acreditar que o seu casamento com Angelo ainda era provavel e sómente questão de tempo.

Rosina respondeu:

— Isso acabou.

E ficou estranha á conversação que sobre tal assumpto estenderam as duas senhoras.

Clotilde disse por fim, beijando a fronte de Rosina:

— Esta cabecinha está desgovernando, como a delle; mas eu farei entrar o juizo em ambas.

E accrescentou:

— Vocês dous hão de casar-se!

A afilhada observou com doçura:

— Agora, minha madrinha, não é só elle, sou eu tambem a não querer.

Clotilde despediu-se de Rosina, batendo-lhe com a mão no hombro, e dizendo-lhe:

— Eu te mostrarei, enfesadinha!

Desde esse dia Joanna viu e notou que sua filha alterára e mudára consideravelmente, e sem as contradições e caprichos de genio manifestados nos dous ultimos mezes, seus costumes e seu proceder.

Triste, porém suave e razoavel, Rosina estava longe de parecer feliz; mas vivia tranquilla.

Chegava menos vezes á janella, e quando o fazia, era indifferente aos seus antigos namorados de vaidoso entretenimento.

Usava de preferencia constante vestidos e adornos de simplicidade que não indicava calculo, nem tambem signal de desgosto de si, porque nelles havia sempre estudo do natural faceirice de moça, e evidente cuidado em fazer sobresahir as bellas proporções e a gentileza do seu corpo.

Joanna principalmente notou que Rosina não usava mais nem vestido, nem enfeite, que de Ernesto lhe houvessem vindo.

Afóra a tristeza da filha, todas as outras mudanças e alterações de seu procedimento lhe eram gratas e consoladoras: uma só causava dôr a seu coração de mãe: Rosina, a formosa e habil pianista, tinha perdido o amor á musica.

Uma vez Joanna perguntou-lhe:

— Porque não tocas mais o teu piano, minha filha?...

Rosina corou, como nunca tinha até então corado, e respondeu com os olhos no chão:

— Minha mãe... não toco, não tocarei mais naquelle piano...

E murmurou a custo e em confusão vergonhosa:

— As teclas daquelle piano... mancham meus dedos...

Joanna lembrou-se...

— Tens razão; disse, e abraçou a filha.

Entre os dias que iam passando, houve um, em que Rosina se mostrou, por excepção, menos igual no genio, e absurdamente

ora mais triste, ora mais satisfeita, e como livre de affrontoso peso.

Foi no dia em que lhe veiu ás mãos a carta de Angelo.

A carta lhe trouxera nectar e veneno.

Angelo a libertára dos presentes de joias e da doação do *chalet;* era o nectar.

Rosina respirava finalmente livre e descarregada dos obsequios do homem que premeditára seduzil-a: tinha-o humilhado e punido deante de Angelo, cuja estima acabava de rehaver: era o nectar.

Mas, nessa mesma carta, Angelo, que a saudava e a adorava, mais que regenerada, purificada, ainda lhe condemnava o passado, propondo-lhe no mundo a vida impossivel do amor espiritual, escondendo em sophismas poeticos a repulsa pundonorosa da pobre namoradeira, embora arrependida: era o veneno.

Rosina tinha esperado que Angelo lhe pedisse debalde a revogação do seu decreto do casamento impossivel, e Angelo lhe acceitára o decreto, acceitando-lhe os motivos que ainda a menoscabavam: era o veneno.

Rosina bebeu o veneno com resignação de martyr.

Em sua subtilissima intuição de mulher que ama, viu, sentiu e recebeu no coração o derradeiro golpe desfechado pelo homem que amava.

Ella tinha-se embalado com uma sublime vingança de amor immenso e portanto immensamente offendido...

E nem pudera vingar-se!

Angelo a rejeitava ainda e sempre, e a ella não era dado sublimisar o seu amor, ostentando a sua virtude na confissão franca de que amava,e na grandeza e no melindre honorifico da recusa do homem amado!...

Rosina submetteu-se a essa ultima desillusão, e escreveu magoada, mas senhoril sua resposta a Angelo.

Em sua resposta mandou ao orgulhoso a despedida extrema do seu amor.

Consolada por achar-se emfim livre do Ernesto, ella ainda teve lagrimas, e chorou o achar-se de todo livre de Angelo, sem que todavia pudesse deixar de amal-o.

Coitada!... Rosina acabava de estender o crepe da morte sobre o seu amor.

# VIII

Ernesto tambem preparava ou esperava a sua vingança tanto mais desejada quanto estava delineada de modo a completar seus designios criminosos. Não podendo seduzir, elle já não trepidava em tomar em suas garras a presa incapaz de resistir no torpor do somno envenenado.

Mas o elegante velho millionario não era mais o ufanoso seductor que confiado na sua sagacidade e na sua riqueza, sabia contemporisar e destruir com paciencia e manha as contrariedades, e as mais obstinadas repulsas, ou finalmente retirar-se antes de desairado, quando reconhecia-se em face do inabalavel virtude.

Ernesto perdera o coração e a cabeça nos phrenesis da paixão desmesurada, e por ultimo humilhado, deprimido, vilipendiado face a face do seu rival feliz e por ordem da mulher que o desprezava e que ostentosamente lhe mandava na presença affrontosa do seu amado o mais barbaro requinte de ludibrio, ajuntou á paixão ciumes truculentos e raiva.

O velho que fôra serpente, tornara-se tigre.

Mas o tigre ainda muitas vezes tremia.

Não era a consciencia, era o medo que o fazia tremer.

O trama de Propicio assombrava-o menos pela perversidade do que pelo escandalo.

Ernesto era em todo o caso negociante de grande credito e das melhores relações, devia-se á sociedade do mais fino trato, e na sua idade e condições sociaes ninguem lhe perdoaria o crime que premeditava, e que nodoaria para sempre a vida de um proprio estouvado mancebo. Ernesto tinha medo do mundo.

Elle ainda então, e apezar de quanto Propicio fizera para despertar os ciumes de sua mulher, experimentava no seio da familia a indifferença soberba de Amelia, que desdenhosa e fria, e talvez mais desdenhosa que d'antes, nem sequer uma vez tornara a fallar-lhe de Rosina; mas desde que um escandalo publico fosse publico ultraje feito á esposa, quem poderia medir as proporções da desaffronta da orgulhosa fidalgo?... Ernesto tinha medo de Amelia.

E, ainda mais, Rosina amava e era amada por um homem de animo e coração forte, como já o havia provado no desempenho de incumbencia, que elle devera ter antolhado arriscada: até onde chegariam a justa colera e o desespero do amante, talvez do noivo de Rosina?... Ernesto tinha medo de Angelo

E, pois que toda lição moral é util, a da ignominia tambem aproveita: em meio desses medos Ernesto não se lembrara de ter medo do pae de Rosina!...

Mas a paixão e a raiva venciam os terrores ou as apprehensões do tresloucado velho, que esquecendo o decoro e a decencia, e entregando-se todo ás machinações malvadas de Propicio, foi procedendo, como elle ensinava.

Tendo deixado de ir á officina de Ursini, durante alguns dias, voltou emfim a ella, quando foi preciso preparar a ultima cartada da partida do crime, e apresentou-se sombrio e carrancudo.

Ursini depois de festejar a visita, recomeçava a cansada historia da paixão e dos pudicos tormentos de Rosina; mas o velho o interrompeu bruscamente.

— Basta de enganos e de falsidade!!... disse elle com indignação.

— Como é isso?...

— E' isto!... murmurou surdamente Ernesto, apresentando a Ursini as joias que Angelo em nome de Rosina o tinha obrigado a receber.

O italiano empallideceu, e com os olhos nas joias e na escriptura, balbuciou estupidamente:

— Ah!... sim... mas como foi?...

Ernesto contou-lhe tudo.

Emquanto o velho fallava, Ursini tornava a si da surpreza dolorosa, que o confundira, menos pela mentira em que fôra apanhado, do que pelo prejuizo que lhe custava a nobre restituição feita pela filha.

Quando Ernesto acabou de referir o que se havia passado entre elle e Angelo, o italiano coçava a cabeça com ambas as mãos.

— E fiem-se lá em mulheres!... disse o pae de Rosina: ah!... como a tal menina me enganou!...

— Enganou-o?...

— Pela Madona!... Rosina enganou-me, senhor compadre!...

— Ainda assim, disse Ernesto; suppondo que o senhor é alheio a esse facto, que muito me magoou, sinto dizer-lhe que vim prevenil-o de que nossas relações devem ficar cortadas de hoje para sempre...

Ursini ainda estava ás tontas naquella meada intrincada de Rosina, Angelo e Ernesto; mas a quebra de relações com o compadre rico era-lhe terrivel ameaça.

— Menos isso!... exclamou.

E coçando sempre a cabeça, disse depois de breve silencio:

— Senhor compadre... anda ahi intriga que ainda não entendo... havemos de arranjar as cousas á sua vontade, e sem o menor constrangimento e dezar de V. Ex...

— Parece-me impossivel...

— E eu lh'o asseguro...

— Mas com que conta?... sua filha me injuria...

— Tal e qual!... é o que me prova que ella nem sabe o que faz!... pobre menina! o senhor compadre perturbou-lhe a razão...

— Já não creio nisso...

— Oh!... hei de convencel-o: deixe-me essas joias...

— Não, isso não: na repulsa destas joias e do *chalet* recebi uma affronta que não vejo meio de lavar. O valor de umas e de outro pertencerá a qualquer instituição de caridade, e eu guardarei as provas do ultraje...

Ursini tão perturbado e atordoado se achava que, ferido por ameaça de prejuizo ainda maior, disse como em instinctiva defesa:

— O *chalet*... oh!... mas... a escriptura?...

Ernesto contava com a objecção.

— Sim; tambem o *chalet*, cuja escriptura de venda á sua filha será annullada: o senhor se prestará a concorrer para que isso se faça sem publico dezar...

— Eu ?...

— Sem duvida: tenho em mim declaração assignada por sua filha que diz rejeitar o *chalet*, porque a compra delle foi falsa, e só o teve por doação minha com intenção immoral que ella veiu a reconhecer...

Ursini riu-se com um rir feroz e perguntou:

— E dahi?...

— O meu advogado assegura-me que nada mais lhe é preciso.

Ernesto mentia; mas Ursini, o italiano matreiro, se deixava prender em suas redes, vendo as joias de Rosina nas mãos do velho, e achando pois verosimil tudo quanto ouvia em relação ao *chalet*.

O producto vil de seis mezes de abjecção de pae desnaturado estava perdido em um só dia, em uma hora, em um momento do que Ursini dentro de si estava chamando loucura e traição da filha.

O italiano retorcia-se para concentrar e esconder o seu desespero: não comprehendia, não acreditava ainda que o *chalet* lhe pudesse ser tomado; mas o simples receio dessa perda o angus-

tiava, e as joias, cujo valor igualava ou excedia ao do *chalet* estavam alli a seus olhos perdidas para seus calculos da fortuna de Rosina...

Era horrivel aquelle receio, e mais horrivel essa realidade para quem via em dezeseis ou vinte contos de réis toda a riqueza de sua filha!...

O miseravel ainda pôde sopitar a furia e em mal arranjado parecer de animada confiança, e em prosternação de inqualificavel baixeza dizer a Ernesto:

— Oh, senhor compadre!... não o conheço mais!... um homem de juizo a tomar ao serio as doidices de uma criança!...

Ursini não atinava no que devia dizer; mas, coçando sempre a cabeça, procurava um expediente, um meio qualquer para aquietar, illudir Ernesto, e rehaver as joias perdidas.

Ernesto de seu lado tinha empenho em suggerir-lhe o meio, que devia ser o laço da mais negra perfidia.

— Sua filha não é criança; disse elle; e a injuria que me irrogou... e a escolha que fez do homem portador da injuria...

— Ah! eis ahi está o signal mais positivo e claro do seu desvario!... pobre menina!...

— Mas no seu desvario ella me insultou duas vezes, insultou-me, calumniando minhas intenções innocentes e puras, e vilipendiando-me deante do seu amado!

O italiano aproveitou as duas queixas de Ernesto para contrariando-as, e explicando o procedimento da filha, conforme o seu antigo e costumado ardil, embelecar o velho, como sempre conseguira, não tendo percebido que este era quem o estava dessa vez embaindo afim de leval-o ao ponto que mirava.

— Senhor compadre, disse Ursini; que injustiça cruel!... minha filha conhece e honra suas intenções puras, e, eu a conheço bem, desde muito o haveria repellido, se pensasse o contrario...

— Mas agora repelle-me!

— Se eu já lh'o disse!... não foi culpa do compadre... ou... sejamos francos, foi... em parte foi... mas o certo é que a coitadinha o ama... e sendo honesta, como é... o seu desespero e os seus arremessos... ora... isso é tão natural!...

— E esse Angelo...

— Que idéa!... Angelo pediu-a em casamento e Rosina o rejeitou; mas o teimoso anda ainda sem duvida pelo beiço, e a desastrada menina utilisou-se da tolcima do pobre tolo...

Nesse dia Ursini fallava tão desconcertadamente e com tão pouca finura, que não teria mystificado Ernesto ainda no tempo

de suas faceis illusões de velho namorado, se não conviesse a esto ir parecendo deixar-se lograr.

— Está dizendo cousas inverosimeis! murmurou Ernesto menos encolerizado, mas ainda duvidando, como quem deseja não duvidar.

— Inverosimeis!... verdadeiras... incontestaveis... sol ao meio dia! exclamou o italiano com ardor mal calculado.

— Acredita no que assevera, compadre?... perguntou o velho, avançando um passo, e fazendo um movimento de quem ia entregar alguma cousa.

— Pela Madona, juro-o! respondeu Ursini, estendendo os braços e offerecendo as mãos para receber as joias.

Ernesto recuou immediatamente, e disse:

— Não!... é melhor acabar de todo com isto.

Ursini enxugou com a manga da blusa o suor que lhe corria da fronte.

— A desfeita foi enorme!... accrescentou o velho.

— Foi! foi! reconheço-o, senhor compadre!... mas...

— Mas... o que?...

— A reparação pode ser igual!... respondeu o pae de Rosina com falsificada doçura de voz.

— E como?...

O italiano coçou a cabeça.

— Olhe, senhor compadre... basta-lhe ver e ouvir a menina pedir-lhe perdão, confessando-se arrependida e... amorosa?...

O velho immoral não soube esbofotear aquelle pae ainda mais immoral que elle; disse-lhe porém, fingindo generosidade:

— Não: sua filha não será humilhada deante de mim: continuo a respeital-a muito: não quero isso.

— Nesse caso... é difficil imaginar de repente; mas... senhor compadre! por quem é não nos prive da sua amizade!... escolha, determine a reparação... vejamos...

— Eu?... ah!... além do contrasenso, eu duvido do que lhe ouvi...

Ursini estortegava as mãos, quando coçava a cabeça; mas chegára a dominar-se bastante para sorrir muitas vezes e manter o tom suave da voz.

Ora, o senhor compadre!... o protector da minha familia!... quero convencel-o da verdade!... ponhamo-nos de accordo na reparação da... do que parece desfeita.. o que foi só, verá que foi só... só... ora, por fim o compadre ha de ver que está sendo até ingrato!...

— Ah, compadre!... você é uma sereia, que me deita a perder!... exclamou Ernesto.

E poz-se a passear ao longo da officina, como quem reflectia.

Ursini acompanhava com os olhos e a physionomia o passeio do velho millionario, com os olhos em chammas infernaes e a physionomia decomposta pela raiva, quando elle lhe dava as costas, e com olhar terno e humilde e com visagens de ridicula e baixa adulação, quando o tinha de frente.

No fim de alguns minutos de passeio e de reflexão Ernesto parou deante de Ursini, e disse:

— Não quero reparação: ao envez disso exijo que não tornemos a fallar, nem D. Rosina me falle da affronta que recebi. O passado está passado.

— E' o melhor: não houve tal cousa... não houve.

— Mas isso não me basta. Preciso de uma grande e eloquente prova do que o compadre ha pouco me jurou...

— E qual, senhor compadre?...

— Uma prova de... amizade e de confiança.

— E' dizel-a.

— Do hoje a cinco dias é domnigo de Carnaval...

— Exactamente; é de hoje a cinco dias...

— Você, compadre, levará D. Rosina ao baile de mascaras do theatro... pouco importa qual... escolha...

— Isso é o menos; escolherei e iremos; mas... de caras á mostra ou de dominó?...

— Como quizer.

— De dominó... é mais agradavel... o interesse das intrigas... o senhor compadre estará prevenido para reconhecer-nos...

— A' meia noite em ponto deixaremos o baile, e D. Rosina sempre em sua companhia, está entendido, irá ceiar commigo, onde eu lhe tiver preparado a ceia.

— Sempre em minha companhia... não vejo inconveniente algum... o senhor compadre quer honrar-nos... que vingança generosa!

Ursini fallava sem hesitação; mas dentro de si começava a hesitar: vinha-lhe ao pensamento uma ceia em orgia; e embora a seu lado sua filha no meio de vinte ou mais libertinos.

O pae perversamente ambicioso concebia temores de vingança escandalosa, e não ousava pensar em levar de rastos a filha até a exposição das dissolutas.

— Aceita?... perguntou Ernesto.

— Decididamente! respondeu Ursini risonho e animado; o senhor compadre nos quer obsequiar e honrar, e ainda em cima quer que eu diga se aceito!...

E logo, rindo-se ainda, perguntou por sua vez e como indifferentemente, e por curiosidade banal:

— Faço idéa da ceia!... e quantos seremos á mesa?... gente da escolha do compadre!... que gloria! sociedade fina...

— Não: seremos á mesa sómente nós tres... ou... se a comadre se prestasse a ir tambem...

— Qual!... disse Ursini, respirando tranquillo; é perder a esperança; Joanna não sae de casa para festas, nem folia.

Ernesto mostrou-se levemente contrariado, e disse:

— E, todavia, eu quizera além de nós tres alguem mais de sua familia; veja se convence a comadre...

— Não se convencerá...

— E seu cunhado?... ao menos elle...

— Propicio?... é um peralvilho: preferirá a companhia mais debochada...

— Não faço questão; mas eu estimaria ter toda sua familia, todos os seus parentes á mesa da ceia que offereço a D. Rosina... nós tres, elles e ninguem mais...

— O senhor compadre exagera a delicadeza...

— Não; eu quero D. Rosina, aceitando a minha ceia, distinguindo-me, e dando pleno testemunho da confiança que deposita em mim, mas decorosa e perfeitamente autorizada a isso pela presença de seu pae, e de todos, ou de mais algum de seus parentes.

— Ou sómente nós tres ou quatro ou cinco, senhor compadre!...

— Ainda bem: garante-me isto?... irá com sua filha ao baile e depois á meia noite sahirá com ella para ceiar commigo?...

— Sim, palavra de honra.

— Responde-me pela condescendencia de sua filha?...

— Sem a menor duvida.

— Em todo caso voltarei um destes dias para que me dê a certeza.

— Oh!... volte todos os dias...

Ernesto apertou a mão de Ursini e ia sahir.

O italiano não se pôde conter, e perguntou desbriosamente:

— Ah, senhor compadre!... repare que leva as joias que já dera de presente á minha filha e que...

— Levo-as, sim; mas só por cinco dias: depois da coia que offereço a D. Rosina que me desfeiteou cruelmente, todas estas joias, o *chalet*, e o dote que prometti lhe serão entregues para sua filha.

Ursini segurou com força a mão de Ernesto e disse-lhe:

— Por quem é!... isso indica resentimento!... attenda-me um pouco...

— Não: D. Rosina poz em duvida a minha honra: já lh'o perdoei; mas só tornarei a dar-lhe o que ella me atirou á face com insultuoso desdem, e a enriquecerei ainda mais com os dons de minha protecção innocentemente amorosa e paternalmente dedicada, depois que ella se desmentir, mostrando o seu arrependimento da offensa na prova de confiança que exijo.

E arrancando a mão que Ursini prendia entre as suas, Ernesto deixou a officina.

## IX

Ursini, ficando só, mas sem as joias e sob a ameaça da perda do *chalet*, deu expansão á sua raiva, por tanto tempo refreada, desprendendo torrentes de injurias e de pragas contra Ernesto, e não poupando Rosina nos arrojos da furia e da tempestade de invectivas.

O italiano fallava ora sentado, ora andando ás tontas e na maior exacerbação; de repente, em accesso de abrasada ira contra a filha, precipitou-se para fóra da officina; e investia pelo corredor do sobrado, quando já em meio da escada parou e logo depois voltou com a mesma precipitação, para donde sahira, e atirando-se em um banco de páo, disse, por entre os dentes:

— Um demonio de obstinada!... que ia eu fazer?...

Pouco depois levantou-se.

— Não ligo duas idéas!... exclamou, arrancando de si a blusa, que atirou a um canto; a cólera é uma paixão estupida!... preciso socegar e não posso!...

Em mangas de camisa, como se puzera, dirigiu-se ao sobrado.. tomou alli o paletot e o chapéo e sahiu sem destino.

Nesse e no seguinte dia, Ursini não procurou entender-se com Rosina sobre a sujeição das joias e do *chalet*, e antes mostrou-se ignorante do facto.

Ursini, tendo conseguido apaziguar seu animo revolto, meditou largamente, estudando as circumstancias e as disposições e intentos da filha por um lado, e de Ernesto por outro, pen-

sando não menos o sobre tudo, nos meios de rehaver a propriedade e os valores perdidos em brilhantes e outras pedras preciosas.

A experiencia das ultimas semanas o fez abandonar toda a esperança de convencer a filha a renovar fingimentos de amor com o velho millionario.

Desde muitos dias, Rosina negára-se formal e energicamente a obedecer ao pae nesse ponto, e o obrigára a recuar, lançando sobre elle a responsabilidade do descredito que a estava punindo.

Por ultimo, a escolha de Angelo para executor da atrevida resolução de Rosina, e o zelo com que este soubera satisfazel-a, demonstravam plenamente a Ursini que sua filha e o jovem pintor se haviam reconciliado, correspondiam-se, entretinham relações, sem duvida sob os auspicios de Joanna.

O italiano, que julgára Angelo excellente noivo para Rosina, detestou-o então, pelo prejuizo que o seu amor lhe viera causar.

Considerando assim, concluiu que lhe era indispensavel enganar a filha, e afugentar de Angelo para conquistar as boas graças de Ernesto, e pôr-lhe ainda maior tributo á riqueza.

Ursini queria enganar a filha para poder leval-a, incauta, ao baile de mascaras e á ceia, que lhe dariam as joias e o *chalet*, e se isso pudesse conseguir de Rosina, tinha já urdido um meio de espantar Angelo com apparencias de nova traição da amada, a qual, no desespero do injusto desprezo que pela segunda vez soffria, naturalmente, como já tinha feito, se desforraria, ou pelo menos seria menos indocil ás suggestões do seu pae.

E' claro que Ursini raciocinava sobre principios falsos; porque estava alheio a quanto realmente se passára entre Angelo e Rosina; mas ainda assim, havia em sua ardileza perfida veneno sufficiente para produzir grande mal.

Todavia, o convite exigente de Ernesto para o baile e para a ceia preoccupava um pouco o italiano, que, vencida a cólera por elle chamada cousa estupida e tornado pela calma á esperteza de seu espirito atilado, começou a esmerilhar na proposta todos os intentos imaginaveis e todos os perigos possiveis.

Convém não esquecer que Ursini estivera sempre e continuava a estar disposto e prompto a sacrificar o decôro de sua filha, para torna-la rica, assegurar-lhe futuro sem privações nem aspero trabalho; mas que resalvava desses sacrificios o que elle exclusivamente reputava honra e pureza de donzella.

Por mais repugnante e desprezivel que seja a materialidade e a immoral falsidade da theoria da virtude e da honestidade da

donzella, como a comprehendia o corrompido Ursini, certo é que elle assim pensava, e ainda é mais certo que elle, o vil escravo do dinheiro, não admittia jámais em seus calculos de ambição grosseira e do sêde de ouro devoradora, a idéa do sacrificio da honra de sua filha, isto é, do que, em suas aberrações de todos os sãos principios, considerava as unicas e reaes honra e pureza de donzella.

Ora, Ursini lembrava-se de que Ernesto mostrára empenho em que toda a familia de Rosina, ou ao menos mais algum parente além do pae, concorressem á ceia; esta exageração de cuidados em defesa da reputação da mulher que o tinha gravemente offendido, suscitára apprehensões vagas no animo do italiano.

Ernesto sabia que, além de seu pae, Rosina não tinha outros parentes, senão a mãe, que por educação e habito, nunca se mostrava em reuniões publicas de ordem ceremoniosa, seu irmão, que ainda dormia ao collo da ama, e seu tio, que era apenas tolerado em casa, mas repugnado pela familia.

Ursini concluia dahi que Ernesto fizera tal convite com insistente andor, porque tinha a certeza de que não seria aceito; inspirando dessarte confiança, que talvez em seus designios não devesse merecer.

Além disso, uma noite de baile carnavalesco é noite de [illegible] bricitantes ousadias, e uma ceia depois de semelhante baile, é quasi sempre a colligação suspeita de Baccho e amor.

Ursini inquietava-se...

Mas Ernesto assegurára que á mesa da ceia só se achariam elle, Ursini e Rosina, e afóra elles, sómente os parentes de Rosina, que se quizessem prestar a corresponder ao mais franco e positivo convite.

Que risco poderia Rosina correr nessa ceia?... Ursini estaria lá a seu lado.

Se Ernesto mentisse, e á mesa da ceia se mostrassem outros estranhos convites, Ursini tinha o direito de retirar-se a tempo e de exigir satisfação depois.

Ursini nem temia, nem mesmo imaginava hypothese de abuso de força; iria armado e contava comsigo e contava sobretudo com a posição e o estado social de Ernesto, a quem mais que a qualquer outro, prejudicaria extraordinariamente alguma scena de escandalo.

Era pouco explicavel, pouco verosimil em homem que fôra tão ludibriado e offendido pela mulher amada, esse simples desejo vingativo de cear ao lado da ludibriadora...

Mas Ernesto adorava Rosina, e fôra sempre o devia ser ainda ridiculo, tonto e desfructavel, como todos os velhos apaixonados por jovens quasi ainda meninas...

Ernesto se havia mostrado até então, tão credulo, tão escravo, tão cégo, tão facil de se illudir, tão... applique-se a verdadeira e perfeita qualificação, tão velho tolo, que uma tolice demais, não devia admirar.

Ha um intuito de fraquezas e de illusões visiveis para a zombaria, e lamentaveis para a caridade, é a mania amorosa dos velhos...

Ernesto chava-se nesse caso aos sessenta annos, amava apaixonadamente Rosina, que podia ser sua bisneta!...

Ursini confiava nessa paixão do velho, que era fonte de desvarios e de credulidades de criança.

E no fim da ceia, as joias e o *chalet*, em paga da condescendencia, e depois os amorosos donativos sob a capa de paternal protecção...

Que podia recear Ursini?...

Mas o refalsado italiano concebeu uma idéa sinistra e confundidora de Ernesto, ou pelo menos, perturbadora de seus calculos.

Ernesto estendera o seu convite para a ceia offerecida a Rosina, a todos os membros da familia desta, certo do que, além do Ursini, nenhum outro appareceria á mesa.

Ursini, italiano astuto, resolveu contrariar Ernesto, levando comsigo e Rosina o menos esperado dos seus dous unicos parentes, o reprovado da familia, Propicio!...

Assim, por excesso da sagacidade e de contido o italiano caia por si mesmo e sem o pensar, no laço que lhe estava armado, fazendo-se acompanhar pelo socio ou cumplice de Ernesto, que, aliás, ainda cogitava em alguma explicação plausivel para fazer admittir Propicio á mesa da ceia, sem despertar apprehensões, se o annunciasse préviamente, ou causar surpreza e desconfianças, apresentando inesperadamente o seu convidado.

Mas Ursini não estava perfeitamente tranquillo sobre os designios do seu compadre millionario e poderoso: lembrava-se ia tarde do passeio ao *chalet*: combinava a tentativa perversa desse dia com a refervescencia da paixão criminosa do velho e com o penetrante e recente resentimento da injuria que soffrera; e queria, portanto, precaver-se bastante, para ter sua filha bem a salvo de alguma violencia premeditada, ou de insultuosa zombaria publica, unicos perigos que imaginava e temia.

Ora, desde que Ernesto declarára que sómente convidava para a ceia, os parentes de Rosina, Ursini não tinha o direito, nem podia levar um companheiro estranho, e entretanto, a presença de mais alguem, que fosse simples testemunha, ou auxiliar em caso de necessidade, instinctivamente lhe parecia muito conveniente.

Ursini fazia de Propicio o merecido conceito: tinha-o em pessima conta e sabia que elle se achava em relações frequentes e de boa intelligencia com Ernesto; não ignorava, porém, o motivo e o fim dessa ligação, que seria em todo caso inutil e estereil, sem o concurso e a complacencia do pae de Rosina.

Ora, Propicio estava tão certo que dependia ainda mais do cunhado do que do velho millionario, no seu intento de casar com a sobrinha, que de insolente e intratavel que dantes se mostrára, tinha-se fingido dedicado e submisso, e não poupava palavras nem acções, para indicar-se arrependido e em tudo obediente áquelle.

Ursini estava tão convencido da deslealdade de Propicio, como contava com o seu apoio, desde que estivessem em face um do outro; porque o seu maior interesse o obrigaria a isso.

Não tinha duvida de que Propicio, a soldo de Ernesto, espiava e trahia a vida reservada e os segredos possiveis de Rosina, de Joanna e principalmente delle proprio; mas tambem para adulal-o e recommendar-se ao seu favor, dava-lhe conta não pedida, das suspeitas, dos ciumes, dos furores e desconfianças, e emfim, de quanto a paixão insensata do velho projectava e esperava em impudicos arrebatamentos.

E nesse proceder traidor e detestavel, Propicio dera por ultimo as menos uma prova de que não mentia a Ursini.

Desde cinco dias, o miseravel duplice espião, como o cunhado o reputava, tinha vindo dizer-lhe e repetir-lhe com certo ar de receio e de confusa previsão:

— Mano Ursini...

Porque elle tornára a tratal-o como nos primeiros tempos.

— Mano Ursini, tome cuidado! ha grande novidade: o velho está endiabrado e furioso: parece que lhe cahiu um raio em cima!... não desembucha, por mais que eu o aperte e provoque a fallar; mas, palavra de honra, ha grande novidade, mano Ursini!...

Durante cinco dias, elle havia repetido isso, e Ursini, que desprezára o aviso no primeiro, nos outros se impressionára, ouvindo-o; porque Ernesto não lhe apparecia e emfim, reconhecera a verdade, talvez bem tarde para remediar o infortunio.

E era muito verosimil que o velho, desfeiteado e vergonhoso, escondesse o ultraje ludibrioso a Propicio.

Este ultimo facto provavelmente concorrera para que Ursini se deliberasse a levar comsigo o cunhado a partilhar a ceia offerecida por Ernesto.

Mas, como se póde comprehender que Ursini, concebendo duvidas sobre as intenções e projectos do velho millionario, naturalmente ousado pela sua riqueza, e receiando perigos para o pudor e a honra de sua filha, não recuasse ante a idéa de expôl-a ao escandalo publico, ou ás violencias do crime?...

E' triste; mas é facil comprehendel-o.

Ursini queria reconquistar as joias que Rosina restituira, desdenhosa, e que valiam alguns contos de réis.

Ursini tinha ido consultar confidencialmente um advogado de confiança e delle ouvira que a compra do *chalet* podia ser annullada, se Rosina a declarava ficticia, e denunciava a intenção immoral do doador, que dissimulára a transacção, dando o dinheiro para a compra do predio.

As joias e o *chalet* representavam o valor de dezeseis a vinte contos de réis.

Ora, a aceitação da ceia tinha por premio a reivindicação das joias e do *chalet*.

O italiano era jogador: aceitou a parada e ia jogar a honra da filha.

## X

Ursini não representava no theatro dramatico; mas era habil comico.

Tinha despendido metade de um dia a vencer a cólera, que era uma cousa estupida, e empregado um dia inteiro a meditar e a tecer perfida rêde.

No terceiro dia, e á hora que mais opportuna lhe pareceu, deixou a officina e subiu ao sobrado com o rosto em alegria, os labios a sorrir e os braços abertos, como a abrir o seio.

Foi-lhe facil encontrar e abraçar quem procurava: encontrou e abraçou Rosina, que estava ao lado de sua mãe.

— Heroina!... tola, enormemente tola, ao menos, porém heroina de arrebatar!... exclamou elle.

— Que ha de novo?... que fez ella?... perguntou Joanna.

— Tu bem sabes, conselheira do bem!...

— Eu?... juro que não entendo... nada sei...

Ursini não duvidou nem um momento, da sinceridade de sua santa mulher.

— Ainda melhor !... disse; espontaneidade de anjo !... mas não lhe perdôo ter confiado mais no noivo do que no pae!...

E abraçou outra vez Rosina.

A mãe e a filha estavam enleadas e confusas.

— Que foi ?... que houve ?... perguntaram ambas a um tempo.

— Sangue italiano !... arrojo desinteressado e nobre de heroina !...

— Mas emfim !...

— Joanna !... esta menina faceira e vaidosa; este diabinho, por cuja força de vontade e resolução energica, ninguem ousaria apostar, fez uma tolice que vale um milhão de abraços...

— Então ?...

— Eu maldigo da tolice; mas adoro-a !... foi acto heroico !...

— Que fez ella ?... tornou Joanna a perguntar.

— Oh !... a maior e a mais sublime parvoice: atirou com todas as suas ricas joias, e com a escriptura da compra do *chalet* á cara do nosso compadre !... e sem nós sabermos!... o bello demoninho foi além; porque escolheu para executor de seu decreto de rainha o rival do velho... o seu noivo presumptivo... o feliz e abençoado Angelo !...

Rosina empallidecera e logo depois corára.

— Rosina !... disse Joanna em tom de quem interrogava.

— E' verdade, minha mãe; respondeu a donzella com os olhos no chão.

— Fizeste bem e mal; bem, no que mandaste rejeitado; mal no portador da rejeição...

A sabedoria do amor maternal déra a sua lição.

Ursini tomou de novo a palavra :

— Minha filha, eu não me queixo mais de não haveres confiado bastante em teu pae; confesso, eu teria creado embaraços á acção que praticaste, porque conheço melhor as realidades deste mundo; mas emfim, o que fizeste foi bonito, foi estupendo !...

Rosina olhava admirada para seu pae; ao envez de reprehensões e de enfezados ralhos, com que contava, recebia louvores e applausos !...

Ursini continuou :

— Entretanto, menina, pois que começaste a obra, é preciso rematal-a: repito que, embora ralharda e bella, a tolice foi grande; mas agora convém não desmerecel-a, deixando-a incompleta...

— Que quer dizer, meu pae?...

— Quero dizer que aquelle piano deve seguir o caminho das joias e do *chalet*.

Rosina atirou-se nos braços de Ursini.

Que sensações causaria na alma daquelle pae, aquelle abraço da filha?...

Ursini commoveu-se e perturbou-se um pouco; logo, porém, reprimiu o impulso da natureza e proseguiu, dizendo:

— Deixa isso por minha conta; o piano é carga muito pesada para o teu noivo.

Rosina desejou, mas não ousou confiar então ao pae, o triste desenlace do seu amor, para não toldar a alegria de que elle se mostrava possuido.

— Obrigada, meu pae! disse-lhe, beijando-lhe a mão.

— Bem, muito bem; mas ainda não basta a remessa do piano.

— Que mais é preciso?...

— Em primeiro logar, é necessario não deixar suppôr que te custou, o que fizeste...

— Oh!... não me custou, não!.....

— Eu o creio e o estou vendo; mas a tua melancolia e o teu encerro, a apparencia de desgosto que te abate, podem indicar o contrario a *quem quer que seja*...

— Outros motivos me quebrantaram; murmurou Rosina.

— Sejam os motivos quaes forem, e eu appello para o teu proprio juizo, depois do que praticaste, essa tua tristeza te vae mal; deves ostentar-te alegre, faceira, feliz; deves sahir a passeio... divertir-te...

Ursini preparava o animo da filha para o baile do carnaval, a que lhe convinha leval-a.

Joanna veiu innocentemente em soccorro do marido.

— Ursini pensa com acerto, Rosina!... disse ella.

Rosina não respondeu; julgava-se incapaz de affectar alegria e comtudo, achava razão no que seu pae dizia.

— Resolvido este ponto, continuou Ursini, convém resolver promptamente outro...

O italiano chegava astutamente á provocação de revelações de segredo, cujo conhecimento almejava, para mais seguro se conduzir em sua empreza difficilima.

— Que outro ponto, meu pae?... perguntou Rosina.

— Que outro ha de ser?... o do teu casamento com Angelo.

Rosina descorou.

— Da minha parte, approvação jubilosa; da parte de Joanna, pendor antigo e sympathico, para o feliz e digno rapaz; da tua, minha filha, não tenho mais a inquerir: só um noivo se prestaria a ser portador do presente de espinhos que mandaste ao meu rico e ridiculo velho compadre...

Rosina e Joanna olharam-se confundidas e sua confusão não escapou a Ursini, que proseguiu, dizendo:

— Porque Angelo não nos visita e frequenta?... querem vêr que elle desconfia de mim?... vocês ambas o têm talvez levado a isso!... como me julgaram mal!... mas hei de vingar-me com o tal pintor do quadro da visão do Tasso...

— Oh!... exclamou Rosina.

— Ursini! disse Joanna; esquece isso hoje...

— Como!... então?... que embrulhada!... vocês me põem doido!...

Rosina estava captiva do seu pae, que tão bom, complacente e amoroso lhe abençoára o acto, de que, aliás, transpirava desconfiança do seu amor. Ella tomou-lhe a mão, e disse-lhe commovida:

— Perdão, meu pae!... fui ingrata, escondendo-lhe segredos, porque o julguei menos zeloso de sua filha!... fui ingrata, e esto dia veiu provar-me que o fui!... perdão!...

— Perdôo-te... e que remedio?... convenho em que havia apparencias a condemnar-me... e todavia... era tudo amor do pae!... mas porque choras?... que me importa o passado?... guarda lá os teus segredos...

— Não! não!... disse Rosina, soluçando; meu pae deve lêr em meu coração... tudo!...

— Deixa isso, menina!... para que has de affligir-te!... acudiu, dizendo-o, Joanna, que ou queria poupar a filha, ou ainda não confiava bastante do marido naquelle assumpto.

Mas a joven donzella, tomando logar ao lado do pae, a quem fizera sentar-se, cravou os olhos no collo e com a mais doce e triste expressão de confiança, foi referindo a Ursini, do principio ao fim, todo o enredo de sua vaidade, de seu amor, de sua paixão, e do seu desencanto com Angelo; disse-lhe tudo, repetiu-lhe a substancia de suas cartas, e finalmente, deu-lhe conta da québra de seus laços e do abysmo cavado profundamente entre ella e o amado que amava.

Ursini escutou-a com attenção e mais de uma vez, fugitivo corrir passou por seus labios e seus olhos brilharam em flammas

passageiras; elle ouvia, recolhia confissões e meditava. Em vez de commover-se, aquelle pae de filha infeliz parecia animar-se...

Quando Rosina acabou de fallar, Ursini poz-se a rir e disse:

— Dous corações de cherubins, duas cabeças de crianças estonteadas, e casamento em breve!...

— Nunca!... respondeu Rosina, levantando a cabeça e mostrando a fronte orgulhosa e serena.

— Questão de proximo futuro; fique adiado por oito ou quinze dias; declaro-me protector de Angelo e inimigo jurado da cabecinha vulcanica de minha filha!... mas Joanna tem razão; não tratemos deste assumpto hoje... hoje vim dar um alegrão a Rosina e quero voltar e volto alegrissimo.

E Ursini levantou-se para sahir.

— E como soubeste o que eu não sabia?... perguntou Joanna; quem te disse o que Rosina por si e tão secretamente fez?...

—O tigre velho veiu esta manhã rugir embravecido, na officina.

— E ea?...

— Que remedio! confesso que me doeu o prejuizo; mas a bella doidice já estava feita; puz-me a rir e disse que Rosina sabia melhor que todos, o que o dever e o decôro lhe aconselhavam...

— E elle?...

— Rugiu ainda mais furioso, e poz-se fóra, como navio a velas soltas...

— Ainda bem!... estamos livres desse homem!...

Ursini fôra recuando, e já estava na porta.

— E o piano, meu pae?... perguntou Rosina.

— O piano ha de ir, o quanto antes; ah, menina de fogo! não fui eu quem te lembrou a restituição do piano?... deixa isso a mim.

E Ursini desappareceu, descendo a escada precipitadamente.

O pae acabava de enganar a filha.

Tinha-lhe sido facil illudil-a, fazendo-a acreditar em sentimentos que o amor filial devia achar verosimeis, e que a natureza explica e abençôa: Ursini havia ainda, aconselhando Rosina a vencer sua melancolia, a furtar-se ao isolamento e ao encerro ao lar domestico, e a mostrar-se contente, faceira, como dantes, predisposto os meios de leval-a a condescender em ir com elle ao baile de mascaras.

Até ahi, não era difficil a empreza e já em grande parte estava bem encaminhada.

Mas a ceia?...

Ursini tinha engendrado, e rejeitado dez ou mais estratagemas por inexequiveis ou demasiadamente compromettedores de seu caracter de pae.

Elle começava a ter medo da opinião e da consciencia da filha.

Todavia, ás joias e o *chalet* o impelliam a novo opprobrio e o ambicioso cedia ao empenho.

Ursini voltava sempre a imaginar planos, e ciladas, em que parecesse innocente, e esperava sempre ou da sua astucia, ou do acaso, alguma inspiração feliz.

Não a tivera até então, nem da sua astucia, nem do acaso; mas deu-lh'a a propria Rosina, confiando-lhe imprudentemente toda a historia do que se havia passado entre ella e Angelo.

Ursini ouvira attentamente a narração do amor, do desengano, do infortunio da filha, pensando em Ernesto e na ceia.

Quando acabou de ouvir, já tinha por ganha a partida.

Deixando Rosina embalada em doce illusão, e para não expôr-se a que ella visse Ernesto procural-o na officina, o italiano ambicioso apressou-se a ir ao escriptorio do compadre levar-lhe a segurança da acceitação do convite.

Ernesto recebeu friamente Ursini, em sua sala particular.

— Veiu trazer-me a negativa de D. Rosina?... perguntou-lhe.

— Ao contrario, senhor compadre; venho dizer-lhe que iremos ao baile, e que aceitaremos a ceia.

— Então... sua filha convelo...

— Por ora, em metade, porque já se resolveu a ir ao baile...

— E' o menos...

— Mas eu respondo pelo mais.

— Como?...

Em vez de responder, Ursini perguntou:

— Sabe porque não o esperei lá em casa, para dar-lhe a resposta que lhe vim trazer aqui?...

— Não.

— Porque podia acontecer que Rosina visse o senhor compadre entrar na officina, e alli ficar em conversação commigo.

— E que mal havia nisso?...

— Nem é bom imaginal-o: a menina desconfiaria da nossa intelligencia e ficariamos com a ceia perdida.

— Ah!...

— Só vejo um meio de leval-a á ceia, é ella... e eu tambem enganar-nos sobre a pessoa, com quem iremos ceiar.

— Explique-se; disse Ernesto de máo modo.

— Senhor compadre, a menina é um anjo!... confessou-me tudo... tudo... ah! se o compadre fosse solteiro e a quizesse honrar, dando-lhe o seu nome!...

Apezar de quanto Propicio lhe havia dito, esclarecendo-o sobre a irrisão de que era victima, Ernesto, o velho namorado, ainda abalou-se, ouvindo Ursini, e perguntou com interesse:

— Que lhe disse ella?...

— A pobre menina!... declarou-me que por sua desgraça, disse-o assim e chorando, que por sua desgraça, amava ternamente ao compadre... increpou-o muito, jurando-me que o compadre a incitava a amal-o do modo que mais de uma vez ella se sentira enfraquecer...

Ursini interrompeu-se, fingindo que se confundia.

O velho, reconhecendo a verdade nas queixas attribuidas pelo italiano á filha, commoveu-se apaixonado, e grato á accusação que lisonjeava a sua vaidade, e murmurou, suspirando:

— Que injustiça!... o meu amor... tão santo...

— Isso mesmo lhe repeti eu; ella, porém, a chorar ainda mais, protestou que dobradamente criminoso era o amor que a inflammava e que a fazia córar...

— Compadre! exclamou o velho.

— E eis aqui, agora o peor do caso! continuou Ursini; a triste martyr disse-me que para salvar-se resolvera não tornar a vêr o compadre, restituir e rejeitar os presentes e donativos que havia acceitado, offendel-o assim e ainda mais, com a escolha do portador da affronta, para que o senhor compadre a esquecesse, a odiasse, e della fugisse para sempre...

— Eu?... ah!... tornou a exclamar o velho; o senhor é pae de Rosina, e se está mentindo, é infame!!!

Ernesto, esquecido das prevenções e dos avisos de Propicio, tornava ás suas horas de insensata credulidade.

— Eu mentir!... eu!... respondeu Ursini; mas o peor do caso agora é que vae!... a doidinha rematou o proprio sacrificio, promettendo e ajustando casamento...

— A quem?... com quem?... ah! sim... com elle...

Ernesto agitava-se desatinado.

— Exactamente; Angelo na historia; eu, porém, não quero que minha filha se case com esse... ninguem.

— E' o nome... mas... D. Rosina...

— Mudará de resolução na cela; disse Ursini com incrivel desfaçamento.

— A cela!... ella não irá!... não irá!...

— Se ha de ir! tenho nisso dous grandes interesses: o de reconciliar a menina com o compadre, e o de livrar-me do casamento que reprovo.

— E como conseguirá?...

— Rosina e eu... pensaremos que vamos cear com Angelo e nos acharemos á mesa com o senhor compadre.

— Impossivel!

— Travessura facillima no carnaval: todos os mascaras faltam em falsete; o senhor compadre é habilissimo e eu lhe confiarei certos segredos que farão com que Rosina o tome por Angelo. E' o unico expediente.

— Angelo é mais alto e muito mais magro do que eu...

— Botinas de altos tacões e grande capuz no dominó, disfarçam a altura, e não ha magreza que possa notar-se dentro das proporções amplas desse *costume* que até é capaz de dissimular o sexo.

— Compadre! compadre! disse Ernesto; eu queria que sua filha acceitasse o meu convite... era a minha condição... e... mas... o que você me diz é provocador!

— E... o caso torna-se romanesco...

— E os segredos que devo saber?...

— Temos ainda dous dias, antes do carnaval. Conte comigo aqui, depois de amanhã, a esta mesma hora.

— Mas, na cela? no momento da desillusão?...

— Ficarei eu espantado, e ella...

— E ella?...

— Naturalmente surprehendida e agradavelmente reconciliada pelo duplice encantamento da intriga, e da generosidade do senhor compadre.

— Aceito o seu expediente, disse Ernesto, depois de reflectir algum tempo.

Convinha ao lascivo e tredo velho qualquer traça que lhe trouxesse Rosina á cela, em que elle contava consummar o crime premeditado; julgára, porém, dever fingir que reflectira de decidir-se porque já sabia que, tratando com Ursini, não havia manha que demasiado fosse.

O ajuste se achava feito, e Ernesto silencioso, parecia estar com os olhos a despedir o italiano, que aliás, risonho e contemplativo, se conservava sentado.

O velho adivinhou-lhe o pensamento e disse-lhe:

— Dou-lhe minha palavra de honra, que se dona Rosina cear comnosco na noite de domingo do carnaval, entregarei na manhã da segunda-feira ao compadre, todas as joias que ella repudiou, e me obrigo tambem a manter a venda do *chalet* a sua filha, se ella o quizer, ou, no caso contrario, a substituil-a por contracto de venda feita propriamente ao senhor.

— Ah! meu caro compadre!...

— Dei-lhe a minha palavra de honra. Basta.

Ursini obedeceu á despedida.

## XI

Tudo concorria para que tivesse exito completo a execranda traição.

O ouro do velho millionario e depravado tinha comprado o complice que devia prestar sua casa para a perpetração do crime.

A torpeza perversa de Propicio assegurava a Ernesto um adjutor infame e illimitadamente dedicado.

A ambição infima, inqualificavel de Ursini desfazia todos os obstaculos que poderiam impedir o attentado que se premeditava.

E, finalmente, Rosina estava tão penhorada da bondade e do amor com que seu pae approvára ou pelo menos sustentára o seu procedimento arrojado no facto do repudio dos presentes e donativos de Ernesto, que não soube oppôr séria resistencia ao instante convite para ir ao baile de mascaras.

Desde que contou com a aquiescencia da filha, Ursini que não perdia de memoria a necessidade de pontos de defesa ulterior para si, propoz a Joanna que os acompanhasse ao theatro.

Elle tinha a certeza de não o conseguir.

Não houve eloquencia de marido e de filha que pudesse convencer Joanna, a quem a idéa de expôr-se sem mascara aos gracejos e intrigas proprias desses bailes causava vexame e temor, e o recurso de tomar um dominó repugnava pela educação recolhida, timida e modesta que recebera de seu pae, e mantivera em sua vida conjugal.

— E, todavia, disse Ursini, no baile de mascaras respeita-se mais a um par do que a um individuo, e mais a um grupo

do que a um par[illegible]. e tu não imaginas, Joanna, como aquillo é divertido!...

— Deus me livre! no meio daquella multidão de gente douda!...

— Eu vou tomar um camarote... nelle estaremos livres da multidão...

— Rosina vae bem, indo comtigo... ella precisa distrahir-se, e eu devo ficar junto do meu filho. E' tempo perdido teimar.

Ursini pareceu contrariado.

— Faze o que te parecer: és obstinada de mais!... eu vou já escolher *dominós* para mim e Rosina; que côr preferes, menina?...

— A que julgar melhor, meu pae: de outra cousa me occupo mais... respondeu Rosina.

— De que?...

— Da promessa que me fez e ainda não cumpriu. Olhe... o piano continua a estar ali...

— Que queres?... o velho desapontou de modo que não tornou a apparecer-me... não hei de mandar-lhe o piano ao escriptorio e menos á chacara onde elle tem a familia.. isso faria ruido que não convem.

— E se elle não voltasse mais?... não era razão para ficar aqui o piano...

— Por certo, minha exaltada vou escrever terminantemente ao tal meu compadre, exigindo que me indique onde quer que seja entregue esse ultimo objecto... que...

— E' melhor assim: disse rapidamente Rosina cortando a palavra do seu pae.

Foi na sexta-feira, ante-vespera do carnaval, que Ursini conseguiu, sem grande esforço, que a filha se prestasse a ir ao baile mascarado na noite de domingo.

Na manhã do dia seguinte, aquelle pae desnaturado pela ambição passou não menos de duas horas encerrado com Ernesto na sala, onde estivera dous dias antes; garrulo, adulador e ignobil, não esqueceu um só dos segredos, dos amores, dos ciumes e das ternissimas e apaixonadas discordias de Rosina e de Angelo.

Ernesto achou-se habilitado para, sob o soccorro da mascara, fingir a pessoa de Angelo, e Ursini, tendo acabado de atraiçoar a confiança da filha, retirou-se tranquillo, e seguro de

que ninguem ,afóra o velho millionario, podia dar testemunho da sua inacreditavel perfidia.

Mas apenas Ernesto ficou só, Propicio adeantou primeiro a cabeça e logo depois sahiu do pequeno e indiscreto quarto que havia no fundo da sala.

— Que patife!... disse; mas é elle mesmo que põe o pescoço no laço e não haveria justiça na terra, se não o enforcassemos!...

Ernesto sorriu-se.

— Mas, que diabo!... V. Ex. esqueceu-se de mim...

— Como?

— De que modo apparecerei no melhor da historia?... ainda não se resolveu a minha verosimilhança de convidado para a ceia...

— Tem razão: passou-me isso... mas... nem sei!... talvez um encontro no baile...

— Creio que é circumstancia grave... eu sou suspeito... aquella sucia lá de casa tem a insolencia de desconfiar de mim!...

Ernesto confessava-se embaraçado: o concurso de Propicio lhe era indispensavel; mas a explicação da sua presença na ceia era difficil.

Propicio não adeantava idéa...

O velho esperançoso, animado, e certo de todas as condescendencias de Ursini, acabou por dizer:

— Pensemos ambos nesta especie até amanhã á hora em que temos de encontrar-nos: se ainda então nenhum de nós tiver inventado pretexto acceitavel para o caso, resolverei a difficuldade pelo unico modo possivel: direi a Ursini que o encontrei, e que... o convidei para a ceia, attendendo ao seu parentesco...

— E as desconfianças do tratante de meu cunhado?... olhe, não deite a perder a obra!...

— Seu cunhado é meu escravo, e não tem nem faculdade de pensar, nem consciencia, emquanto não apanhar as joias, que a filha rejeitou, e o *chaict*, de que suppõe que ainda estou no caso de dispôr a minha vontade. Eu respondo por Ursini.

— E pela vivatona de minha sobrinha?...

— E' ella que me desassocega... pensemos pois até amanhã... tudo mais está em optimo caminho... é impossivel que não achemos alguma luz para este unico ponto escuro...

— Diabo!... o que eu queria era achar um bocado de escuridão para este ponto demasiado claro!...

— Ou isso: pensemos até amanhã: deixe-me só:

Propicio approximou-se de Ernesto, e sem corar nem vexar-se, disse-lhe algumas palavras em voz baixa.

O velho conteve um movimento de desagrado, e tirando do bolso a carteira, deu a Propicio um bilhete de cem mil réis.

A corrupção rica pagava o aluguel da corrupção sobria.

Eram duas corrupções irmãs: entendiam-se; porque uma precisava da outra.

Mas Ernesto havia adivinhado: estava para elle tudo em tão bom caminho, que era impossivel não achar-se alguma luz para o unico ponto escuro, ou, como dissera Propicio, um bocado de escuridão para esse ponto demasiado claro.

Ursini resolvido, como estava, a obedecer ao arbitrio caprichoso de Ernesto, nem por isso dissipára os receios vagos que lhe inspirava aquella cela offerecida com apparencias generosas por esse velho orgulhoso, apaixonado e recentemente offendido. Dir-se-ia que os ultimos instinctos do amor paternal ainda se despertavam em natureza tão estragada.

A facilidade com que Ernesto, que poucos dias antes se manifestára desabridamente resentido, e altivamente generoso, aceitará o expediente insidioso de ir no baile de mascaras insinuar-se, como se fôra o seu proprio rival, para conseguir por maliciosa astucia, o que aliás tinha exigido que fosse devido á voluntaria condescendencia, ou á submissão de Rosina, aggravára ainda mais os temores incertos, mas inquietadores do animo do italiano.

Assim, acalentando sempre a idéa de soccorrer-se a Propicio, que tanto delle estava dependendo, Ursini esperou cauteloso pela tarde do sabbado para entender-se com o cunhado na persuasão de que este não se tornaria a encontrar com Ernesto antes do baile.

Propicio, que representava como podia o seu papel de velho arrependido, e que lisonjeava por todos os modos o pae de sua sobrinha, era certo em todas as tardes a fazer-lhe humilde côrte.

A' hora do costume approximou-se respeitoso, e conforme usava para obrigar o cunhado a ouvil-o, e a dizer-lhe em troco algumas palavras, fallou-lhe de Ernesto, a quem frequentava, dizia elle, sómente no interesse de Ursini e de Rosina.

Propicio informou que o velho de furioso e desesperado que se mostrára nos dias anteriores, affectava, ou doveras sentia anciedade menos colerica, e antes esperançosa, guardando, porém, como dantes reserva absoluta sobre os seus sentimentos.

Ursini, empregando refinada habilidade, interrogou o cunhado de modo a surprehender-lhe nas respostas o mais leve indicio do que Ernesto o houvesse prevenido do convite para a ceia.

Propicio respondendo com promptidão a tudo, soube conservar-se impenetravel. Das suas respostas conhecia-se apenas o sempre que Ernesto procurava pôr-se ao facto de quanto se passava e se dizia na casa de Ursini. Em relação ao carnaval, de que aliás o italiano não fallára, sómente relatou uma pergunta que o velho lhe fizera *a tres dias*: "a gente de sua casa costuma concorrer ás festas carnavalescas?... " — "Nem sempre"; dissera elle, e Ernesto corregára os sobrolhos e pouco depois o despedira.

Ursini lembrou-se de que *a tres dias* o seu maldito compadre ainda não tinha recebido a certeza da acceitação da ceia, e portanto Propicio parecia dizer-lhe a verdade.

Seguiu-se longo silencio entre os dous. O italiano recolhia e arrumava seus instrumentos de trabalho.

Propicio fez um movimento para sahir.

— Espera, disse-lhe Ursini.

Propicio ficou em pé e immovel.

O italiano tendo acabado de guardar a ferramenta, voltou-se para o cunhado e fallou-lhe menos rispido e severo que de costume.

— Façamos por esquecer-nos agora desse velho perverso, que ajudado por minhas imprudencias, compromettou a reputação de Rosina.

Propicio abriu grandes olhos.

— Tu não sabes o que ha... sabel-o-ás depois; mas uma só e ultima vez terei de submetter-me a tolerar com boa cara as impertinencias e ousadias do meu compadre millionario... é preciso e inevitavel... e depois... porta fechada! já não ha interesses nem considerações que me possam dobrar a supportal-o... detesto-o...

Propicio não sabia que pensar; mas desconfiava do cunhado tanto, quanto o aborrecia.

— Todavia, continuou Ursini, Rosina, embora innocente, é

e fica mal julgada!... esta idéa me mata!... eu amo minha filha, Propicio, e concorri para o seu infortunio!

— Se alguem ousasse faltar o respeito a Rosina, o mano Ursini não precisaria incommodar-se!... disse Propicio, mostrando os punhos fechados.

Ursini sorriu-se tristemente, olhando agradecido para o cunhado.

— Ninguem se atreverá a desrespeital-a; mas que homem estimavel quererá casar com ella?... eis o que me affligo. Angelo que a amava, é orgulhoso e insensato: hoje ainda que elle se apresentasse, nem eu, nem Rosina o aceitariamos...

— Nem ella, mano Ursini?...

— Nem ella.

— E após curto silencio, o italiano proseguiu, dizendo:

— Propicio!... és capaz de tornar-te verdadeiramente bem?...

Propicio cravou os olhos no rosto do cunhado, e respondeu hypocritamente:

— Fui, tenho sido máu: confesso-o...

— Tens sido famoso vadio!... olha: eu vejo bem que pareces querer corrigir-te... desde algumas semanas és outro homem... se quizesses trabalhar e regenerar-te!...

— Se quero, mano Ursini?...

— Propicio! tu amas tua sobrinha... sabes que ella é innocente e pura... regenera-te... trabalha... eê homem de bem!...

— Oh! sim! palavra de honra!... ao diabo a vadiação!... mas depois?...

— Eu nunca te odiei!... condemnava os teus vicios... Propicio! tu podes ser, além de meu cunhado, meu genro!...

— Ah!... juro trabalhar sem descanso!...

— Nem tanto...

— Mano Ursini!... isto é deveras?...

— Se provares que te corrigiste da ociosidade e das más companhias...

— E minha sobrinha?... ah, mano Ursini!... ella me detesta...

— Eu respondo por minha filha.

— Então... palavra de honra!... leve o diabo o carnaval!... mano Ursini, imponha-me trabalho, e verá como me desenvolvo...

— Não! o carnaval é para a folia: basta que venhas trabalhar commigo ao começar da quaresma... é o periodo da penitencia e do arrependimento... despede-te da vadiação e das orgias nesses tres dias de loucura... vae aos bailes de mascaras... vae!

— Já nem penso mais nisso...

Ursini sorriu-se e disse:

— Não gósto de extremos: eu tambem aproveito os dias de folgança...

E como se lhe acudisse subito pensamento, Ursini exclamou:

— Propicio!... uma idéa!... queres ir amanhã commigo e Rosina ao baile de mascaras?...

— Amanhã?... Rosina vae?

— Rapaz, veiu-me neste momento uma inspiração feliz... nem sabes... nem pensas, onde te levarei!... mas quero que venhas commigo... prepara-te: iremos ao baile...

— Mano Ursini!...

— Amanhã á tarde não deixes de vir fallar-me: eu te confiarei então um segredo importante... para nós ambos: agora vae alugar ou comprar o *costume* carnavalesco que melhor te parecer, e amanhã á tarde aqui!...

Propicio adivinhou que o cunhado ia convidal-o para a ceia de Ernesto, e temendo atraiçoar-se pela satisfação e contentamento que sentia, deu-se pressa em deixar o cunhado, dizendo-lhe:

— Disponha de mim sem limites... amanhã á tarde aqui!...

Ursini não procurou reter Propicio, e apenas se achou só, foi sentar-se á mesa onde tinha seus livros, e tomando uma folha de papel de peso pequena marca, escreveu com a mão esquerda para mais seguro disfarce da lettra:

"Angelo: — Amanhã no baile de mascaras do theatro de S. Pedro de Alcantara, Rosina, a filha de Ursini, disfarçada em *dominó preto*, com fitas escarlates, se encontrará com o seu querido velho Ernesto que tambem em *dominó* se fará reconhecer, e, á meia noite em ponto, ella e seu pae, e elle e um confidente, sahirão para ir cear juntos, onde os espera amiga e discreta protecção de seus amores. Vae! observa! convence-te! desengana-te".

Tendo ajuntado a essas linhas a data de 26 de Fevereiro de 1870 que era a da vespera do domingo do carnaval, Ursini fechou o bilhete anonymo, poz-lhe o sobscripto, marcou a rua

e o numero da casa de Angelo, e logo, sahindo de casa, foi lançar a carta perfida e envenenada que devia livral-o da influencia suspeita do mais nobre adorador de sua filha, na mais proxima caixa do correio urbano.

## XII

Chegára o domingo de carnaval.

Rosina ainda mais triste do que nos dias antecedentes apenas olhara para o rico *dominó* de velludo-preto com laços de largas fitas de chamalote encarnado vivo, que seu pae lhe trouxera.

Tenissima lembrança cheia de saudade e de amargura enchia a alma da donzella, que se voltava toda para o passado.

O dia estava passando assim.

Joanna esforçava-se por não perseguir a filha com estereis consolações e perguntas vãs; vendo, porém, duas lagrimas a tremer-lhe nos cilios, não se conteve, e disse:

— Que consumição, menina!... hoje ainda peor que hontem!...

— E' natural; respondeu Rosina, suspirando.

— Porque?... vaes de má vontade ao baile?... ainda é tempo... não irás...

— Oh!... ir ou não ir, que vale isso!... a dôr não está lá no baile... está aqui.

E apontou para o coração.

Joanna ficou olhando em silencio: que podia ella dizer?...

Rosina sorriu-se com aquelle rir de ironia que ás vezes escapa á melancolia acerba na recordação do bem que não se soube aproveitar.

E a sorrir desse moco, disse:

— Minha mãe, hoje devia ser o meu dia de nupcias!...

— Como?...

— Angelo me tinha dito... foi em Setembro do anno passado... oh! tenho bem de memoria a noite... a minha agitação e o empenho de casar-me... sem amor... ai! eu não o amava então!... mas tenho de memoria suas palavras!...

— Menina!... minha filha!... exclamou Joanna.

— Elle me disse: "espera-me seis mezes... se queres, marquemos o dia da minha suprema dita... a nossa felicidade se realize no meio das alegrias de todos... o nosso casamento no domingo do carnaval...

E Rosina após curto silencio murmurou como seu coração lhe gemesse nos labios.

— Era hoje!...

E movendo tristemente a cabeça para um e outro lado, accrescentou:

— Não posso queixar-me delle; mas... hoje é o domingo do carnaval... e... tudo aquillo... tudo é apenas sonho do passado!...

Joanna a quem Clotilde animava com esperanças cada vez mais lisonjeiras asseverando que Angelo não tardaria a prostrar-se arrependido e mais que nunca apaixonado deante de Rosina, julgou opportuno o ensejo para abrandar o animo pertinaz da filha.

— Apenas sonho do passado?... disse; talvez... mas porque és absurdamente obstinada...

— Em que?... perguntou Rosina que embebida em sua saudosa lembrança não comprehendeu logo a insinuação de Joanna.

— Se Angelo voltasse... a nós... viesse amante... solicito... a pedir-te perdão...

De melancolico mas commovido pela saudade, como estava, tornou-se o rosto de Rosina grave e sombriamente severo.

— Minha mãe julgou mal de mim; disse ella.

— Eu?... porque, minha filha?...

— Angelo está morto para mim... ou fui eu que morri para elle.

— Mas... Rosina!... tu o amas!...

— E não se póde ficar amando a quem já morreu?... oh, minha mãe!... supponhamos que...

— Dize!...

— Nunca fui casada... mas... estou viuva.

Joanna quiz tentar um gracejo.

— Viuva fiel a teu finado esposo, elle vae em breve resuscitar... espera teu noivo!...

Rosina respondeu com simplicidade solemne:

— Minha mãe, isso é impossivel; porque eu não quero.

— Teimosa!...

— Entre mim e Angelo ha um abysmo que nos separa; é a minha dignidade, ou se quizer, o meu capricho: esse abysmo tem nome, chama-se: — jamais!...

— Jamais?... menina inexperiente!... só Deus é que pode determinar isso; só Deus pode dizer — *Jamais!*...

— Pois eu o digo e o cumprirei a todo transe: vel-o-á!... eu o digo: jamais!...

— Fraca e pobre creatura cheia de orgulho!... olha que Deus póde confundir-te e humilhar-te!... não falles assim...

— Jamais!... repetiu Rosina com força.

A mãe e a filha calaram-se e pouco depois Rosina, affectando tranquillidade que não sentia, foi experimentar o seu *dominó*, e em seguida occupou-se em corrigir alguns leves defeitos que nelle achou.

A's nove horas da noite Rosina em dominó preto e Ursini disfarçado em elegante cavalleiro da côrte de Luiz XIV, despediram-se de Joanna, e foram descendo a escada.

Ursini honrando a verdade chronologica da época que representava, e começando immediatamente a fazer carnavalesco ruido, desceu a escada gritando em falsete: "L'E'tat c'est moi!..."

O grito em falsete era um aviso.

Ao pôr os pés na rua o *dominó* preto e o cavalleiro de Luiz XIV esbarraram com um Arlequim ricamente enfeitado.

— Ah!... exclamou o Arlequim, mano Ursini!...

— Que diabo!... mas... é Propicio!...

— Eu não sabia que vossa mercê... e... Rosina sahiam.

— Pois sahimos... que tem com isso?... vamos para o theatro de S. Pedro...

— E eu tambem...

— Boa viagem!... não quero que nos atraiçoes... vê lá!

— Se o mano Ursini e Rosina permittissem...

— O que?...

— Pois que vamos para o mesmo theatro, eu os acompanharia, e lá... uma vez por outra iria pôr-me ás ordens... nesses bailes as vezes... um companheiro serve muito...

— Vae andando adeante; disse Ursini.

Propicio obedeceu.

Ursini, fallando em voz baixa a Rosina, perguntou-lhe:

— Que dizes ao pedido ou proposição desse Arlequim... queres tel-o comnosco?...

— Que me importa... disse Rosina.

— Repellido, o tratante poderia vingar-se atraiçoando-nos...

Rosina não respondeu.

— Mas... que pensas?...

— Que me importa!... tornou Rosina; se meu pae quizer... leve-o comnosco...

— Doidice de carnaval!... tomemol-o por companheiro...

E elevando mais a voz Ursini disse a Propicio, que marchava adeante:

— Oh, Arlequim!... sê dos nossos!... camarote n. 12 da segunda ordem... podes ajuntar-te a nós... e... segredo!...

O Arlequim poz-se a pinotear grotescamente, e como se a aceitação da sua companhia o houvesse enthusiasmado.

Em breve o dominó preto, o elegante cavalleiro da côrte de Luiz XIV e o Arlequim entraram no theatro de S. Pedro de Alcantara.

Mas ao tempo que elles lá entravam, Clotilde batia á porta do sobrado que Joanna mandara logo trancar.

A visita era inesperada e surprehendente.

As duas amigas e comadres trancaram-se na sala; porque Clotilde annunciara novidade grave e exigente de segredo.

— Que ha?... perguntou Joanna sobresaltada.

— Rosina foi ao baile de mascaras?... disse Clotilde.

— Sim... foi...

— Em dominó preto com fitas escarlates?...

— Como o sabes?...

— Oh!... exclamou Clotilde; Angelo recebeu hoje á tarde esta carta anonyma...

E tirando do seio a carta insidiosa, leu-a a meia voz.

Joanna ouviu a leitura com espanto e viva inquietação.

— E' falso! disse; não ha ajuste, nem poderá haver encontro com Ernesto... Rosina foi e está ao lado do seu pae...

— Em todo caso... alguma traição se manifesta... quem poderia ter adivinhado a ida ao baile, e a côr do dominó e das fitas?...

Joanna disse a tremer:

— Ah!... tens razão... Propicio...

Clotilde accrescentou sem hesitar:

— Ou teu marido.

A mãe de Rosina, em vez de protestar, clamou:

— Meu Deus!... minha filha!...

E logo perguntou:

— E Angelo?...

— Levou-me esta carta, e sem fallar, sem praguejar, nem queixar-se, mas com a face decomposta, os cabellos em desordem, e com o ciume a luzir-lhe nos olhos, deixou-me accelerada e immediatamente.

— Onde iria elle?...

— Quem sabe?... ah! talvez... certamente ao theatro...

— Ao theatro!... exclamou Joanna; sim... sim!... mas então, Clotilde, que Deus nosso Senhor guie Angelo no theatro!...

A pobre e afflicta mãe, perdida totalmente a confiança no marido, voltava-se para Deus, e na terra depunha sua ultima e unica esperança em Angelo!...

## XIII

Rosina já muitas vezes tinha ido a bailes de mascaras, e portanto nem havia nesse a que desgostosa e quasi á força se deixara levar o encanto da novidade para distrahil-a.

As brilhantes sociedades carnavalescas, a multidão de mascarados, a variedade infinita de costumes e disfarces, uns riquissimos, outros grotescos, outros de originalidade espirituosa, o muitos de pasmosa necedade, a turba de mulheres loucas de todo anno e bacchantes do carnaval com os seios nu's, e a petulancia nos modos, a furia do can-can indecente, as gargalhadas, o estrepito, o movimento e vai-vem, e redemoinho da multidão eram nessa noite indifferentes a Rosina.

Ella estava sentada e immovel em seu camarote, e Ursini se esforçava debalde por dissipar-lhe a tristeza.

Rosina pensava sempre que o domingo de carnaval pudera ter sido o dia do seu casamento com Angelo. Sua imaginação ás vezes pudica sonhava os doces e sublimes vexames da troca solemne e publica dos santos juramentos aos pés do altar... sonhava o seu véu, e a sua corôa de noiva, e ás vezes ousada e imperiosamente illimitada sonhava as confusões, e o medo angelico, a rehutancia, e os tremores á porta do quarto nupcial, e dentro o ardor, a paixão, a gloria de Angelo a esperal-a... a almejal-a...

E ella cahia da imaginação na realidade: e achava-se no domingo de carnaval nesse baile de mascaras sem noivo, sem amor de amado, sem esperança!...

E Rosina, cruel comsigo mesma, rindo de si mesma, a atormentar-se, a castigar suas culpas de namoradeira, repetia entre si a cada instante:

— E' hoje a minha noite de noivado!... é hoje que Angelo, meu esposo, está me esperando no thalamo das nupcias!... é hoje!... é hoje!...

Propicio ora entrava no camarote e dava conta dos mais divertidos episodios do baile, ora se ausentava, parecendo todo absorvido nos delirantes folguedos e na febril alegria do baile.

Rosina nem via, nem ouvia Propicio.

Ursini depois de uma hora de estação no camarote, tomou uma das mãos da filha e disse-lhe:

— Estamos sendo duas estupidas figuras carnavalescas!... a pé, meu dominó preto! vamos passear no salão.

Rosina levantou-se e automaticamente acompanhou seu pae.

O salão estava cheio de boa e má sociedade.

A mulher perdida e escandalosa roçava ali o seu saiote curto pelo vestido da senhora honesta.

Ursini dava com Rosina terceira volta pelo salão, quando um *dominó* azul os obrigou a parar, estacando deante delles.

— Que nos queres?... perguntou Ursini.

O *dominó* azul deixou ouvir em vez de falsete uma voz affectadamente rouca, e disfarçada com perfeição magistral.

— Comtigo nada quero nem perderei o meu tempo, disse elle: não creio na tua nobreza de cortezão do grande rei; sei que és, e te ponho de lado...

— Supponhamos...

— Eu não supponho, tenho a certeza: és tão vaidoso mettido nessas vestes de fidalgo, como é modesta a mais angelica formosura escondida nas nuvens desse dominó preto...

— Enganas-te comnosco, dominó azul; eu levo pelo braço uma velha tão feia, como tu és impertinente, massante, e pobre de espirito.

— Tudo isso e mais que te pareça; mas enganar-me comvosco, não!... queres que te diga!... o bello *dominó* preto se disfarça mal e se atraiçôa muito...

— Como, importuno?...

— Atraiçôa-se pela graça do andar... não conheço duas pessoas que andem assim... se eu fosse indiscreto, repetiria o seu nome em voz alta...

— Pois bem... chega-te mais, e nol-o diz em voz baixa.

Rosina não prestara attenção ao *dominó azul;* vendo-o, porém, aproxima-se della a ponto de quasi se tocarem, recuou um passo.

— Oh! mal sabes quanto te respeito!... disse elle: sabel-o-ás conhecendo-me, e has de conhecer-me, ouvindo-me pronunciar o teu nome!...

E chegando-se de novo a Rosina, disse, abaixando, quanto pôde a voz:

— Chamas-te — Eleonora!

Rosina estremeceu.

E o *dominó azul* fugiu apressado e desappareceu por entre a multidão.

— Que estontecado!... observou Ursini á filha.

Rosina intrigada, ou commovida, ou emfim palpitante e curiosa pela mais doce suspeita, procurava descobrir, tornar a ver o *dominó azul*, e nesse infructuoso empenho apenas notou em um outro *dominó* não *azul*, mas *vermelho*, que immovel a considerava de perto, e cujos olhos brilhavam chammejantes.

O baile começava a interessar a donzella ainda ha pouco tão indifferente a elle.

Meia hora depois e no tempo em que Rosina preoccupada corria com pesquizadoras vistas todos os camarotes e o immenso salão, onde se misturavam em turbilhão centenas de mascaras, o *dominó azul* entrou no seu camarote, e batendo no hombro de Ursini disse:

— Que pena, cavalleiro!... não jogas esta noite!...

Rosina estremeceu de novo e logo voltou-se e embebeu os olhos no *dominó azul*.

— Outra vez este abelhudo!... querem ver que és meu parceiro de jogo?...

— Não: só te conheço pelo mal que me tens feito; mas estás comprehendo do meu odio, porque és pae daquelle *dominó preto*.

— Como és tolo!... eu não tenho filha... sou solteiro e quero casar-me: tens alguma irmã bonita?...

— Pobre cavalleiro! desejo muito que não te ouçam fallar porque saberiam todos quem és, e portanto quem te acompanha: finge-te mudo para não confessar a tua nacionalidade.

— Se eu sou turco!...

— Da Corsega.

Ursini pareceu confundir-se, e desatou a rir para esconder a confusão.

Mas Rosina levantara-se anhelante e em agitação que occultava sob a mascara: indo ao *dominó azul*, perguntou:

— Quem és tu, e que pretendes?...

— Quem sou eu, já o sabes: não t'o disse no salão?... pelo teu nome adivinhaste o meu.

— Tu te enganaste com o meu nome, *dominó* pretencioso.

— Ah!... em tal caso eu ter-me-ia sómente enganado com o teu coração!...

Rosina vacillava e embebecia-se, tinha medo e exultava, attenta ouvia, e cubiçosa tentava, mas debalde, ver atravez da mascara o rosto do *dominó azul*.

— Que diz esse diabo azul?... perguntou Ursini.

— Digo que o *dominó preto* e eu já nos conhecemos e nos desconhecemos para reconhecer-nos tarde neste mundo e empraza-dos para o outro!...

Rosina recuou a tremer do abalo e talvez de felicidade e sentou-se, suffocando um suspiro.

— Até que enfim!... exclamou Ursini; já sabemos quem és sem te saber o nome.

— Quem sou?...

Um doido alegrão fugido hoje do hospicio, onde marcava conferencias nos paincios da eternidade.

— Doido?... talvez: póde ser que tenhas razão: doido!... sim... eu tive uma *visão!*... a *visão* do *dominó preto!*

— Insensato! só poderia ser *previsão!*...

O *dominó azul* continuou a fallar.

— Doido!... sim... porque cheguei a sonhar no céu a maior gloria da terra, e hoje choro, e padeço porque me mataram a es-perança da gloria do céu realizada na terra!

Rosina escutava transportada o *dominó azul*. era Angelo que lhe fallava: só Angelo podia dizer-lhe, repetir-lhe pensamen-tos e palavras de suas cartas depois de tel-a chamado Eleonora, e de haver alludido ao quadro da *visão* do Tasso.

Oh! Angelo a amava, e arrependido chorava a perda de suas esperanças de amor!...

Mas Ursini, intrigado e já indicando-se suspeitoso e impa-ciente, disse ao *dominó azul*:

— E's um guapo asneirão, ou um impertinente perseguidor desengraçado! já representaste o teu papel, e podes recolher-te aos bastidores...

— Submetto-me á formal despedida: boa noite, mestre Ur-sini!...

O italiano deu um salto, e perguntou:

— Diabo azul! quem és?...

— Adivinha.

— Juro que hei de sabel-o!...

— E' tão facil!

— E como?...

— Tirando eu a mascara.

Rosina ergueu-se e avançou um passo.

— Tira-a! disse Ursini.

— Aqui não.

— Onde então?...

— Em breve o saberás.

E o *dominó azul* fugiu, correndo.

Rosina lançou-se rapida até á porta do camarote; mas, em vez do *dominó azul* viu o *dominó vermelho*, cujos olhos lançavam flammas pelas duas aberturas oculares da mascara.

— Que *dominó* é aquelle, meu pae? perguntou ella que pela segunda vez reparava no mudo e sinistro observador.

— E' um dentre mil estupidos mascarados que amanhã pretenderão ter sido os heróes do baile, de que foram apenas ignorados comparsas.

Rosina recolheu-se ao camarote, e voltou á sua cadeira.

— Conheceste o *dominó azul*?... confesso que me acho perfeitamente intrigado!...

— E eu... tambem: disse Rosina, fugindo a responder e a explicar-se.

— Que brejeiro!... como diabo reconheceu-nos elle, pois que evidentemente sabe quem somos?...

Era essa a pergunta que Rosina estava fazendo a si mesma. Com toda a sua vaidade, não admittia o privilegio traiçoeiro da graça do seu andar.

Acaso Angelo se teria posto de espreita,e tinha-a visto sahir de casa em dominó?...

Acaso, estando no baile, como ella estava, tinha ouvido seu pae fallar, e o reconhecera pelo estrangeirismo da pronuncia?...

Como quer que fosse o *dominó azul* era Angelo, não podia ser senão Angelo.

A voz não era delle; mas a voz era contrafeita, disfarçada com o maior cuidado, e podia ser tanto a de qualquer outro, como a delle.

A intriga, as allusões, a indicação, a alma a fallar do passado, o coração a manifestar-se nos segredos do outro coração só podiam ser de Angelo.

O *dominó azul* era Angelo.

Rosina sentia-se feliz.

O domingo do carnaval não era o dia do seu casamento; era-o porém do triumpho do seu poder de formosura: a noite não era de noivado; mas era de suavissima e inexprimivel dita consoladora.

Rosina tinha emfim Angelo vencido, captivo confesso, solicitante e prostrado a adoral-a, a estimal-a, a querel-a, a desejal-a, escravo de seu arbitrio, abandonado á sua vontade!

Angelo, embora ainda em disfarce de carnaval, já a seus ouvidos tinha pronunciado a palavra — *arrependido* — e declarado que *chorava e padecia porque lhe haviam matado a esperança da gloria do céo realizada na terra*.

Rosina exultava.

E, nessa primeira hora de exultação, ella começara logo a experimentar dentro de si o combate que devia naturalmente travar-se entre a sua dignidade ou o seu orgulho e o seu amor.

O baile de mascaras se tornara para Rosina cheio de animação e de magia.

Em novo passeio pelo salão ella tomara parte na festa geral, ora entretendo-se com os seus multiplicados e successivos episodios, ora chegando a intrigar alegre e espirituosamente pessoas conhecidas que encontrava.

Esperançosa, quase certa de que o *dominó azul* outra vez lhe appareceria, Rosina não se impacientou por tel-o buscado debalde no salão, e recolhendo-se ao camarote, ficou tão absorvida em doces reflexões, que nem viu Propicio que pela decima vez entrara para fallar das suas proezas e das novidades do baile; mas de repente uma voz que não era a de Propicio a fez voltar-se, ver e ouvir ternamente abalada.

— Eis-me aqui! acabava de dizer o *dominó azul*, penetrando no camarote.

— Ainda! observou Ursini.

— Se eu sou homem de palavra.

— Salvo o meu direito de não querer negocios comtigo...

— Ora!... não me chamas *diabo azul?*... o diabo tenta... vim tentar-te pela curiosidade...

— De que modo?...

— Proponho-me a tirar a mascara...

— Um diabo desmascarado!... vamos a isso...

— Repito o que já disse, aqui não.

— Repito o que já perguntei: onde?...

— Espera: devo primeiro prevenir-te que amo e mereço a confiança de tua familia: tua mulher, D. Joanna, aquella santa creatura, a quem enganas tanto, ficou em casa com o pequenino?... é pena: estimara vel-a aqui.

—Oh!... querem ver que és...

E Ursini declinou um depois de outro tres nomes de amigos seus...

— Pára ahi, e não erres mais! estás me causando pena: não pódes reconhecer-me; e tens razão: sou muito mais amigo de

tua mulher do que teu; mas nem por isso ignoro que hontem perdeste ao *lansquenet* duzentos mil réis em dinheiro e o dobro sob palavra.

— Que maldito!... na verdade... mas então... estavas lá?...

— Juro que não: até hoje ainda não entrei em casa de jogo...

E voltando-se para Propicio accrescentou:

— Nem em bilhares, *arlequim;* vadio!

— Olé! exclamou o *arlequim;* queres *entroviscar-te* commigo?...

— Perdôa! respondeu o *dominó azul;* fui indiscreto... bem sei que andas fingindo contricção...

Ursini conteve Propicio que fizera um movimento de ameaça.

O *dominó azul* inclinou-se respeitoso deante de Rosina, e disse:

— Bello *dominó preto,* accuso-te de ingratidão!... agora frequentas menos a casa de tua madrinha... fazes mal: D. Clotilde é a melhor de tuas amigas, e no que ella te diz... e te aconselha... Deus a inspira!...

— Como sabes tanto?... perguntou Rosina, disfarçando a voz, que lhe sahiu balbuciante.

— Não preciso dizel-o, porque não o ignoras.

O *dominó preto* não replicou; mas pareceu observar com ancioso cuidado os dous mascaras seus companheiros, que trocavam palavras em segredo, e se mostravam enredados e curiosos ao extremo.

E, todavia, a unica enredada era Rosina que não podia adivinhar o accordo e a combinação do *dominó azul* com o *cavalleiro* e o *arlequim,* a quem apparentemente confundira.

Rosina começava a temer que Angelo se atraiçoasse demais...

Ursini rompeu o silencio, que por momentos durára.

— Rendidos á discrição! disse elle ao *dominó azul; tu nos* reconheceste, e te manifestas amigo, e da confiança da nossa familia...

— Evidentemente, e além disso ardo em desejos de tirar a minha mascara...

— Para que te demoras?...

— Para causar-vos a maior surpresa: convido-vos a cear commigo: descobrirei o rosto á mesa da ceia.

— Convidas-nos para uma ceia de carnaval!... a mim, comprehende-se; mas...

— Tranquilliza-te: a ceia será em casa particular e respeitavel, e além de nós tres, ou, se quizeres, de nós quatro, ninguem mais se achará á mesa.

— Qual de nós é o convidado que deixas ao meu querer?...

— O *arlequin*.

— Rejeitado o convite com solemne desprezo; respondeu Propicio.

Ursini failou em voz natural.

— Minha filha não condescende em aceitar taes convites antes de conhecer, quem os faz.

— Paciencia: eclipsar-me-ei incognito.

— Que perdemos com isso?...

— E' questão que não me cabe resolver: por mim já ganhei bastante, pódes crel-o.

— Mas... semelhante mysterio...

— E' de carnaval: já me declarei amigo e não prescindo da surpresa. Tenho o meu carro á porta do theatro... vou esperar-vos lá... um quarto de hora... e ou iremos cear juntos ou não tornareis a ver o *dominó azul*.

E, curvando-se ainda uma vez deante de Rosina, disse-lhe:

— Minha senhora... convença seu pae!

E retirou-se a passos apressados.

Ursini e Propicio bem sabiam quem era aquelle que se retirara assim; mas fingiram-se ambos tão emmaranhados, como accesos em curiosidade.

Rosina ficara perturbada com o pedido que lhe fizera o *dominó azul*. Sua razão e sua dignidade a aconselhavam não ir á ceia: o amor, porém, a incitava ao contrario: estava perplexa, e a não querer e a desejar...

Ursini perguntou á filha.

— Suppões saber quem seja esse dominó?...

Rosina respondeu sem responder, pronunciando apenas, como admirada da pergunta:

— Eu?!!!

O amor punha outra vez em amotinação os sentimentos da jovem que tão decidida como se dissera a considerar-se morta na terra para o coração de Angelo, sentia-se reviver para elle ao encontral-o solicito, apaixonado, e impetrando-lhe perdão nesse baile de mascaras que ella abençoava.

Talvez concorresse muito para essa desordem e alteração de idéas, para esse irreflectido enlevo de Rosina o fortissimo contraste que ella experimentara da lembrança afflictiva com a

surpresa do amor que inesperado viera aditar-lhe a alma: o contraste fôra fortissimo: a noite de noivado perdida era noite de reconquista do noivo amado!...

Rosina devia ter declarado desde o primeiro encontro no salão, devia declarar principalmente logo depois do convite para a ceia, que Angelo não se disfarçava para ella, e antes procurava indicar-lhe quem era envolto no *dominó azul*, mas a principio docemente enlevada pelo gozo da intriga, e no fim temerosa do Propicio, estorvada pelas confusões do pejo, arroubada pela imaginação, feliz e attonita pela felicidade, não querendo pedir a seu pae que a levasse á ceia offerecida, e almejando ser levada a ella sem constrangimento e opposição, ao menos porém com a decorosa escusa de obediencia filial, dissimulou ter conhecido Angelo, absteve-se de pronunciar-se pela acceitação, ou rejeição do convite feito, e esperou anciosa pelo arbitrio de seu pae.

Ursini, tendo-a consultado em vão, discutira com Propicio.

Em ambos patenteava-se egual o desejo de conhecer o *dominó azul*; mas Propicio repugnava, e Ursini desejava acceitar a ceia.

— E se o *dominó azul* fôr um inimigo, ou um perverso?... perguntou Propicio ao cunhado.

O italiano riu-se e respondeu:

Tu irás comnosco, e além de ti, eu levo este fiel companheiro.

E mostrou um revólver que logo tornou a esconder no seio.

— Em tal caso estou prompto, vamos: sujeito-me a ir, como convidado por condescendencia... mas tambem não vou só.... palavra de honra!...

E sacou do bolso um enorme canivete de mola, que immediatamente recolheu.

Rosina murmurou tremendo ao ver aquelles instrumentos de morte:

— E' melhor não ir...

Mas, oppondo apenas fraca resistencia, tomou o braço do seu pae, que exclamara:

— Não ha perigo... nem risco... estás a meu lado e sou teu pae! vamos! quero ver a cara desse *dominó azul*...

E sahiram.

Propicio acompanhou Ursini e Rosina.

A' porta da sahida do theatro o *dominó azul* os esperava de relogio na mão.

— Ainda bem! disse elle.

E offereceu a mão a Rosina, que a acceitou depois de ligeira hesitação.

O carro estava á dous passos e o pagem tinha a mão na portinhola aberta.

— Entremos; disse o *dominó azul*.

Rosina voltou o rosto, e olhou para traz, como a consultar ainda seu pae, turbou-se porém vendo perto a vigial-a ou a seguil-a o *dominó vermelho*.

Dessa vez o aspecto e a attitude desse *dominó* lhe pareceram de agouro sinistro; mas nem tempo teve de reflectir, e entrou no carro.

O *dominó azul* sentou-se ao lado de Rosina: Ursini e Propicio defronte.

O carro partiu: o cocheiro já sabia, onde lhe cumpria parar.

## XIV

Não longe do theatro de S. Pedro de Alcantara e em rua aliás muito frequentada, mas cuja denominação póde sem inconveniente deixar de ser mencionada, morava a mulher a quem Propicio designara pelo nome de Mme. Fortuna.

Depravada na mocidade essa mulher, uma franceza adepta dos prostibulos do Paris, viera ostentar velhice escandalosa na cidade do Rio de Janeiro. Como realmente se chamava, pouco importa; chamava-se ou tomara por nome de officio Mme. Fortuna.

Occupava uma casa de sobrado de tres janellas de grades de ferro, e de boa apparencia: alojava-se no pavimento terreo, deixando o sobrado para os hospedes que recebia em secretos aposentos. Discreto por interesse guardava a preço de ouro segredos de miseras fraquezas; corrupta e disfarçada escancarava a porta a todas as devassidões que procuravam covil.

Era nessa casa infamissima que Propicio preparara a ceia, em que sua sobrinha devia adormecer para acordar nos braços de Ernesto.

Mme. Fortuna tinha-se prestado á tudo: a meia noite a ceia estava na mesa: dous creados esperavam os hospedes; ella só, appareceria, se fosse chamada.

O carro, em que vinha o *dominó azul* com os seus convidados, parou emfim, depois de breve trajecto, á porta da casa de Mme. Fortuna.

O *dominó azul* saltou e deu a mão a Rosina, que apeiou-se tremula de commoção e de susto.

Entraram.

O carro não esperou; e Rosina que fizera um movimento de impressão desagradavel, ouvindo-o rodar em retirada, ainda mais se desgostou, quando ao subir a escada, sentiu que trancavam a porta da rua: pareceu-lhe achar-se em uma prisão.

Descansaram alguns momentos na sala da frente: as janellas estavam abertas; mas a rua deserta: apenas passava algum mascara desgarrado.

Ursini observava curioso a sala e a casa. Em verdade elle não a conhecia.

Finalmente o *dominó azul* offereceu o braço a Rosina para conduzil-a á mesa, e alli fel-a sentar-se a seu lado.

A ceia era magnifica: Ursini festejou-a com o mais cubiçoso olhar.

Rosina esperava com ancia ver descoberto o rosto de Angelo.

O italiano exclamou com alegria:

— Estamos á mesa; é a hora!...

O *dominó* azul o comprehendeu e fez um signal aos creados, que se retiraram.

Levou então as mãos á mascara; mas antes de tiral-a, disse:

— Peço perdão!... armei innocente cilada; porque resignado á perda do amor, desejo merecer ao menos amizade de Dona Rosina!...

E descobriu o rosto.

Rosina soltou um grito de terror, levantou-se.

— O senhor compadre!... disse Ursini boquiaberto.

— O senhor commendador! disse Propicio.

Rosina correu para seu pae.

— Quero ir-me embora!... exclamou.

Ernesto approximou-se della; e fallou-lhe com doçura e respeito:

— Minha senhora, não me julgue nem pelos meus desvarios passados que bastante já castigou, nem pelas más apparencias desta traição nobre que acaba de trazel-a aqui! julgue-me pela consideração com que hoje e dora avante hei-de honrar a sua virtude! esqueça e perdôe os desatinos de um velho que agora só lhe pede desculpa do passado e amizade no futuro!

Rosina mostrava-se inflexivel, teimando em retirar-se.

Ernesto redobrou de esforços, redobrando de hypocrisia.

Ursini começou a julgar inconveniente a obstinação da filha, e empenhou-se em convencel-a de que era tarde para rejeitar a ceia.

Uma pergunta de Ernesto venceu a pertinacia e a colera de Rosina.

— Minha senhora!... de que póde ter medo?...

— Medo?... respondeu ella com orgulho e viveza; eu não tenho medo do senhor.

E foi sentar-se, afastando a sua cadeira da de Ernesto.

A ceia começou e se foi adeantando.

O velho patenteou habilidade admiravel, occupando-se de Rosina: esmerou-se em paciencia, em delicadezas e em cuidados tão respeitosos e innocentes, que deviam obrigar pelo menos o reconhecimento da cortezia.

Mas Rosina tinha raiva no coração: ella jubilosa e feliz contara com o rosto e com o amor de Angelo, e, arrancada a mascara do *domínó azul*, esbarrara com Ernesto!...

A desillusão fôra horrivel!... e além da desillusão ella desconfiava, temia, e cautelosa investigava no rosto, nos gestos, nas palavras de Ernesto, de Propicio e de seu proprio pae indicios de algum trama e de traição ainda mais perigosa. A hora e a solidão da casa a apavoravam.

Ursini parecia ter esquecido a filha, devorando a ceia, e por ultimo, e depois de provar dez diversos vinhos generosos, batera palmas ao offerecimento do *Lacrima-Christi*, de que saboreou em curtos intervallos tres calices.

No emtanto Ernesto exasperava-se: a despeito de todos os seus esforços, Rosina não tocara em prato algum, e nem mesmo urgida por seu pae consentira em molhar os labios no *Lacrima-Christi*.

Ernesto e Propicio perderam a esperança que haviam depositado no somno de Rosina.

E Ursini acabava de debruçar-se sobre a mesa, donde levantara a cabeça para risonhamente estupido beber mais meio calix do vinho perfido e cahir em somno irmão da morte.

A desconfiança de Rosina aggravou-se, vendo o pae naquelle torpor suspeitoso, e apanhando de relance uma troca de signaes entre Ernesto e Propicio.

Afigurou-se-lhe que Ernesto interrogara com um gesto, e que Propicio, com energia de olhar, e com meneio forte do punho, aconselhava força e violencia.

Ella não se tinha enganado.

O velho, porém, ainda empregou novo esforço para induzil-a a libar o vinho entorpecedor.

Vendo a taça quase levada a seus labios pela mão de Ernesto, Rosina empurrou-a rudemente, fazendo entornar o vinho sobre a mesa, e levantando-se subita foi a seu pae, chamou-o em grita, segurando-o e puxando-o pelos punhos, e recuou espavorida por não poder despertal-o...

Com a alma e o medo nos olhos procurou e espreitou Ernesto e Propicio...

Oh!... Ernesto erguera-se tambem, e avançava para ella com a lascivia chammejante no rosto, e Propicio, já em pé, correra a fechar a porta do corredor, por onde tinham entrado para a sala da ceia.

Rosina viu, sondou, reconheceu tudo com o olhar instinctivo da defesa desesperada, e empurrando com suprema força Ernesto que se lançava a ella, o que foi, para não cahir, apoiar-se na mesa, precipitou-se pela porta do outro corredor, que tambem conduzia á sala da frente, como aquelle de que Propicio já lhe fechara a sahida.

Chegando á sala, e ouvindo os passos de Ernesto e Propicio, que corriam a perseguil-a, Rosina, tomada de terror e desespero, arrastou uma cadeira até a grade de uma das janellas, subiu a ella e pondo um dos pés sobre o parapeito da sacada, mediu, curvando a cabeça e com rapido olhar a altura da janella, e o medonho perigo da quéda, e immediatamente voltou o rosto e olhando para trás, esperou...

Esperou, coitada, apenas um momento, hesitando instinctivamente ante a morte que se lhe afigurara infallivel...

Mas Ernesto e Propicio romperam do corredor, e se arrojaram para ella.

E Rosina, soltando um brado de agonia, estendeu os braços, e atirou-se da janella á baixo.

## XV

A carta anonyma escripta por Ursini tinha produzido os resultados immediatos com que elle calculara.

Angelo, devorado de ciumes, e com todas as antigas desconfianças reaccendidas, quiz ver com os proprios olhos a perfidia e a ignobilidade de Rosina, ou convencer-se da infame calumnia do mais perverso intrigante...

Elle não se embalava com a esperança de reconhecer a innocencia de Rosina: conjecturara que a carta anonyma lhe viera de Henrique, e portanto acreditava no aviso denunciador do vil rendimento da filha de Ursini.

Correndo á casa de sua tia, e confiando-lhe a carta, quiz deixar-lhe nella, com a accusação de Rosina, o fundamento do seu mais profundo desprezo dessa donzella hypocrita e refalsada, e a explicação ou desculpa de qualquer acto de desesperação ou de insania que elle pudesse praticar; porque não tinha mais consciencia da sua razão, e menos ainda da fortaleza de seu animo.

Já vinte vezes em uma hora um pensamento horrivel e criminoso passara com azas negras pelo espirito de Angelo...

O seu amor tão santo desnaturava-se pela segunda traição que viera esmagal-o com o peso de ludibrio infernal. O seu amor cahia das alturas brilhantes do céo, nos fundos e escuros abysmos do inferno.

Angelo estava aborrecendo a vida... sinistra vingança agitava-se em redomoinho no seu animo...

Elle imaginava o castigo de um remorso para Rosina... antes porém queria ver tudo...

Tomou o primeiro *dominó* que lhe apresentaram: era *vermelho*...

Angelo sorriu-se lugubremente, vendo no *dominó* a côr de sangue: afigurou-se-lhe um prognostico.

Mascarou-se e partiu...

No theatro de S. Pedro de Alcantara encontrou sem difficuldade o *dominó preto* com fitas escarlates: reconheceu Rosina, Ursini e Propicio, e em breve no *dominó azul* o velho millionario.

A carta anonyma dissera-lhe a verdade!... Rosina era fementida e impudica!...

O que Angelo soffreu nesse baile de mascaras, seguindo Rosina, perseguindo-a com a sua presença mysteriosa, com a sua observação teimosa, com o seu silencio suspeitoso, o que elle soffreu, abafou, e devorou em horrida e torturadora mudez, não é possivel descrever-se.

A palavra é insufficiente para exprimir a dôr inconcebivel da victima, cujos ossos eram despedaçados no cavallete das torturas.

Assim foi a dôr de Angelo com a differença que não eram seus ossos, era o seu coração que despedaçavam.

Quando o carro partiu, levando Ernesto e Rosina, e os dous miseraveis cumplices, sahiu do peito de Angelo um gemido alterado pela raiva.

Um mascarado exclamou:

— Tigre á gemer!... bem imitado... arreda!...

Angelo não ouviu a exclamação: lançara-se atraz do carro: correu, voou com as azas da furia... parou vendo o carro parar, estacou affrontado pela fadiga e pela colera, vendo Rosina, Ernesto e os dous cumplices entrar naquella casa que não era a de nenhum delles, e cuja porta se fechou immediatamente.

Que algum homem que tenha amado devéras, se imagine na situação de Angelo!

A reflexão calma e prudente, o conselho da sabedoria, são faceis para quem não está conjecturando, adivinhando a felicidade de um rival, e as condescendencias, as submissões e os favores da mulher extremosamente amada.

Angelo ficou em pé e immovel a olhar como insensato a casa em que estavam fechados Ernesto e Rosina.

Penetrara em sua alma uma convicção hedionda, negra, horrorosa; a convicção de que Rosina desde aquella noite era escrava de Ernesto por sacrificio absoluto de si mesma.

E ainda assim elle se deixou alli a olhar a casa, e a esperar que se abrisse a porta.

Dominava-o uma unica e inabalavel resolução: queria a todo transe e encarar de face Rosina, e obrigal-a a encaral-o um instante, e depois fugir-lhe para vingar-se, lançando-lhe na vida o remorso funebre e medonho.

Angelo era como victima moribunda que deseja cravr os olhos em seu algoz, antes de expirar, para deixar-lhe, na lembrança desse olhar, perpetuo tormento perseguidor.

Adeantava-se a noite: os sinos das egrejas tinham já annunciado duas horas da madrugada, e Angelo immovel, como estatua, estava em pé defronte da casa maldita.

Mas de repente estremeceu sobresaltado... viu Rosina em *dominó preto* subir impetuosa e mostrar-se erguida sobre a sacada do sobrado... viu-a dobrar-se e sondar a altura... o espaço, que havia até as lages da rua... oh!... viu, adivinhou fuga... perseguição... angustia... tremendo perigo...

Angelo avançou alguns passos...

Era tempo!...

Rosina precipitara-se do alto do balcão na rua...

Angelo estendeu os braços, e recebeu nelles o bello e mimoso corpo, e embora titubeando ao choque, e ao peso que pelo movimento physicamente accelerado se reduplicara, pôde sustel-se em pé.

Tinha sido herculeo o esforço, e o nobre mancebo ainda fortemente abalado pela impulsão que soffrera e pela vigorosa resistencia que oppuzera para impedir que Rosina cahisse sobre as pedras da calçada, accommodava em seus braços a infeliz donzella completamente desmaiada, quando ouviu Ernesto e Propicio a reclamal-a, e erguendo os olhos, a ambos distinguiu debruçados na sacada.

Angelo já não tinha na alma o inferno; o acto de desespero da sua amada revelara-lhe assombrosa traição de que ella procurara e conseguira escapar, ainda mesmo expondo-se á morte: não vacillou... tinha nos braços o seu amor e na consciencia dever sagrado a cumprir: partiu accelerado, levando em Rosina um deposito que a providencia de Deus lhe confiara.

---

## EPILOGO

Ás dez horas da manhã da segunda-feira do carnaval Joanna estava só e debulhada em afflictissimo pranto.

Ursini por um lado e Propicio por outro tinham sahido em procura de Rosina, ou a recolher indicios do seu destino.

Clotilde entrou precipitada em casa da amiga e comadre.

— Trago-te consolação!... disse.

Joanna lançou-se á Clotilde, gritando:

— Minha filha?!!!

— Escreveu-te.

— E onde está ella?...

— Não sei; mas se suppõe feliz, e eu creio que o será.

— Oh!... Rosina!...

— Ouve.

Como Joanna não sabia ler, Clotilde abriu a carta de Rosina e leu o seguinte:

"Minha querida mãe: — Na noite de hontem escapei á mais perversa traição e á ultima ignominia, atirando-me da janella de alto sobrado abaixo: um *anjo* me livrou da morte; vou ser esposa desse *anjo*. Console-se: julgue-me tão ditosa, quanto posso sel-o, sentindo uma unica, mas pungente magoa, a da separação inevitavel de minha querida mãe. Vou para muito longe; confie porém em Deus: havemos de tornar a ver-nos. Oh, minha santa mãe!... abençoe-me!... abençoe o noivo de sua filha!... adeus!... até um dia. — Rosina".

Quando Joanna pôde fallar, murmurou:

— E nem uma palavra para o pae!!!

— Mostrar-lhe a carta de Rosina e perguntar-lhe porque ella o esqueceu tão cruelmente.

— Clotilde!... que sabes tu?...

Rosina esquecera o pae para não accusal-o; mas Clotilde não tinha o mesmo dever de poupal-o.

As duas amigas conversaram longo tempo em segredo.

O castigo de Ursini aggravava-se.

.. .. .. .. .. .. .. .. .. .. .. .. .. .. .. .. .. .. .. .. .. .. .. .. .. ..

Rosina tinha desapparecido da casa de seus paes, e Angelo desapparecera da cidade do Rio de Janeiro.

Henrique conseguira saber que o seu amigo alforriara o escravo, e déra poderes a um procurador para alugar a casa que herdara de seu pae. O mais não houve quem lho explicasse; elle porém adivinhou.

Um anno correu e em Fevereiro de 1871 Henrique recebeu da Europa uma carta de um pintor, filho da nossa academia, e portanto seu irmão de arte e de escola.

A carta era longa, historiava a guerra da Allemanha e da França e os desastres pasmosos desta; mas continha alguns periodos, que servem para remate da historia da — *Namoradeira*. —

E' de obrigação transcrevel-os aqui.

"... Força nos foi fugir em debandada de Paris que ia ser sitiada e bombardeada: a nossa colonia de brasileiros dispersou-se: uns foram para Bruxellas, outros para a Italia, eu e alguns mais nos retiramos para Lisboa.

"Palavra de artista e de brasileiro que acertamos!... fomos encontrar em Lisboa o cantor de Colombo, o pintor de quem a indifferença da gente da nossa patria quebrou estupida e criminosamente a palheta, encontramos o *Porto Alegre*, consul do Brasil naquella capital, um velho de annos e jovem de enthusiasmo, de inspiração e de patriotismo, um amigo, um pae, e um mestre.

"Que horas de amena e proveitosa palestra, de lição, de experiencia, e de patrioticos arrebatamentos temos passado e gozado na companhia desse illustrado artista e poeta brasileiro, cuja casa é aqui a imagem do nosso Brasil, hospitaleiro, expansivo, amigo e consolador!...

"Mas vou dar-te uma noticia que te será grata: eu tinha encontrado em Paris, e tornei a encontrar por vezes em companhia do *Porto Alegre* o nosso esperançoso e modesto Angelo.

"Tanto lhe avantajamos e louvamos o talento, e até o genio, que o *Porto Alegre* exigiu com a sua autoridade de mestre ver e apreciar alguma de suas obras.

"Angelo muito confuso e enleiado cedeu, emprazando-nos para ir jantar com elle em sua casa.

"Nenhum de nós faltou, e Angelo duvidoso de si, e sempre timido exhibiu duas paisagens que eram recordações saudosas da patria, notaveis pelo colorido, e pela verdadeira imagem da natureza do Brasil, um retrato que diz ser de sua tia, e que mereceu grandes louvores do *Porto Alegre*, e por fim aquelle famoso quadro da — *Visão do Tasso* — que ahi, no Rio de Janeiro, nos fez andar ás tontas, admirando a inspiração e della desconfiando.

"O nosso velho mestre enamorou-se do quadro, fez sobresahir todas as suas bellezas, abraçou com ardor o artista, e depois, estudando de novo e attentamente a *Visão do Tasso*, apontou para a figura de Eleonora e observou em tom paternal:

— Angelo! quer me parecer que déste áquelle semblante mais vida real do que devia ter: na visão do poeta o rosto da princeza, radiando de belleza etherea, fantastica e já distincta da formosura plastica pelos reflexos de divina flamma, corresponderia melhor ao arroubo do Tasso que acompanha com a alma nos olhos a amada que sóbe ao céo. Angelo!... a tua Eleonora é como se fôra lindissimo retrato...

"O jovem pintor sorriu-se.

"Nesse momento entrou na sala... quem?... imagina, Henrique!...

"Angelo foi tomar-lhe a mão e dirigindo-se primeiro ao *Porto Alegre*, disse-lhe:

" — Mestre! apresento-lhe minha esposa...

"O nosso Porto Alegre exclamou transportado:

" — Era pois um retrato!... eis ah! Eleonora.

"Henrique, a esposa de Angelo é D. Rosina, a filha do italiano Ursini.

"Que dia de festa tivemos!...

.. .. .. .. .. .. .. .. .. .. .. .. .. .. .. .. .. .. .. .. .. .. ....

.. .. .. .. .. .. .. .. .. .. .. .. .. .. .. .. .. .. .. .. .. .. ....

Dous mezes depois, em Abril, Joanna recebeu de Rosina uma carta, na qual, além de outras cousas, lhe dizia:

"Duas boas e alegres noticias!... dentro de poucos mezes serei mãe, e logo depois voltaremos para o Brasil. Se eu dér á luz uma filha e Deus m'a conservar, hei de educal-a de modo que nunca será... *Namoradeira*.

FIM

OFFICINAS GRAPHICAS
DO
JORNAL DO BRASIL

Este romance é distribuido

GRATUITAMENTE

a todos os leitores que tomam

parte nos Concursos do

JORNAL DO BRASIL

os quaes offerecem sempre

surpresas agradaveis e uteis